



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

JAX MARA DE JESUS QUEIROZ

**ENSINO DA LÍNGUA EM USO: DISCUTINDO VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

**SANTARÉM-PA
2018/1**

JAX MARA DE JESUS QUEIROZ

**ENSINO DA LÍNGUA EM USO: DISCUTINDO VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada para
obtenção do grau de Mestre em Letras pela
Universidade Federal do Oeste do Pará,

Instituto de Ciências da Educação (ICED)

Orientadora: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira

**SANTARÉM-PA
2018/1**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado Bibliotecas - SIBI/UFOPA

Q3I Queiroz, Jax Mara de Jesus
Language teaching in use: discussing language variation / Jax Mara de
Jesus Queiroz. - Santarém, 2018.
128 f.: il.

Orientadora: Ediene Pena Ferreira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de
Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Linguagem e línguas - Variação. 2. Língua inglesa - Estudo e ensino.
I. Ferreira, Ediene Pena, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 407

Bibliotecário-documentalista: Rogério Aoyama - CRB-2/1506



Universidade Federal do Oeste do Pará
 Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica
 Instituto de Ciências da Educação
 Programa De Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação
 Mestrado Profissional em Letras



PROFLETRAS

Ata da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado Profissional

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de 2018, às 08:15 horas na Sala R8 do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). **Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira** (orientadora e presidente), **Prof. Dr. Zair Henrique Santos** (membro interno) e **Profa. Dra. Iaci de Nazaré Silva Abdon** (membro externo) a fim de arguirem a mestranda **JAX MARA DE JESUS QUEIROZ**, com a dissertação intitulada **ENSINO DE LÍNGUA EM USO: DISCUTINDO VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**. Aberta a sessão pela presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

Aprovada, fazendo jus ao título de **Mestra em Letras**.

Reprovada

Recomendações da Banca:

Proceder-se a um ajuste no tratamento dos dados da pesquisa de campo.

Santarém, 05 de dezembro de 2018

Ediene Pena Ferreira

Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira - Orientadora e Presidente/Profletras - Ufopa

Zair Henrique Santos

Prof. Dr. Zair Henrique Santos - Membro Interno/Profletras - Ufopa

Iaci de Nazaré Silva Abdon

Profa. Dra. Iaci de Nazaré Silva Abdon - Membro Externo - Ufpa

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria de Fátima de Jesus Silva e ao meu pai, Américo Matias de Queiroz, os mais importantes incentivadores na minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A presente Dissertação de Mestrado não poderia chegar a bom porto sem o importante apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar agradeço a Deus.

À minha família, irmãos e sobrinhas, em especial a minha mãe, meu maior exemplo, que me incentivou e incentiva em todos os momentos da minha vida, e ao meu marido que tanto me incentivou como acompanhou minha rotina de estudo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira, por toda a paciência, compromisso e dedicação com que sempre me orientou nessa pesquisa.

Aos meus professores do PROFLETRAS

A CAPES, pelo importante suporte financeiro para o desenvolvimento deste trabalho.

À UFOPA, pela oferta do curso e por contribuir de forma inestimável com minha formação continuada.

Ao GELOPA, pelo arcabouço científico e pelo incentivo à pesquisa linguística voltada para o ensino.

A toda comunidade da escola Marechal Rondon por ter aceitado, sem restrições, o desafio de nosso projeto.

Aos alunos pesquisadores, pela demonstração de compromisso manifestada ao longo de toda nossa jornada.

Aos informantes, sem os quais, nossa pesquisa não seria possível.

E aos meus amigos, em especial, Adriano Carvalho, Iris Nogueira, M Jesus Braga e Clementina Brandão.

“A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.”

Olavo Bilac

RESUMO

Esta dissertação, que discute a língua em uso, sobre o fenômeno da variação linguística, faz parte de um trabalho realizado com alunos do 9º ano, da escola Marechal Rondon, incluída na rede municipal de ensino do Município de Itaituba-PA. Como suporte da pesquisa aplicou-se projeto interventivo, elaborado pela pesquisadora Marinho (2017). O objetivo central da nossa pesquisa: Verificar a produtividade de uma proposta de intervenção pedagógica que considera a variação linguística a partir de uma abordagem da língua em funcionamento em contextos diversos.

Nossa pesquisa se organiza em duas etapas, teórica e prática. Na etapa teórica os alunos, pesquisadores iniciantes, participaram de quatro encontros temáticos, a saber: De onde vem a língua que falamos?, Ser brasileiro é falar português?, A variação linguística, o falar paraense. Na etapa prática, os alunos pesquisadores foram a campo, sob minha mediação, realizaram visitas à feira, a um espaço destinado para atividades dos idosos, à Associação dos Garimpeiros, ao Museu e à Câmara Municipal dos Vereadores de Itaituba. Os alunos pesquisadores realizaram entrevistas com os informantes, as quais foram gravadas para que se realizassem as transcrições. O resultado da pesquisa de campo foi discutido com os alunos no decorrer das rodas de conversas e registrado nos diários de bordo de cada aluno, assim como em nosso caderno de atividades (produto-didático). As observações, tanto dos alunos quanto minhas, deram suporte às análises presentes nesta dissertação. No momento final da nossa intervenção constatamos mudanças no “comportamento linguístico” dos alunos, consequência do que vivenciaram durante as etapas da pesquisa. Os registros, nos diários de bordo, diagnosticaram não somente o reconhecimento do fenômeno da variação como constituinte da língua, mas também respeito diante das formas linguísticas estigmatizadas pela classe privilegiada. Esse novo olhar dos alunos pesquisadores equivale um passo relevante que ratifica a necessidade de mudança para que se tenha um ensino mais produtivo de língua.

Palavras-chave: Língua. Variação. Ensino.

ABSTRACT

This dissertation, which discusses the language in use, on the phenomenon of linguistic variation, is part of a study carried out with 9th grade students, from the Marechal Rondon school, included in the municipal teaching network of the Municipality of Itaituba-PA. As support of the research was applied an interventional project, prepared by the researcher Marinho (2017). The main objective of our research is to verify to what extent the application of an interventional proposal that considers the student as agent of his knowledge and the variation as a natural phenomenon in the languages without normalizing bias, contributes to the more productive teaching of language. Our research is organized in two stages, theoretical and practical. In the theoretical stage the students, beginning researchers, participated in four thematic meetings, namely: Where does the language we speak ?, Being Brazilian is speaking Portuguese ?, The linguistic variation, The language paraense. At the practical stage, the students of the students went to the field, under my mediation, made visits to the fair, a space destined for activities of the elderly, the Association of Garimpeiros, the Museum and the Municipal Council of the Councilors of Itaituba. The research students conducted interviews with the informants, who were recorded for the transcripts. The results of the field research were discussed with the students along the wheels of conversations and recorded in the logbooks of each student, as well as in our activity booklet (didactic product). The observations, both of the students and my students, supported the analyzes present in this dissertation. At the final moment of our intervention we noticed changes in the "linguistic behavior" of the students, a consequence of what they experienced during the research stages. The logs in the logbooks diagnosed not only recognition of the phenomenon of variation as a constituent of language, but also respect for linguistic forms stigmatized by the privileged class. This new look of student researchers is a relevant step that ratifies the need for change in order to have a more productive teaching of language.

Keywords: Language. Variation. Teaching.

1 INTRODUÇÃO	9
2 LÍNGUA, VARIAÇÃO E ENSINO	14
2.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO	14
2.1.1 Variação e ensino	18
2.1.2 O que dizem as outras vozes	24
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	35
3.1 DADOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA MARECHAL RONDON	36
3.1.1 Perfil dos Pais	36
3.1.2 Perfil dos Professores	36
3.1.3 Perfil dos Alunos	37
3.1.4 Caracterização da turma.....	37
3.1.5 Sobre o município de Itaituba	38
3.1.6 O projeto interventivo	38
4 PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: RELATOS DE MOMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS VIVENCIADOS.	40
4.1 REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DA LÍNGUA PARA ENTENDER SUAS VARIAÇÕES	41
4.2 COLOCANDO EM PRÁTICA A PROPOSTA	49
4.3 NOSSAS IMPRESSÕES SOBRE O PROJETO.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	75
ANEXOS	128

1 INTRODUÇÃO

É perceptível que o ensino de língua centrado apenas em normas gramaticais tem se apresentado improdutivo para que o sujeito do aprendizado faça uso da língua nas diferentes situações comunicativas do cotidiano. Isso porque o entendimento de muitos e, principalmente, da escola é que o aluno só vai dominar a língua a partir da sua entrada no universo escolar, pois, entende-se que é nesse espaço que ele toma contato mais efetivo com o sistema da língua. Assim, acaba havendo pouco interesse com a linguagem do aluno, sendo que as experiências e o falar muitas vezes são menosprezados em sala de aula devido ao ensino de língua estar centrado numa única norma: o ensino da gramática prescritiva, a qual prega o conceito de “certo e errado” em relação ao uso da língua. Para Camacho (2011, p.48) “A tradição da instituição escolar consiste em não apenas ignorar a legitimidade da variação linguística, mas também submeter as variedades linguísticas ao critério de correção, “como uma peneira fina.” Isto é, o que fica sobre a “peneira” conserva-se como norma de prestígio (correto), e o que passa é considerado como incorreto, logo, estigmatizado.

Não se nega o ensino, o problema é que as escolas acabam trabalhando esses saberes linguísticos de forma limitada, ou seja, ensina-se uma variedade da língua, e ainda de maneira inadequada; na maioria das vezes, descontextualizada, isto é, ensina-se, praticamente, regras gramaticais, os textos, quando inseridos, são meros pretextos, servindo apenas como ensino gramatical, dificilmente utilizado como objeto principal em que os elementos linguísticos que o constituem se apresentam.

Devido aos problemas que enfrentamos em relação ao ensino, pensamos em elaborar propostas para o ensino de língua materna, porém no decorrer do processo atentamos que realizamos um mestrado em rede, como é o caso do PROFLETRAS (Mestrado profissional em letras), assim, buscamos valorizar um trabalho já realizado, voltado à temática em questão, foi o caso do trabalho da pesquisadora Clara Corrêa Marinho que desenvolveu sua pesquisa sobre o fenômeno da variação linguística, em 2017, no município de Santarém. Assim, julgamos necessário aproveitar e testar o material produzido por Marinho (2017) em outro lócus, no caso decidimos aplicar o material didático no município de Itaituba.

Marinho (2017) elaborou propostas que coincidiram com o ensino que pretendíamos realizar, assim, por que não aplicar propostas já elaboradas ao invés

de produzir, testar um produto pronto para verificação, analisando se tudo foi feito como deveria, se de fato essa metodologia contribui para o ensino de língua, se os resultados obtidos conferem, fazendo uma comparação para então disponibilizar também o material para que outros possam aplicá-lo.

O ensino proposto de língua materna foi realizado de forma diferenciada, assim, foram necessárias modificações na metodologia, uma vez que o aluno se tornou o centro, a variação linguística passou a ser vista não como uma parte, mas como constituinte da língua, essas mudanças contribuíram para um ensino mais produtivo. Valorizou-se a variedade que o aluno já dominava, isso foi desenvolvido através do material criado por Marinho (2017), que contribuiu bastante para a minha pesquisa e para o meu trabalho. Ao aplicá-lo corroborei a contribuição desse material para o ensino de língua, assim, também disponibilizei para que outros possam usar na tentativa de melhorar o ensino de língua materna. A necessidade de se trabalhar de forma diversificada deve-se ao fato, em nosso entendimento, de que o ensino de língua portuguesa centrado na norma de prestígio estigmatiza outras variedades. O que fica claro nos argumentos de Camacho (2011. p.47), pois esse afirma que:

Uma das consequências dessa atitude prescritivista é que liquidar o último reduto das camadas marginais – justamente o que lhes é peculiar e identificador – sua própria variedade de linguagem. Boa parte do tempo disponível para o trabalho prático com a linguagem em uso é irremediavelmente perdido com a repetição, ano a ano, das mesmas e inúteis listas de exceções de regras e da mesma classificação gramatical. (2011, p.47).

A assertiva só fortalece a ideia de que o ensino urge por mudanças. Devido a concepção equivocada de que se ensina variação linguística, os alunos apresentam dificuldades para entender o todo da língua, para despertar a consciência linguística. Essa problemática se perpetua pelo fato de desconhecem outras características da língua. Os conteúdos trabalhados são apresentados de forma mecanizada, fora da realidade, estigmatizando a variedade do discente, o que implica numa reflexão mais acurada sobre a língua em uso.

Percebemos que os problemas referentes ao ensino da língua ocorrem porque este ainda se orienta por uma concepção de língua homogênea, ainda que se pregue o contrário, é trabalhada como estática, única, que não muda ao longo do tempo. Mas, entendemos que a língua é heterogênea, sendo assim, constituída de

várias formas, várias normas dentro de uma única língua. Nesse sentido, Faraco (2008, p.71-72) constata, ecoando vozes de vários linguistas, que, “a língua é em si o conjunto das variedades. Ou seja, elas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, elas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua”.

Logo, ao entender que não existe uma única forma de linguagem, é interessante que os alunos observem isso. Porém, parte do ensino até então praticado limita, induzindo o aluno à passividade, porque na maioria das vezes ele apenas recebe o conteúdo, e isso só o faz seguidor de regras. Assim, na tentativa de aplicar e disponibilizar o material para que se entenda que a língua em uso seja objeto de ensino-aprendizagem, desenvolvemos esta pesquisa voltada à variação linguística com o propósito de testar a proposta elaborada por Marinho (2017), material que mostra que a variação é uma característica importante nas línguas, tornando-se, assim, relevante a compreensão dos alunos sobre o fenômeno.

O que temos percebido é, analisando alguns livros didáticos como os de Leila Lauer Sarmiento, LEITURA. PRODUÇÃO. GRAMÁTICA, da editora Moderna, e de Cereja e Magalhães, Português: linguagens, disponibilizados para o uso em sala de aula, que a variação é vista como um conteúdo a ser ensinado, o conteúdo programático encontra-se em anexo na página 130, tal qual outros temas como concordância, regência, colocação pronominal entre outros. Percebemos, assim, a inadequação desse material, visto que não colabora para o ensino de língua, na verdade o efeito é contrário, porque induz ainda mais ao preconceito linguístico. Podemos corroborar isso em uma análise realizada por Faraco e Zilles (2015) em relação ao tratamento da variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa destinados ao segmento escolar das antigas 5ª a 8ª séries, obras analisadas e selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático, do Ministério da Educação, em sua edição de 2008. Com a análise os autores Faraco e Zilles (2015, p.191) constataram que: “essas obras, apesar de seus aspectos positivos, apresentam diversos problemas no tratamento da variação linguística, devido, sobretudo, à adesão de seus autores a uma abordagem essencialmente transmissiva dos conhecimentos linguísticos”.

Verificando essa análise mais atual percebemos que não houve muita alteração em relação ao ensino de língua trabalhado no livro didático, uma vez que em 1997, Britto já ressaltava que:

“e ainda que as produções mais recentes de livros didáticos tenham mostrado a preocupação de incorporar e um perfil mais moderno, assim como valorizar tratamentos considerados politicamente corretos de temas sociais, não há evidências de que tenha havido mudanças substanciais.”

Inferimos, assim, que a prática normativa se mantém, o sistema induz a uma fórmula pronta que, apesar das modificações, não deixou de ser um compêndio da gramática.

Com a difícil tarefa de ajudar nossos alunos procuramos instigar o conhecimento, proporcionar aos discentes tanto a inclusão quanto uma reflexão diferente em relação à língua. Para tanto, o discente se tornou o agente pesquisador, pois foi a campo agir no ambiente da linguagem, tendo a oportunidade de perceber as variedades, para compreender que a variação é um fenômeno natural, que se manifesta de várias formas.

A proposta foi desafiadora, pois tirou tanto o professor quanto o aluno da sua zona de conforto, levando-os a perceber a diversidade e, conseqüentemente, minimizando o preconceito linguístico.

Temos ciência de que qualquer tentativa de criar metodologias diferentes pode gerar certos embaraços, resistência, uma vez que a prática de ensino desenvolvida segue um padrão pré-estabelecido pelo sistema. Uma das maiores barreiras referentes ao ensino da linguagem é que alguns professores são resistentes às mudanças no que concerne ao ensino da língua em uso, contribuindo para que a maioria dos alunos desconheça a relevância da variação na vida diária.

Para realizar esse trabalho com a língua em uso, testar e disponibilizar um material para sua execução, como já citado, aplicamos um projeto interventivo, o qual deu suporte a pesquisa. O projeto interventivo com o título: Variação linguística e o ensino de língua materna no município de Itaituba-PA.

Nosso objetivo geral é verificar em que medida a aplicação de uma proposta interventiva que considere o aluno como agente de seu conhecimento e a variação como fenômeno natural nas línguas sem viés normatizador, contribui para o ensino mais produtivo de língua.

Julgamos necessário para esta investigação pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) como a de Campos (2016) sobre a temática: **Variação linguística nos textos orais e escritos de alunos camponeses** – uma proposta de intervenção, a dissertação de Dias (2016) que versa sobre a temática: **Variação semântico-lexical de Tucuruí** e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa, outras desenvolvidas no Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (GELOPA). Este grupo, o qual eu integro, está voltado ativamente para o campo da investigação linguística, especialmente no desenvolvimento de pesquisas baseadas no tripé: Norma, variação e ensino, contribuindo, assim, para o debate acerca do que seria o objeto de ensino nas aulas de língua portuguesa. No grupo GELOPA já foram realizados trabalhos sobre o tema em questão, como os de Chaibe (2016), **A variação linguística na educação contemporânea**: concepções e práticas pedagógicas; e de Marinho (2017), **trabalhando a variação linguística na escola**: uma experiência com os alunos do 9º ano fundamental. Vale ressaltar que minha pesquisa deu continuidade a de Marinho, especificamente, testou o material produzido pela pesquisadora, todavia, tendo como lócus a cidade de Itaituba.

Organizamos este trabalho em quatro seções. A primeira seção trata sobre língua, variação e ensino; a segunda discorre sobre o percurso metodológico da pesquisa; a terceira apresenta o projeto de intervenção pedagógica: relatos de momentos teóricos práticos vivenciados, ou seja, esta seção colocou em prática nossa pesquisa, momento em que ocorreram as etapas teóricas e prática, os alunos foram a campo perceber na prática o que haviam aprendido na teoria, registraram e gravaram áudio para transcrições durante as rodas de conversas; já a quarta seção traz as considerações sobre o que nos propomos a fazer e a satisfação com o resultado alcançado, consideramos positivo, uma vez que percebemos o despertar da consciência linguística dos alunos pesquisadores através de mudanças em relação à variação linguística.

2 LÍNGUA, VARIAÇÃO E ENSINO

Neste capítulo, vamos discorrer sobre língua e variação, variação e ensino, tópicos necessários, uma vez que a temática versa para o fenômeno da variação linguística.

2.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO

Não foram poucos os estudos realizados para se chegar a uma concepção de língua. Embates entre vários teóricos, como ponto de partida o linguista Ferdinand Saussure, conhecido como o pai da linguística, que concebeu a língua como abstrata e de caráter social, voltado para a homogeneidade da língua. No entanto este trabalho se utilizará da concepção heterogênea, é esta concepção que norteará nossa pesquisa.

Tanto a linguística quanto a sociolinguística têm como objeto de estudo a língua, porém esta aprofunda as pesquisas considerando dois aspectos: língua e sociedade, fatores essenciais para a comunicação. A linguagem é um mecanismo que faz parte da natureza do ser humano, que possui a necessidade natural de se agrupar em sociedade. De acordo com a sociolinguística para se analisar a língua é necessário considerar fatores econômicos, políticos e sociais. Assim, analisa-se a comunicação humana considerando o ambiente em que o sujeito está inserido, logo, abre-se espaço para as variações, ou seja, mostra-se a língua influenciando diretamente em várias áreas da vida humana.

Partindo desses pressupostos entendemos que a sociolinguística se preocupa em analisar a língua em seu uso real, concreto, no campo de ação social em que se dá a comunicação. Perceber a língua no campo das relações sociais implica reverter os conceitos de erros e desvios, é preciso aceitar e respeitar todas as normas com o mesmo valor e complexidade. Nesse sentido, percebemos que não há lugar para uma única forma de língua.

A partir dessa introdução vamos mostrar um pouco do que dizem os teóricos em relação à língua.

De acordo com Coutinho (2011, p. 24), “língua é a linguagem particularmente usada por um povo”. Podemos compreender, assim, o caráter social da língua a partir do momento em que uma determinada comunidade se apropria e faz uso dela.

Dessa forma entendemos que a língua é passiva de mudanças, adaptável, logo, heterogênea. Nesse sentido Bagno (2014, p. 116) afirma que, “A língua não existe. O que existe concretamente são falantes da língua, seres humanos com história, cultura, crenças, desejo e poder de ação”. Essa afirmação reflete o caráter variável das línguas. A variação é movimento comum e natural de uma língua, que varia, sobretudo, por fatores históricos e culturais. A língua é um sistema não unitário

em que se entrecruzam diversos subsistemas, resultados de situações sociais, culturais e geográficas diversas. “Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo”. (BAGNO, 2000, p. 22).

A língua efetivamente falada pelos brasileiros apresenta diversas variações, as quais resultam do contato da língua com o ambiente. Portanto, do contato da língua com o espaço físico em que é falada, resultam as diferenciações regionais, por exemplo, do carioca e o falar do paulistano. As diferenças geográficas são mais marcantes em termos da pronúncia e do vocabulário. Como, por exemplo, os nordestinos que são reconhecidos pela abertura das vogais das sílabas pretônicas. Nesse sentido, Castilho (2010, p.198) ratifica ser a variação geográfica a mais perceptível: Quando começamos a conversar com alguém, logo percebemos se ele é ou não é originário de nossa região.

De acordo com o exposto é possível falarmos em variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica, em que se enquadram os aspectos históricos, geográficos e sociocultural.

Para entendermos cada definição tomamos como base a apresentação elaborada por Bagno (2009):

➤ Variação diatópica - também chamada de regional ou geolinguística, é a variação linguística existente nas diferentes regiões em que determinada língua é falada.

Ex.: A palavra “mandioca” que, em certos lugares, recebe outras denominações, como “macaxeira” e “aipim.

➤ Variação diastrática - é a diferença no sistema linguístico observada entre diferentes estratos da população, que tem entre si distinções sociais e/ou culturais, decorrentes do nível de escolaridade, do local de origem (urbano/rural) etc.

Ex.: As gírias, os jargões.

➤ Variação diamésica - comporta as diferenças existentes entre as modalidades de expressão da língua: oral e escrita. Nessa categoria, acomoda-se o conceito de gêneros discursivos.

Ex.: Tchia (fala carioca) x Tia (escrita); Vô cume (oralidade) x Vou comer (escrita)

➤ Variação diafásica – dentro de um grupo mais homogêneo possível tornando-se a mesma época, mesma região, mesmo nível social, mesmo sexo, idade

e profissão dos falantes, pode ocorrer variação diafásica, isto é, o uso diferenciado que o indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento em determinada situação.

EX.: Vamo sentar aí, galera; queiram se sentar, por favor. Oralidade.

Hoje aconteceu os treinamentos oficiais; hoje aconteceram os treinamentos oficiais. Escrita.

➤ Variação diacrônica – chama-se variação diacrônica o fenômeno pelo qual na, prática corrente, uma língua não é, jamais, numa época, num lugar e num grupo social dado, idêntica ao que ela é noutra época, noutra lugar e noutra grupo social.

Ex.: Vossa mercê > Você > Cê; Em boa hora > Embora

Assim, de acordo com o exposto, concordamos com Geraldi (1997, p.50) ao afirmar que “ A língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterogêneas, isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua”. Para o autor, a variação é uma característica da língua que exerce o papel de comunicação na sociedade, portanto, não existe variação melhor ou pior que a outra.

Ilari & Basso (2006, p. 195) corroboram o conceito de Geraldi ao afirmarem que:

Essas diferenças fazem parte da vida de todos os dias e afetam a cada um de nós, porque, independentemente de quem somos, é normal que mantenhamos algum tipo de interação com pessoas de outras classes sociais, de outra idade, de outro sexo, assim como é normal para qualquer um de nós produzir textos escritos e falados que utilizam formatos diferentes.

Para o autor, é necessário que se percebam e entendam essas diferenças, pois indubitavelmente a língua varia, assim é preciso adaptar-se tanto ao locutor quanto ao meio em que se está inserido.

Na mesma linha de raciocínio, podemos citar Soares (1989, p.42) quando afirma:

[...] do ponto de vista puramente linguístico, é inadmissível usar os critérios de “certo” e “errado” em relação ao uso da língua. O que se considera “errado” não é linguisticamente melhor nem pior que o que se considera “certo”; é apenas, aquilo que difere da norma de prestígio, socialmente privilegiada.

Ainda nessa linha convém citar Bagno (1999, p.48), o qual afirma não haver nenhuma variedade nacional, regional ou local intrinsecamente “melhor” ‘mais pura’, ‘mais bonita’, ‘mais correta que outra’.

Percebemos que os autores compreendem o fenômeno da variação de forma semelhante. Indubitavelmente, ao analisar as contribuições desses autores, observamos que toda variedade linguística atende às necessidades comunicacionais de quem a utiliza.

Variação e mudança ocorrem em subsistemas constitutivos de uma língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, estilístico-pragmático, lexical). Vale ressaltar que o conjunto dessas mudanças constitui a evolução dessa língua. Bagno (2009, p. 21), ao abordar a temática, explica e exemplifica essas ocorrências em cada um dos níveis mencionados.

➤ Variação fonética-fonológica- ocorre quando uma palavra é pronunciada de maneiras diferentes.

Ex.: As diversas formas de se pronunciar o /r/, da palavra porta no português brasileiro ou a palavra titia [tsitsia], por exemplo¹.

➤ Variação morfológica – termos que expressam a mesma ideia, porém são construídos com sufixos diferentes.

Ex.: pegajoso e peguento

➤ Variação sintática – posição dos termos de formas diferentes nas frases, porém com o mesmo sentido:

Ex.: Uma história que ninguém prevê o final / uma história que ninguém prevê o final dela / uma história cujo final ninguém prevê.

➤ Variação semântica – o significado e / ou o sentido de uma palavra varia dependendo da origem regional do falante.

Ex.: Vexame pode significar “vergonha” ou “pressa”.

➤ Variação estilístico-pragmática – expressões que são usadas com maior ou menor grau de formalidade, dependendo do ambiente e da intimidade entre os interlocutores nas diferentes situações de interação, podendo ser empregadas pelo mesmo interlocutor.

Ex.: Por favor, queira sentar / Senta aí logo / Vamo sentano aí, pessoal.

¹ Todos os exemplos aqui apresentados foram retirados de Bagno (2009, p. 21)

➤ Variação lexical – palavras diferentes que se refere referem à mesma coisa.

Ex.: Mandioca, macaxeira e aipim designam o mesmo tubérculo.

De acordo também com os fatores linguísticos apresentados é perceptível a variação em níveis, o que confirma a heterogeneidade na língua.

2.1.1 Variação e Ensino

As mudanças sociais, econômicas, geográficas e tecnológicas ocorridas nos últimos anos, impulsionaram também transformações nas instituições de ensino, inclusive com uma nova percepção de língua, forçando essas instituições a reavaliar sua concepção de ensino voltada para a escola tradicional. As mudanças ocorreram, todavia, com caráter distorcido, uma vez que esse ensino “pautado” na concepção de língua heterogênea, na verdade usa esse termo para “camuflar” o ensino que ainda está voltado para o padrão, para a concepção de certo e errado, pois leva, sim, a variação linguística para sala de aula – mas de forma excludente - o que não contribui para o conhecimento da diversidade, mas para o ensino que na verdade segue um padrão.

O contexto contemporâneo abre espaço para os estudos realizados pela sociolinguística, pelo funcionalismo e por outras correntes que concebem a língua como um sistema heterogêneo e variável, ou seja, adaptável, contrariando, assim, outras concepções que concebem a língua como um sistema homogêneo. Partindo dessa concepção, um determinado grupo pode ter uma língua que vai apresentar regras variáveis em relação à norma padrão na sua maneira de falar e/ou na sua forma de escrever. A diversidade na língua fez com que alguns pesquisadores, sob a ótica da sociolinguística, priorizassem essa temática da variação linguística. O grande problema é que o sistema social vê a diferença como fator negativo, e isso já está impregnado nas relações sociais humanas.

É perceptível que, com as transformações ocorridas ao longo do tempo, as mudanças voltadas para o aspecto da língua causaram grandes impactos no ensino de língua portuguesa, pois na nova concepção de ensino, voltada para o uso, não basta mais codificar e decodificar. Nesse contexto, é necessário liberdade para agir, o aluno precisa ser ativo em seu processo de aprendizagem, ou seja, precisa pensar.

Assim o papel do professor passa a ser o de instigar o conhecimento crítico do aluno, induzindo-o a uma reflexão sobre a diversidade linguística, uma vez que se faz uso da língua como prática social, bem conceituado por Lucchesi (2015, p.48) uma vez que considera que este considera que,

As línguas se formam nas relações sociais entre os indivíduos de uma mesma comunidade, ao tempo em que são o meio que possibilita as formas superiores de relação social que só a espécie humana atingiu. Assim, a língua é dialeticamente produto e veículo das relações sociais humanas.

A percepção de que as variações da língua precisam estar ao alcance do conhecimento dos alunos, ainda, precisa aflorar na maioria dos professores de língua materna, posso dizer com propriedade em relação aos colegas do ensino fundamental, com os quais tenho contato direto, pois o ensino voltado para a gramática normativa é predominante na escola. Tais educadores consideram que a instituição escolar é um local apropriado para se aprender e utilizar a norma de prestígio da língua. Subtende-se, assim, que as demais estão inadequadas, muitas vezes, nessa perspectiva é fortalecida a ideia de que na fala é aceitável a variação não prestigiada, ainda que esteja inadequada, mas na escrita está totalmente errado. Então fica claro, portanto, que não há, na verdade, espaço para outras variedades. A esse respeito. Bagno (1999) afirma que:

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo, assim, sua linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização. (BAGNO, 1999, P. 15)

Assim, é notório que o grande problema deixa de ser linguístico, passa a ser cultural, social, uma vez que o desempenho escolar depende muito do contexto em que o aluno está inserido.

O grande problema é que ao acreditarem e traçarem suas práticas de ensino nesse princípio, descartam outras variedades que pertencem distintas culturas, mas nem por isso são inferiores as outras. Partindo desse pressuposto, essas precisam ser reconhecidas e valorizadas, uma vez que são legítimas e pertencem à língua. A concepção de ensino utilizada na escola reforça a ideia tida pelo aluno de que o ensino de língua portuguesa seja é difícil, uma vez que é concebido como algo afastado da

realidade dele, isso porque o ensino é voltado, prioritariamente para a normatividade, uma receita pronta e acabada. Nesse contexto, Bagno (2004, p. 56) afirma que, “esse ensino repetitivo e reprodutor só consegue atingir um objetivo: aprofundar o abismo entre a língua real e o padrão ideal, diminuir a já baixa autoestima linguística dos brasileiros”. Essa forma de ensinar a língua em que não considera o seu real funcionamento impede o desenvolvimento da consciência linguística do aluno, implica não entender a heterogeneidade da língua.

A língua é caracterizada pela multiplicidade de formas e pelas mudanças que, constantemente, estão inseridas dentro de sua formação e evolução. Essa concepção precisa penetrar no espaço escolar, criando mecanismo para lidar com a diversidade linguística. Para tanto, o professor é um dos maiores responsáveis para esse entendimento em relação à língua, mas muitos educadores ainda precisam desenvolver uma nova postura em relação ao seu ensino. Nessa perspectiva Faraco e Zilles (2015, p. 35) sustentam a ideia de que:

Há que se desenvolver uma nova atitude do professor de língua portuguesa. Ele precisa se lembrar, antes de tudo, de que não vai ‘ensinar’ o que os alunos já sabem, ele não vai ensiná-los a falar português. O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa.

Acredito que essa nova postura do professor em relação ao ensino permite dar voz ao aluno, tornando-se possível conhecê-lo, entender a que comunidade de fala ele pertence, que práticas de letramento ele tem vivenciado. Esse entendimento permite valorizar a variedade do aluno e traçar formas mais profícuas em relação ao ensino de língua,

Apesar dos vários estudos referentes à variação linguística, parece-me que o conceito de variação ainda não foi perfeitamente entendido, pois a variação, ainda, continua sendo vista como um desvio, erro, uma parte da língua. Isso faz com que nos livros didáticos, como já mencionado, a variação apareça como um capítulo, ficando bem marcado por ser para alguns um instrumento que conduz o ensino, talvez seja o grande empecilho devido a fala incomum, já que esse material induz ao ensino de regras, pois traz atividades que usam a fala de alguns personagens rurais como exemplo de desvio da língua. Nesse sentido, Faraco (2008, p.177) aponta que "nos livros, os fenômenos de variação são ainda marginais e maltratados (são abordados

tendo a cultura do erro como pano de fundo)". Quando se fala em variedade linguística, predominam referências à variação geográfica (sem dúvida, a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceito que a variação social). [...] parece que não há livro didático que não tenha uma tira do Chico Bento – que, diga-se de passagem, – está muito longe de representar, de fato, uma variedade do português rural. É antes uma elaboração estereotipada de certo falar rural (FARACO, 2008, p.177). Tema que não deve ser trabalhado no início do ano e depois esquecido², o professor também acaba considerando a variação como um tópico da gramática, portanto, não contribui para que o aluno seja reflexivo, no sentido de usar e pensar a língua que está usando. Assim, um dos maiores problemas é a forma de se ensinar, uma vez que o ensino da língua portuguesa está voltado para o ensino da gramática normativa. Dizer, isso, porém, não implica defender que descarte o ensino da gramática, pois, este faz-se necessário em sala de aula, porém sem a ideia de normatividade, mas como reflexão da linguagem, para que se perceba o uso da língua, e não mais como um conjunto de regras que não passam por inovações.

Dessa forma, para que as mudanças ocorram, é fundamental o (re-) conhecimento das variedades, nova metodologia, voltada para a percepção da variação como um fenômeno constitutivo da língua, e não mais um desvio do falante em relação a regras de língua. Assim, os falantes precisam entender o fenômeno das variações para adequar as variáveis ao contexto em uso, uma vez que estas têm a mesma importância linguística, mas não a mesma valorização social.

Apesar da tentativa de muitos estudiosos da gramática normativa de refrear a dinâmica da língua, a mudança nos sistemas linguísticos é inevitável, sendo que a língua, por ser abstrata, muda à medida que o ser humano vai sentido novas necessidades comunicativas.

São perceptíveis as mudanças e transformações do homem, e, por ser distinto, é natural que a linguagem seja diversificada, o que deveria fomentar o ensino das várias possibilidades de linguagem. Essa diferença predispõe o surgimento de professores e pesquisadores que têm uma visão de ensino que destoa dos gramáticos. Esses estudiosos da língua veem que a gramática não é o único, nem o primordial elemento a ser considerado no ensino-aprendizagem.

² Ediene Pena Ferreira, em aula expositiva (2017).

Há tempos a língua tem sido objeto de estudo, todavia a língua falada, vítima de preconceito, só mais recentemente tem sido objeto de estudo. A língua portuguesa falada no Brasil dispõe de uma rica oportunidade de estudo minucioso, visto que envolve falantes de perfis diversos. . Nesse sentido, Bagno, (2004) afirma que “o português falado no Brasil não é uno, embora pertença a uma única língua”, ou seja, o autor atenta para a diversidade linguística, logo, fica clara a necessidade de deixar acessível esse conhecimento, para que se tire a concepção errônea de país com homogeneidade linguística.

No processo de aprendizado da língua portuguesa é possível destacar três meios importantes nos quais se desenvolve o processo de socialização da criança: a família, os amigos e a escola. Tais meios podem ser chamados de domínios sociais. Partindo desse pressuposto, o indivíduo fala de acordo com o meio em que está inserido, todavia ao adentrar a escola se depara com outra variedade diferente da dele, então adquire a concepção de que a linguagem que usa é errada, o que é inadmissível, Assim, a criança precisa ser preparada para refletir sobre a língua, entender que precisa ter acesso a outras variedades, mas isso não implica a troca de sua variedade. De acordo com Bagno (1999), “está provado e comprovado que uma criança entre os três e quatro anos de idade já domina perfeitamente as normas gramaticais de sua língua.” Entretanto, precisa adquirir conhecimento em relação às variedades para fazer escolhas linguísticas e desmistificar a noção de língua homogênea, portanto, é fundamental fazer com que o falante conheça as diversas possibilidades de uso da língua, para que ele possa escolher uma forma de acordo com o contexto, com o momento em que se dá a interação; isso, conseqüentemente, minimiza o preconceito que se tem em relação à língua. Um tema bastante complexo, pois, ainda, apresenta muitas barreiras, já que os precursores de uma norma correta são a escola, a igreja e o Estado, instituições fortes, uma vez que são a base para a vida em sociedade. Apesar de essas instituições exercerem domínio sobre os falantes, a língua muda constantemente. Nesse contexto, Bagno (2014, p.87) afirma que,

Assim, mesmo a língua falada por uma população muito isolada, sem contato com nenhuma outra sociedade – como tem sido o caso de muitas línguas indígenas brasileiras e de línguas faladas em outros lugares, como na Nova Guiné -, vai passar inevitavelmente por processo de mudança.

Uma comunidade de fala não pode ser constituída por um grupo de falantes que usa a mesma forma, pois são indivíduos distintos, que apresentam diferentes formas de linguagem. No Brasil há diversos tipos de variações linguísticas, todavia, ressaltamos, que todas as variações devem ser aceitas, pois são todas legítimas. Nenhuma delas deve ser considerada superior ou a mais correta, embora seja essa ideia a mais veiculada e mais aceita na sociedade, a ponto de se eleger uma dessas formas como a que deve ser ensinada nas escolas, confundindo-a com a própria língua. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário esclarecer que não é possível determinar uma única norma. Assim, Vieira (2011, p.17) afirma que

“Não são poucas as pesquisas que levaram à conclusão de que não existe uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas, normas distintas segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias da comunicação. É necessário, portanto, que se faça uma reavaliação do lugar da norma padrão, ideal, de referência a outras normas, reavaliação que pressupõe levar em conta a variação e observar essa norma padrão como o produto de uma hierarquização de múltiplas formas variantes possíveis, segundo uma escala de valores baseada na adequação de uma forma linguística, com relação às exigências de interação”.

Esta concepção pode estimular a necessidade de se entender melhor o fenômeno da variação linguística.

2.1.2 O que dizem as outras vozes

Julgamos necessário para esta investigação verificar o que dizem outras pesquisas realizadas sobre a temática em questão. Assim, destacamos as pesquisas de Campos (2016) sobre a temática: **Variação linguística nos textos orais e escritos de alunos camponeses** – uma proposta de intervenção; a dissertação de Dias (2016)³, que versa para a temática: **Variação semântico-lexical de Tucuruí** e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa; Chaibe (2016)⁴, **A variação linguística na educação contemporânea**: concepções e práticas pedagógicas, e

³ Os trabalhos de Campos (2016) e Dias (2016) foram desenvolvidas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa

⁴ A pesquisa de Chaibe (2016) foi desenvolvida no Programa Pós-graduação de Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa.

Marinho (2017)⁵, **Trabalhando a variação linguística na escola**: uma experiência com os alunos do 9º ano fundamental. Vale ressaltar que esta pesquisa, que ora desenvolvemos, segue os passos teórico-metodológicos de Marinho, porém, enfatizando a variação lexical e tendo como lócus a cidade de Itaituba-PA.

Quase que simultaneamente, com temáticas parecidas, as pesquisadoras trabalharam o fenômeno da variação linguística de forma enriquecedora, uma vez que propuseram, com exceção de Chaibe (2016) que realizou uma pesquisa bibliográfica, um projeto de intervenção como forma de direcionar o ensino de língua portuguesa para uma abordagem que dê a devida importância às variedades, levando em conta a língua em uso, propondo também aos professores atuantes uma reflexão sobre a concepção e o ensino de língua. Campos (2016) destaca, primeiramente, a estreita relação entre cultura e sociedade, tornando-se necessário esse conhecimento para se entender a língua. Dias (2016) investiga o fenômeno por meio das variações históricas, regionais, sociais e estilísticas, deixando clara a importância desse fenômeno, além de destacar que o papel fundamental do professor de língua portuguesa é despertar a consciência linguística no aluno para que ele reflita sobre as possibilidades de uso na língua, nas diversas situações de interação de que ele participa. Chaibe (2016), como sua pesquisa versa tanto sobre a concepção de língua como sobre a prática pedagógica, preparou uma seção para analisar o que os pesquisadores linguistas dizem sobre a variação no ensino de língua portuguesa. Assim, questionou o sentido da educação escolar e levou a discussão para entender o que se propõe para o ensino de língua.

Já Marinho (2017) trabalhou de forma ampla o fenômeno da variação. Todavia colocou o aluno como um pesquisador iniciante para que houvesse não somente a percepção, mas também o entendimento melhor da variação, tendo a noção dos diferentes modos de falar, a dinamicidade da linguagem. No primeiro momento refletiu sobre o ensino de língua portuguesa, ressaltando em parte os interesses institucionais (lucro) dos docentes (repassar conteúdo) e dos discentes (concluir os ciclos do ensino), colocado pela pesquisadora como fortes reflexos das cobranças sociais de aprendizagem. Acrescenta que, apesar de serem interesses distintos, são fortemente influenciados por forças econômicas; assim os docentes acabam impondo modelos,

⁵ Marinho (2017) realizou sua pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa, em consideração os estudos da sociolinguística, em que os docentes estão mais preocupados com metodologias do que com a reflexão linguística. Esc

os discentes, por sua vez, são obrigados a seguir esses modelos, inclusive de ensino/aprendizagem, de acordo com os interesses de cada um. A essa questão levantada por Marinho, é possível dar como exemplo o exame ENEM, pois o resultado é utilizado por muitas escolas particulares como marketing, ou seja, visam atrair mais clientes/alunos para a empresa; dessa forma o que está em questão é o lucro e não o ensino. Outro grande problema, para Marinho (2017), é a mecanicidade dos estudos sobre a língua, que são feitos sem levar em consideração o conhecimento prévio do aluno.

As pesquisas citadas trazem possibilidades de reverter essa concepção equivocada de ensino de língua, que trabalha a variação como algo isolado, o que só tem reforçado o preconceito linguístico. Nessa perspectiva, Campos (2016), apesar de ter voltado seu trabalho para o discente, acabou refletindo na prática pedagógica do docente, o que enriqueceu a pesquisa, pois possibilitou ao professor repensar seu trabalho com o ensino de língua, já que para a pesquisadora é na escola que se tem reforçado o preconceito linguístico. A pesquisa de Campos explora a variação linguística, sobretudo, a diatópica, também chamada de geográfica ou regional, privilegiando o aspecto semântico-lexical. O objetivo da pesquisa foi de possibilitar uma reflexão, a partir de uma nova concepção de língua, repensar um currículo com conteúdos e metodologias diferentes, principalmente, porque a escola em que foi aplicado o projeto de intervenção se localiza na zona rural do município de Marabá, interessante para relacionar com a nossa pesquisa que apresenta meios diferentes, pois a escola está situada na área urbana do Município de Itaituba. Dessa forma, os participantes da pesquisa apresentam realidades distintas, mas têm em comum o objeto de estudo que é a variação linguística .

A metodologia da pesquisa de Campos foi desenvolvida através da proposta de intervenção sobre a variação linguística no campo lexical. O objetivo não era apenas fazer levantamento de dados, mas permitir que os alunos fizessem uma reflexão e fossem capazes de perceber os problemas críticos em relação ao uso da língua, e essa percepção era almejada pela pesquisa.

Campos traçou a metodologia a partir da Pedagogia da Alternância, já que a pesquisa foi realizada numa escola campesina. Assim a intenção era que de fato o aluno conseguisse se integrar no ambiente familiar, no trabalho e no escolar. Além de visar a uma transformação de concepção de currículo. A aplicação envolve a comunidade escolar, por fazer parte do processo ensino/aprendizagem, e a pesquisa

também direciona o ensino para além da escola, visto que há outros espaços educativos dos quais os alunos fazem parte, e que compõem a realidade deles.

Os componentes metodológicos do percurso formativo do tempo escola/comunidade da pesquisa englobam plano de pesquisa, círculo de diálogos e partilha de saberes. Assim, no primeiro momento realizou-se o planejamento das questões que seriam elaboradas para o estudo da temática e a aplicação na pesquisa de campo, momento crucial, pois envolveu tanto educadores quanto alunos. Essa primeira etapa se concretiza no tempo/comunidade. O ápice desse momento foi a participação de educadores e alunos discutindo a melhor forma de organizar o estudo da temática, entender o fenômeno da variação, ou seja, a língua. Esse é o ponto de partida e, ainda que por uma minoria, o projeto contribuiu para pequenas mudanças em relação ao ensino de língua materna. Percebemos, assim, um resultado positivo da pesquisa.

No segundo momento ocorreu o círculo de diálogos, realizado para se fazer a análise dos dados que foram coletados na comunidade, momento importante, pois, através das informações coletadas na comunidade, os alunos puderam perceber a riqueza da linguagem, as diversas variedades, algumas idênticas à sua realidade, outras diferentes, todavia como o mesmo valor e a mesma função, que é de comunicar. Essa é a percepção que os alunos precisavam ter e à qual estamos visando para desmistificar a noção de certo e errado no ensino de língua.

O terceiro momento, em que ocorreu a troca de saberes, envolveu a família, a comunidade escolar e os educadores para a socialização do trabalho desenvolvido, visando à melhoria na qualidade das relações, momento fundamental, já que houve a participação dos envolvidos direta e indiretamente no ensino -aprendizagem.

Segundo a pesquisadora, o maior problema no decorrer da aplicação do trabalho foi conseguir desenvolver o projeto junto as outras áreas do conhecimento, já que os educadores estão acostumados a trabalhar de forma isolada, porém a pesquisa exigia o trabalho conjunto para obter melhores resultados, além de tirar a total responsabilidade de mudança por parte apenas da disciplina de língua portuguesa, visão que faz parte do ensino tradicional. Integrar todos que fazem parte do processo possibilita um novo olhar sobre o ensino, induzindo a reflexão, a transformação, ainda que mínima, no setor educacional, o que já é satisfatório.

Antes mesmo de passarmos para a apresentação dos resultados, podemos afirmar que a pesquisa foi positiva, uma vez que houve um envolvimento de todos que

fazem parte do processo tanto no tempo escola quanto no tempo comunidade. Dessa forma, várias metodologias foram trabalhadas de acordo com a área do conhecimento. Houve registro da produção escrita, cartografia da comunidade, linha migratória, áudios, filmagens e fotografias, fatores que comprovam as ações realizadas. É importante verificar tais fatores porque, também, farão parte da nossa pesquisa adequada à realidade do lócus da pesquisa, que é Itaituba-PA.

Uma das propostas levada para a turma era de que os alunos construiriam um glossário que se consolidaria a partir da realização da pesquisa de campo aplicada por eles nas comunidades onde residem, proposta enriquecedora tanto para o aluno, que percebe a variedade e a importância do léxico de sua comunidade, quanto para a pesquisadora, que trouxe para o conhecimento de outros pesquisadores a variação no campo semântico-lexical verificada pelos próprios alunos, que foram pesquisadores iniciantes, nas comunidades do município de Marabá-PA. Vale ressaltar que mesmo sendo comunidades vizinhas apresentaram diversidade no léxico. Esse tipo de trabalho foi fundamental porque possibilitou aos alunos das comunidades de Marabá um aprendizado sobre a língua a partir da variedade deles. Esse é o início para mudar o ensino de língua envolvendo a variedade linguística, que geralmente é ensinada em comparação com a variação culta da língua.

A pesquisa foi norteada a partir do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB, todavia não foram aplicadas todas as questões, visto que se priorizou as variantes dos próprios alunos, com o objetivo de que os educadores percebessem que o ensino de língua deve partir da realidade dos discentes para então adentrar a outras variantes, e os alunos a partir do conhecimento em relação à variação linguística passassem a valorizar a língua em uso, minimizando a questão do preconceito linguístico, que ocorre com frequência com os falantes da zona rural.

Para o estudo priorizou-se a diversidade diatópica. A investigação conseguiu detectar traços linguísticos percebidos a partir das ocorrências semântico-lexicais encontradas tanto nas falas dos moradores das comunidades investigadas como na dos alunos.

Os alunos-pesquisadores realizaram as atividades e fizeram a coleta dos termos linguísticos, momento crucial, pois proporcionou a reflexão da língua, já que na socialização do questionário que continha cinquenta e seis perguntas voltadas para treze moradores, que fazem parte das comunidades onde os alunos residem, percebeu-se a riqueza da variedade linguística, uma vez que a comunidade se

constitui a partir de falantes naturais de Marabá, Itupiranga, Goiás, Maranhão, Tocantins, Minas Gerais, São Paulo e Piauí, sendo assim, antes mesmo da análise já se tem noção da grande diversidade linguística presente nesta comunidade, o que nos permite afirmar que é possível realizar um bom trabalho em relação ao ensino de língua, partindo do entendimento do léxico, da variedade lexical constituída nesta comunidade.

Segundo a pesquisadora, o resultado da pesquisa de campo foi positivo, apesar da pouca experiência dos alunos foi possível, através das respostas obtidas nas entrevistas, trabalhar o fenômeno da variação lexical, fazê-los perceber que o léxico de uma língua é influenciado por fatores socioeconômico, cultural e histórico.

Na análise apresentada em apenas oito questões das cinquenta e seis ocorreu uma variante como resposta dos informantes. Nas demais houve de duas a quatro variações diferentes, esse resultado mostra o quanto a língua varia. Dessa forma, é fundamental adequar o ensino de acordo com a realidade dos alunos, ou seja, iniciar o ensino de língua partindo das variações que fazem parte do contexto do aluno para que se faça sentido a aprendizagem, posteriormente possibilitar o contato do aluno com outras variedades tornando, assim, mais fácil a compreensão. Foi o que percebemos ao aplicar o material de Marinho que ocorreu durante a aplicação desse projeto, já que a pesquisa apresentada possibilitou que os alunos levassem todas as palavras coletadas para a sala de aula para trabalhar a variação diatópica, e entender a importância do léxico utilizado por eles e pelos sujeitos das comunidades das quais esses alunos fazem parte. Isso passa a evitar o preconceito que o falante tem em relação à linguagem que ele mesmo usa, preconceito presente no decorrer das atividades, porém minimizados a partir da reflexão sobre os usos dessas lexias, enfim, isso é aprender sobre a língua. É importante ressaltar também que a aplicação deste material disponibilizado por Marinhose se tornou valioso para nós pelo fato de os resultados terem se transformados em um instrumento pedagógico capaz de interferir no ensino de língua portuguesa nas escolas que, na maioria das vezes, está voltado apenas para o ensino da gramática, e a nossa proposta é de ensino de língua, por isso não deixa de ser um suporte para o direcionamento da nossa pesquisa realizada na cidade de Itaituba-PA

Também Dias (2016) liga-se diretamente a nossa pesquisa, visto que trabalhou a variação linguística voltada para o campo semântico-lexical, todavia no Município de Tucuruí, com o objetivo de propor um ensino que leve o conhecimento

das variações linguísticas, uma vez que essas variações constituem a língua. O foco da pesquisa é propor ao aluno a compreensão do fenômeno da variação a partir da variação lexical na fala dos moradores de Tucuruí. O trabalho desenvolveu-se com a aplicação do projeto de intervenção pedagógica, através de diversas atividades das quais faziam parte a exibição de filmes, leituras dramatizadas de narrativas, música popular para que os alunos percebessem as variedades linguísticas no campo semântico-lexical.

Para a realização do trabalho, Dias adotou tanto a pesquisa qualitativa quanto quantitativa, utilizou mais de um instrumento para a coleta de dados como a aplicação do questionário piloto de base semântico-lexical do estado do Pará/97 adaptado do ALiB, todavia com adaptações elaboradas pelos próprios alunos, e fichas de informantes. A pesquisa, assim como a de Campos, visou à participação ativa dos alunos, ou seja, o discente contribuiu para a própria produção do conhecimento, além de tornar-se sujeito dessa produção. É o que pretendemos também com nossa pesquisa: fugir do ensino tradicional em que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno mero receptor. Esse método tradicional faz com que o aluno perca o interesse em aprender sobre a própria língua, já que o ensino tradicional não valoriza a língua que ele adquire antes de seu ingresso na escola. A metodologia da pesquisa de Dias se realizou em várias etapas, através de diversas atividades das quais faziam parte a exibição de filmes, leituras dramatizadas de narrativas, música popular que apresentava em sua letra variação linguística para que os alunos percebessem sobretudo a variação lexical. Foi aplicada também uma sequência didática, apesar de os alunos de fato não produzirem uma entrevista escrita, para proporcionar o contato e o conhecimento desse gênero, preparando-o para a aplicação do QSL. A aplicação do questionário semântico-lexical na maioria das vezes foi realizada pela professora, em outras acompanhada pelos alunos. Foram entrevistadas doze pessoas, tanto do sexo feminino quanto do masculino, houve a necessidade de elaborar mais perguntas que se adequassem aos aspectos urbanos. As perguntas foram realizadas pelos próprios alunos de acordo com a realidade do município, tarefa importante, uma vez que proporciona o pensar e o agir do aluno. Um dos maiores problemas foi em relação à falta de informantes, já que o questionário atendeu às exigências do ALiB, principalmente, a exemplo o quesito que recomenda que o morador deve ter nascido no município e não ter se ausentado num período superior a seis meses.

Pela análise do corpus, os alunos perceberam na fala dos moradores de Tucuruí as marcas do meio em que estão inseridos, com variações típicas do falar paraense, mas também variações que não são típicas do Estado do Pará, todavia foram incorporadas ao seu léxico devido à convivência com indivíduos de outras regiões. Essa percepção por parte dos alunos contribui para o entendimento da variação, e nesse momento o professor pode induzir o aluno à reflexão sobre a língua em uso, levando-o a valorizar as possibilidades de expressão, inclusive a do próprio discente. A proposta com esse estudo foi oferecer subsídios para o registro da diversidade da variação semântico-lexical falada em Tucuruí, possível através da coleta. Por exemplo, na análise realizada por Dias no primeiro campo semântico, que se referiu à natureza e a acidentes geográficos, os informantes mencionaram cento e quatro palavras das quais apenas uma foi citada pelos seis informantes. Esse dado comprova a ocorrência da variação lexical no município, não é possível relatar todos os campos-semânticos apresentados na pesquisa, mas todos apresentaram riqueza em relação a variação lexical. De acordo com a pesquisa de Dias, análise geral dos dados obtidos através da aplicação do QSL, os homens mencionaram 1844 (mil oitocentos e quarenta e quatro palavras) e as mulheres, 1879 (mil oitocentos e setenta e nove). E desse universo de palavras, apenas 43 (quarenta e três) foram citadas por todos os informantes, e isso permite entender, a diversidade na língua.

Como a pesquisadora já havia trabalhado o fenômeno da variação em seu TCC fez um comparativo, o que só corroborou a predominância da variação linguística no município, tanto na zona urbana quanto na zona rural, essa constatação permitiu que os alunos percebessem a heterogeneidade da língua.

O resultado da pesquisa se deu de forma positiva, uma vez que oportunizou um ensino/aprendizagem diferenciado em que o docente é levado a perceber a necessidade de se trabalhar a partir da realidade do aluno, e o discente a entender que a variação linguística é inerente à língua. O resultado é um avanço no ensino de língua, o que não significa dizer que os problemas acabaram, trata-se, de fato, de um pequeno passo para, aos poucos, ir mudando-se a concepção de língua homogênea que se consolidou na escola, mudança que é também o que nós visamos com a realização de nossa pesquisa no Município de Itaituba-PA, inclusive minimizar o preconceito linguístico que o aluno tem, principalmente, em relação à própria linguagem.

Diferentemente da pesquisa que estamos realizando e das que comentamos, até então, é a pesquisa de Chaibe (2016), realizada no município de Santarém. Dstinta por ser uma pesquisa bibliográfica, ou seja, não traz como componente da pesquisa o projeto interventivo, o qual é peça fundamental da nossa pesquisa. Todavia a pesquisa de Chaibe se torna relevante porque proporciona a produção do conhecimento, já que para a realização da pesquisa e a aplicação do projeto necessitamos do conhecimento do objeto trabalhado. Nessa perspectiva, Tozoni-Reis (2010. p.128) afirma que:

A pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que a sua fonte dos dados é a bibliografia especializada. Todas as modalidades de pesquisa exigem uma revisão bibliográfica, uma busca de conhecimentos sobre os fenômenos investigados na bibliografia especializada, mas só a pesquisa bibliográfica tem como campo de coleta de dados a bibliografia.

Assim, percebemos que embora a pesquisa seja de cunho bibliográfico é de suma importância, já que podemos nos embasar, também, nos dados trazidos por Chaibe, os quais contribuirão tanto para o entendimento quanto para a produção do conhecimento, visto que objetivamos propor um ensino diferenciado em relação à concepção de língua. Para isso, precisamos entender o que os linguistas dizem sobre a variação linguística no ensino de língua, possível encontrar na pesquisa de Chaibe, já que esta tem como objetivo geral: Investigar como as pesquisas linguísticas orientam a articulação da variação linguística com o ensino de língua. Objetiva também revisar o sentido da educação escolar; caracterizar o ideário do ensino de Língua Portuguesa na contemporaneidade; sistematizar o que a Linguística diz ser variação; discutir o que a Linguística diz ser articular a variação linguística ao ensino de Língua Portuguesa; examinar se há consenso entre os linguistas nas reflexões em torno de concepções e práticas pedagógicas que consideram a variação linguística: se deve ser mais um tópico nos planos curriculares, se inclui o ensino de gramática, se variação e gramática são relacionáveis. Para desenvolvermos nossa pesquisa sobre a temática variação, necessitamos do entendimento desses tópicos, pois eles nos dão condição para o ensino de língua considerando o fenômeno da variação linguística através de todo o contexto em que ela está envolvida. Entendemos que o ideal é reverter por meio de projetos de intervenção, como o que realizamos, a noção de variação enquanto um tópico da gramática, pois a variação é uma constituinte da língua, e esse entendimento possibilita o respeito a diversidade linguística.

Chaibe organizou a pesquisa em quatro seções, sendo que na primeira focou nos objetivos que pretendia alcançar, para então entender as mudanças que vem ocorrendo em relação ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa, o que está contribuindo para a realização da nossa pesquisa. Na segunda seção, trouxe uma reflexão sobre o sentido da educação escolar, fundamental, pois os problemas que enfrentamos em relação ao ensino de língua são decorrentes de um modelo pedagógico que visa ao adestramento dos indivíduos envolvidos no processo de ensino- aprendizagem. Porém a partir do século XX, muitas mudanças ocorreram, inclusive com o estudo da língua, surgindo, assim, uma nova concepção que valoriza todas as normas e formas de língua, mostrando que para melhorar o ensino é necessário realizá-lo a partir da variedade do aluno. Isso facilita o conhecimento de outras variedades, e principalmente uma reflexão sobre o objeto de ensino. Nesse sentido a escola é a grande vilã, por isso precisa rever suas práticas voltadas para a normatividade, o ensino apenas de regras gramaticais, o que implica a exclusão de variedades que não seguem o modelo imposto pela gramática normativa. Na terceira seção, mostrou o que diz a discussão linguística em relação ao fenômeno da variação linguística, e, de forma ampla, conceitua a variação como duas ou mais maneiras diferentes de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com mesmo valor de verdade. Porém esse conceito precisa sair da teoria e fazer parte do ensino de língua, chegando ao conhecimento do aluno para que ele perceba que não existe uma única forma correta, mas possibilidades de uso com que ele precisa ter contato para então fazer suas escolhas linguísticas de forma consciente, de acordo com a situação comunicativa. Na quarta seção, procurou mostrar como os PCN orientam prática pedagógica levando em consideração a variação linguística, destacando essa investigação como fundamental, uma vez que os PCN são considerado um suporte para o professor desenvolver suas práticas escolares. Apesar da existência desse documento que possibilita a mudança em relação à concepção de língua, as práticas escolares ainda não concebem a orientação do PCN adequadamente, ou seja, essa orientação não é posta em prática haja vista que a variação linguística é ensinada como um conteúdo. Assim, continua predominando a visão de ensino tradicional, com uma concepção de língua homogênea, que não é a orientada pelo PCN, que leva em consideração a diversidade linguística, colocando em destaque, como podemos perceber na pesquisa de Chaibe, o ensino voltado para a realidade do aluno como forma de despertar a consciência linguística. Um dos entraves para que as

orientações oficiais não sejam implementadas é a falta de entendimento ou resistência de alguns professores de língua, que não conseguem se desvincular do ensino de gramática. Assim é necessário preparar primeiramente o docente já que este é peça fundamental no que tange ao ensino de língua portuguesa.

A pesquisa de Chaibe nos permite perceber o quanto as mudanças em relação ao ensino de língua se fazem necessárias, e para isso não basta apenas ter conhecimento da variação linguística, mas entender para ensiná-la a partir do contexto em que o aluno está inserido, ou seja, o discente precisa primeiramente refletir sobre a variação em uso para então entender outras variações que também constituem o processo de linguagem, a exemplo, a norma culta, não mais concebida como a correta, mas como possibilidade de uso também, que se dará não mais pela imposição, porém pela escolha do falante, uma vez que terá consciência linguística para realizar a linguagem. A pesquisa nos confirma que já há pequenas mudanças em relação ao ensino de língua, porém há urgência em se expandir o ensino que priorize a diversidade linguística, o grande problema é que mesmo alguns estudiosos tendo o conhecimento da variação linguística ainda priorizam o ensino da gramática normativa. Para reverter esse quadro as pesquisas linguísticas, investigadas por Chaibe, destaca que o ensino de língua portuguesa deve reconhecer a língua como um fenômeno heterogêneo, variável e sistematizável, desenvolver a reflexão para o ensino que divulgue a língua em reais situações e intenções de uso e promover o respeito para as diferentes variedades. É necessário analisar e entender essas propostas de ensino para aplicarmos em nossa prática, uma vez que vamos propor em nossa pesquisa atividades que considerem a língua em uso, o aluno em participação ativa, que por meio das entrevistas deverá perceber a diversidade linguística de acordo com o contexto de cada falante. Essa atividade visa promover a reflexão do aluno em relação ao ensino/aprendizagem de língua, assim, as respostas as investigações realizadas por Chaibe contribuirão para a realização nosso do trabalho.

Optamos por fechar este capítulo com a pesquisa de Marinho (2017), visto que seguiremos os passos teórico-metodológicos realizados pela pesquisadora. A pesquisa de Marinho, voltada para a variação linguística, objetivou ensinar língua através de uma nova metodologia e uma concepção de língua diferente da adotada no universo escolar, em que o ensino é voltado apenas para a variedade culta, fator negativo já que se prioriza apenas uma variedade, mencionado de forma incisiva em

todas as pesquisas analisadas. Assim, percebemos que a fuga do modelo normativo é o grande desafio, entretanto os estudos mais recentes assim como a pesquisa de Marinho nos propõem ensinar língua partindo da variação do discente de modo que o desperte para a reflexão e conseqüentemente nele aflore a consciência linguística. Marinho, ao colocar o aluno como pesquisador iniciante, despertou nele o interesse no momento em que deixou de ser mero receptor do ensino de língua, passando a participar de forma ativa do processo ensino/aprendizagem. Detectamos, assim, que essa metodologia de ensino gerou resultados positivos no momento em que o discente se interessou pelo conhecimento, pois estamos habituados a escutar dos nossos alunos que a disciplina de língua portuguesa é difícil, que eles não conseguem aprender, problema recorrente e intrigante no ensino, uma vez que a língua deveria ser o objeto de estudo então não deveria ser ensinada fora de um contexto. Partindo desse pressuposto, o grande problema é a forma como tem sido abordado o ensino, que na verdade só tem expandido o preconceito linguístico. O resultado positivo na pesquisa de Marinho nos impulsionou, também, a realizar um trabalho de pesquisa em que o aluno tenha participação ativa, levando-o a perceber a variação com um “novo olhar”, o objetivo é que ele entenda que essa variação, muitas vezes, estigmatizada é uma parte constituinte da língua e tem valor igual as demais variações, por isso a proposta é partir da variação que o aluno domina para então trabalhar as demais variedades.

Marinho realizou o trabalho em duas etapas, visou primeiramente a preparação teórica para o entendimento sobre o fenômeno da variação linguística, não mais como parte da gramática, mas como diversidade da língua, momento necessário para dar suporte à segunda fase que foi a realização da pesquisa de campo. Nesse período, os alunos foram submetidos a ambientes formais e informais de uso da língua para que percebessem e refletissem sobre essas diferenças linguísticas, expectativa superada, uma vez que tiveram a atenção voltada para a língua em uso e perceberam que não há uma variedade superior a outra, mas o conhecimento permite ao falante fazer escolhas linguísticas. Os encontros temáticos, o caderno de atividades do professor, o diário de bordo dos alunos bem como as rodas de conversas fizeram a diferença durante este processo de ensino/aprendizagem. Através dos relatos feitos pelos alunos percebemos que houve uma mudança em relação a concepção de língua, pois o que antes concebiam como erro, passaram a conceber como diferenças linguísticas, Isso nos induz a propor o

mesmo desafio a nossos alunos, como forma de desmistificar as crenças e melhorar as atitudes linguísticas.

Foi significativa analisar essas pesquisas que tratam do fenômeno da variação linguística para entender os caminhos percorridos, os entraves encontrados e até mesmo os pontos negativos. Essa análise nos condiciona a fazer um trabalho objetivo e com mais chances de prosperar, uma vez que permite organizar melhor a proposta.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Serão descritos, nesta seção, o contexto em que se insere a Escola Municipal de Ensino Fundamental Marechal Rondon, o perfil de pais; professores e alunos; caracterização da turma; breve histórico do Município de Itaituba, lócus da pesquisa.

Está presente, também, no percurso desta pesquisa o projeto interventivo, mostrando a ideia base do projeto, a escolha da turma, as etapas, teórica e prática desenvolvidas com o alunos pesquisadores iniciantes.

3.1 DADOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA MARECHAL RONDON

As informações sobre a escola foram retiradas PPP (Projeto Político Pedagógico) da referida escola, por meio do contato direto com a coordenação pedagógica da escola.

A Escola de Educação Básica Marechal Rondon, mais conhecida como “Escola Marechal”, nasceu para atender as necessidades do município em que se encontra localizada (Itaituba-PA). Tem como unidade mantenedora: Nogueira Lima /Oliveira Ltda. Dispõe dos níveis de ensino: Baby Class ao Maternal, Educação Infantil (Jardim I, II e III) Ensino Fundamental Menor (1º ao 5º Ano), Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º, 2º e 3º série). Os níveis possuem turnos de funcionamento durante os períodos: matutino e vespertino. A escola conta com um total de 1.250 alunos.

3.1.1 Perfil dos Pais

A maioria dos pais desempenha atividades profissionais variadas: pedreiros, mecânicos, serventes, motoristas, carpinteiros, pintores, representantes comerciais, empresários e professores, apresentam renda mensal que varia de quatro a seis salários mínimos. Quanto à escolarização dos pais, esta varia entre ensino médio, ensino superior e pós-graduação (mestrado e doutorado em sua minoria).

Sobre o sistema de avaliação da escola, os pais se dizem satisfeitos, com um percentual de participação bastante significativo, fazem-se presentes nas reuniões para discussão do desempenho e entrega de boletins.

3.1.2 Perfil dos Professores

Os professores atuantes na escola Marechal possuem a formação a nível superior, uma das exigências da escola, são participativos nas atividades desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento (disciplinas); participam das discussões de organização do trabalho escolar, bem como as discussões entre escola e comunidade. A maioria dos professores tem formação continuada em serviço a fim de que seus conhecimentos sejam cada vez mais emancipados.

No tocante à participação dos professores nas atividades da escola, vemos que a maioria dos professores está envolvida nos eventos diversos: conselho de classe, reunião pedagógica, eventos extraclasse, eventos conforme calendário escolar (semana cultural e esportiva, teatro, oficinas pedagógicas, evento de Humanidades entre outros).

A metodologia utilizada visa, sempre, garantir a aprendizagem, destacam-se aulas expositivas, pesquisas, debates, diálogo, leitura e análise de textos, documentos diversos, análise de imagens, desenhos, pinturas, seminários, aulas práticas, leitura com obras visuais, exercícios diversificados e avaliação.

3.1.3 Perfil dos Alunos

A escola Marechal Rondon atende mil duzentos e cinquenta educandos do ensino fundamental e médio, em dois períodos escolares, matutino e vespertino.

Atualmente, a escola atende alunos provenientes de famílias em condições socioeconômicas diversificadas.

A religião predominante dos educandos é a católica. A vida social e de lazer dos alunos se restringe à frequência à igreja, clubes sociais e visitas familiares. Todos vivem com os pais.

3.1.4 Caracterização da turma

A turma se constitui de 37 alunos, a idade desses alunos varia entre treze e quatorze anos. A turma é participativa, apresenta um bom relacionamento, os alunos interagem uns com os outros, participam das atividades, apresentam um bom rendimento. Essas características contribuíram para o bom desenvolvimento do projeto.

3.1.5 Sobre o Município de Itaituba – Pará

Itaituba é um município brasileiro do estado do Pará, pertencente à Mesorregião do Sudoeste Paraense. Localiza-se no norte brasileiro, a uma latitude 04°16'34" sul e a uma longitude 55°59'01" oeste.⁶

É o décimo quarto município mais populoso do estado e um dos principais centros econômicos do oeste paraense. Possui o décimo terceiro maior produto interno bruto no estado. A cidade é considerada de médio porte, é uma das cidades que apresenta crescimento econômico acelerado no interior do Brasil, além de ser destaque nos vestibulares regionais, estaduais e nacionais, e no ensino da música.

O natural da cidade de Itaituba é conhecido como itaitubense. Itaituba é conhecida como "cidade pepita". A cidade é conhecida pela intensa atividade de mineração de ouro no Vale do Rio Tapajós, bem como pela grande diversidade de paisagens naturais, tais como as praias de rio que se formam durante a época de seca, as corredeiras d'água localizadas próximas ao distrito de São Luiz do Tapajós e o Parque Nacional da Amazônia.

⁶ Informações disponíveis em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Itaituba>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

3.1.6 O projeto interventivo

Primeiramente, apresentamos o projeto numa reunião destinada ao plano de ação da escola, na qual colegas professores, equipe pedagógica, direção e demais profissionais da educação que compõem o quadro de funcionários da escola ficaram a par do trabalho, e como se desenvolveria este projeto voltado para a temática da variação linguística.

A ideia para o desenvolvimento do projeto teve como base o produto elaborado pela pesquisadora Marinho (2017), como já mencionado no decorrer deste trabalho, no âmbito da pesquisa sobre variação linguística. De acordo com o objetivo da nossa pesquisa, o aluno foi o pesquisador, observando o processo de variação, porque entendemos que através do contato direto do discente com o processo torna possível corroborar que a língua é passiva de mudança, e que varia de acordo com o falante e o meio.

O nosso projeto de intervenção foi aplicado na escola Marechal Rondon, com os alunos de uma turma do nono ano do turno vespertino, da qual não sou a professora titular, mas trabalho em conjunto com a professora da turma. A escolha da turma se deu pelo fato de que estes alunos estão em transição do ensino fundamental para o médio, assim, já possuem conhecimento suficiente sobre seu idioma a ponto de rever postura e prática em relação ao entendimento do que é língua, considerando a variação como constituinte, o que contradiz o ensino voltado somente para a gramática normativa. Ainda que se trabalhe ou já se fale bastante sobre o fenômeno da variação, o projeto envolvendo essa temática se faz necessário, porque a língua e, conseqüentemente, o processo de variação se fazem presente em todas as aulas, independente da disciplina e do professor. Podemos corroborar isso nas palavras de Antunes (2007, p.123):

Devem ter uma ampla competência linguística, porque não apenas na aula de português, mas as lições de história, de geografia, de ciências de matemática também são textos e precisam ser entendidos, sintetizados e incorporados ao nosso repertório de informação.

O projeto se divide em duas etapas indissociáveis a saber: uma parte teórica e outra prática. Inicialmente fizemos nosso trabalho da mesma forma como foi proposto na pesquisa de Marinho (2017). Realizamos encontros temáticos com os

alunos, cuja finalidade era promover o esclarecimento acerca da história da mudança da língua portuguesa, da variação linguística e do comportamento dos falantes no processo da diversidade.

Essas aulas, voltadas para as temáticas: “De onde vem a língua que falamos”, “Ser brasileiro é falar português”, “A variação linguística”, e “A linguagem paraense”, foram trabalhadas em conjunto com a professora da turma. Esses temas deram suporte para os pesquisadores iniciantes na etapa de execução do projeto.

Ao finalizarmos a parte teórica, demos início a segunda parte em que ocorreram as visitas, fase crucial, pois a finalidade era perceber na prática o que foi discutido teoricamente em relação à língua, sobretudo variação.

Para essa fase, em que ocorreu a aplicação da pesquisa de campo, uma nova reunião se fez necessária, visto que essa etapa ocorreria no contra turno, por isso fizeram parte da reunião a direção escolar e os pais dos alunos, por ser essa tarefa também realizada fora das dependências da escola e por esses alunos serem menores de idade.

A segunda parte também contou com a ajuda da professora titular pelo fato de trabalharmos em conjunto e também para contarmos com o maior número de alunos da turma. Essas visitas foram consideradas como atividade dos alunos; mesmo se tratando de lugares externos à escola e em turno distinto ao da aula, a professora julgou como necessário para o conhecimento do aluno. Para uma melhor organização, separamos os alunos em grupos, já que contamos com a presença de vinte e dois alunos. Acompanhei e orientei os alunos pesquisadores iniciantes em visitas a lugares tanto formais (museu e câmara dos vereadores) quanto informais (feira, local de atividades dos idosos e associação dos garimpeiros), para então observarmos a variação da língua em uso. Este contato direto, intencional do aluno em perceber a língua variando, foi registrado por escrito no que chamamos de seu diário de bordo, um caderno individual que documentou tanto a variação como as impressões pessoais dos alunos sobre as experiências vividas no decorrer do processo teórico e prático do projeto. Ademais, houve registro através de gravações de áudio para documentar os momentos mais importantes do nosso trabalho.

A elaboração do diário de bordo tanto pelos alunos quanto pela professora teve como propósito de registrar não só para compartilhar o momento vivenciado, mas também para disponibilizar o trabalho para análise e aplicação de outros alunos e

professores, com o propósito de levá-los a perceber e refletir a língua na perspectiva da variação e da pesquisa.

4 PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: RELATOS DE MOMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS

Esta seção trata da aplicação do projeto interventivo priorizando os resultados obtidos a partir da realização das etapas teórica e prática. Na primeira parte, discutimos sobre a realização dos encontros teóricos; na segunda parte sobre a pesquisa de campo, e na terceira há os esclarecimentos resultantes da pesquisa.

4.1 REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DA LÍNGUA PARA ENTENDER SUAS VARIAÇÕES.

Ser professor na atualidade é difícil. E ser professor de língua materna tem sido um grande desafio, uma vez que muitos professores acreditam que professor de língua portuguesa tem a responsabilidade de ensinar o aluno a “falar direito o português”, na visão de que há uma língua correta. Mesmo com as mudanças recorrentes em relação ao ensino de língua, o professor de língua portuguesa ainda tem focado seu ensino para o método tradicional em que a maior preocupação está em transmitir conhecimento que, à primeira vista, deve se tornar cumulativo ao longo dos anos. Entretanto, vale ressaltar que determinados conteúdos começam a ser estudados já nos primeiros tempos de vida escolar, dando-se continuidade à medida que se avançam os anos escolares. O que se percebe é que os assuntos são repetitivos, ou seja, os alunos são condicionados a decorar, o que impede de pensar sobre a língua, e inibe a criatividade do aluno, pois estão expostos a um aprendizado modelo. Essa prática não se coaduna com os seres humanos, visto que estes são diferentes uns dos outros, cada um pertence a um ambiente diferente, realidade diferente, experiências diversas, ninguém é igual.

Essa diversidade deveria enriquecer o ensino, possibilitar a interação através de uma linguagem diferente, uma reflexão por meio dessa linguagem. A valorização do pensar deve ser respeitada no processo de ensino aprendizagem, pois o aluno tem

a capacidade tanto de adquirir o conhecimento como de compreender. Essa liberdade de pensamento gera novas ideias, criticidade diante das temáticas a que são expostos.

O conhecimento pode ser constituído de várias formas, levando sempre em conta o conhecimento prévio do aluno, pois a língua é utilizada desde a infância, assim o aluno já domina as regras dessa língua.

Destarte, o conhecimento pode ser construído de diversas formas, levando-se sempre em conta o conhecimento prévio do aluno, ajudando-o a pensar, agir, proporcionando-lhe a discussão, a reflexão, e predispondo-o a mudanças conceituais.

A relutância das escolas no que se refere ao trabalho com a variação linguística, parece estar relacionada com o exercício de sua função, que não tem sido somente de proporcionar conhecimento, mas também de impor modelo, o que não tem sido diferente em relação à língua.

A importância dada à língua nas escolas tem sido superficial, ou seja, sempre voltada para uma única variedade, assim o aluno acredita que sua norma está “errada”, pelo fato de desconhecer as outras variedades; isso só tem induzido ao preconceito linguístico.

As manifestações de preconceito são constantes e graves. Essas manifestações não partem só dos discentes, mas de alguns professores de língua portuguesa que acabam agindo com preconceito ao corrigir seus alunos. O papel do professor não é estigmatizar a variedade do aluno, é ensinar língua, para que o aluno tenha conhecimento de outras variedades, tornando-se capaz de adequar sua linguagem à situação comunicativa. Dessa forma, por percebermos sete anos de trabalho na educação e vivenciar os entraves em relação ao ensino de língua materna, o desconhecimento dos alunos sobre a própria língua, propus-me a aplicar um projeto interventivo voltado para a temática: “Variação linguística e o ensino de língua materna no município de Itaituba”.

➤ ENCONTRO 1

Demos início ao projeto de intervenção em sete de março de dois mil e dezoito e finalizamos em vinte e três de março de dois mil e dezoito, com a aplicação de quatro encontros temáticos de natureza teórica. Primeiramente, investiguei o conhecimento dos alunos em relação à história da língua, para então discutirmos o texto suporte,

“De onde vem a língua que falamos? ” Trabalhei a questão da origem da língua portuguesa, dando ênfase, já no latim, de variedades linguísticas no Império Romano, explicação necessária para mostrar a heterogeneidade na língua, esclarecendo a eles que o contato com os diversos falares naquela sociedade contribuiu para mostrar essa heterogeneidade. A temática despertou a curiosidade, pois muitos não sabiam sobre a origem da língua.

Cada momento foi registrado pelos alunos em seus diários de bordo de acordo com cada tema trabalhado. Assim, foi possível saber o que os alunos conheciam e desconheciam em relação à própria língua.

Para o melhor entendimento dos alunos em relação à trajetória histórica da língua que originou a língua portuguesa, distribuimos um texto para dar suporte ao tema da aula, e essa estratégia de se distribuir textos que dialogassem com a temática ocorreu em todos os encontros. Vale ressaltar que o material didático utilizado foi o elaborado pela pesquisadora Marinho (2017), porém o adaptei ao lócus que apliquei, no caso, o município de Itaituba, uma vez que há variações específicas do lócu.

Após a explicação sobre a origem da língua para esclarecer que a língua portuguesa, derivada do latim, é resultado das mesclas linguísticas de dominantes sobre os dominados, apliquei a primeira tarefa do caderno de atividades elaboradas para a realização dos encontros temáticos.

Outro texto socializado foi “Erro de português”, de Oswald de Andrade no qual o poeta faz um relato histórico mostrando o encontro entre o descobridor português e o índio, momento estudado e conhecido pelos alunos, porém voltado somente para a história e não para a linguagem. Após a leitura do texto realizada com os alunos, houve a interação para instigar o que eles haviam entendido em relação a língua do descobridor e a imposição de um idioma como oficial, momento necessário para fazer uma analogia com a concepção de língua adotada na escola. Foram passadas quatro questões referentes ao texto “De onde vem a língua que falamos”, e mais quatro sobre o texto “erro de português”. As questões foram socializadas, os alunos participativos foram respondendo às perguntas e indagando sobre as mudanças pelas quais passou e passa a língua e o porquê dessas mudanças.

A familiaridade dos alunos com a formação da sociedade e a imposição do português como língua oficial foi propício para a desmitificação do monolinguísmo no Brasil.

➤ ENCONTRO 2

Para dar continuidade, no segundo encontro trabalhamos com a temática “Ser brasileiro é falar só o português? ”. Além da língua portuguesa você conhece outras línguas usadas por aqui? ”.

Após a socialização, o registro dos alunos em seus diários de bordo, expliquei, detalhei as informações presentes no texto no que diz respeito à existência de outras línguas que coexistem e convivem no Brasil com a língua portuguesa. Outro fator que explorei no texto suporte foi a questão da intervenção do Estado brasileiro, presente em vários momentos da história, o que levou para a legitimação de uma única língua como idioma oficial.

O primeiro e o segundo encontros foram fundamentais, pois deram suporte para o terceiro encontro voltado para temática central “A variação linguística”.

➤ ENCONTRO 3

Primeiramente explorei sobre a temática dando uma definição geral para então dar exemplos de palavras/ construções consideradas corretas: “trouxe, umbigo, registro, identificar, a gente é, nós ganhamos”. Paralelamente coloquei no quadro as outras formas com o mesmo sentido, mesmo conteúdo linguístico como: “truxe, im-bigo, rezistro, indentificar, a gente somos, nós ganhemu, que são são vistas como erro e geralmente estigmatizadas. Foi um momento interessante, pois ainda que se negasse foi perceptível no riso e na fala dos alunos algum tipo de preconceito em relação às variedades linguísticas. Esses pontos foram anotados para serem discutidos no momento da socialização da etapa teórica.

Dando continuidade apresentei os tipos de variações linguísticas, conceituei e exemplifiquei cada um, embasada em Bagno e Ilari & Basso (2006). Passei alguns vídeos curtos como preconceito linguístico de Bagno e outro de Suassuna⁷, disponibilizados no you tube, para que percebessem a variação como parte da língua. O momento foi oportuno para elucidar que nossa língua ainda que altamente

⁷ Link do vídeos sobre preconceito linguísticos: <<https://www.youtube.com/watch?v=FL-qbf0udq8>; <https://www.youtube.com/watch?v=9dN1kmlzTc>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

organizada, é variável, a língua é viva, assim também e passiva de mudanças, apresenta-se sempre em construção.

Para o encontro sobre variação, nos embasamos em Ilari & Basso (2006) no livro “O português da gente”, que busca explicar que o português não é uma língua uniforme, que essa ideia além de falsa é pouco interessante, pois nos torna incapazes de lidar com situações que afetam correntemente o uso da língua e seu ensino.

A temática variação foi colocada para se fazer uma reflexão sobre língua, pois entendemos que não se ensina variação, não é um conteúdo, mas uma parte da língua que ocorre devido à diversidade de povos e culturas.

Dessa forma, refletimos sobre a língua a partir da concepção de língua heterogênea: que varia, que é instável, reflexão necessária para esclarecer que não existe língua homogênea.

Os exemplos citados pelos alunos deram suporte para explicação sobre a ausência de concordância, esclarecendo que não tem relação com a ausência de escolaridade. Para que percebessem coloquei exemplos em que as orações que iniciavam pelo verbo com ausência de concordância não eram estigmatizadas como as que se iniciavam pelo sujeito.

Exemplos utilizados:

Exemplo(01): Chegou as notas e o diploma, em vez de. Chegaram as notas e os diplomas.

Exemplo(02): Falhou as técnicas e os programas em vez de. Falharam as técnicas e os programas / Falharam a técnica e o programa.

Exemplo(03): As técnica e os programa falhou / As técnicas e os programas falharam.

Para se explorar mais a temática, com base em Lucchesi (2015) falei sobre a polêmica do livro do MEC, em 2011, livro que trazia a explicação sobre concordância contrária ao modelo que estamos acostumados a estudar. Para complementar a discussão, coloquei para que os alunos assistissem no data show as colocações do Jornalista Alexandre Garcia sobre a abordagem das variações linguísticas em livros didáticos.

O vídeo serviu para eu explicar a falha do jornalista ao estigmatizar as variedades linguísticas, dando exemplos como “nós pega o peixe”, utilizei a mesma frase para explicar que é indiferente, do ponto de vista linguístico, dizer “nós pegamos os peixes ou “nós pega os peixe”, mostrando aos alunos que a informação veiculada

é a mesma. Assim, a variação precisa ser entendida para que não se aceite uma única forma de língua correta, uma forma não anula a outra. E que há contextos específicos para cada um desses usos. Daí a importância em se falar em adequação linguística, pois, embora não haja diferença do ponto de vista linguístico, há diferença do ponto de vista social. O papel da escola é contribuir para que o aluno adquira a variedade que não domina, sem precisar excluir a variedade de origem.

O conhecimento a que tiveram acesso a partir da socialização do texto suporte favoreceu a resolução das atividades que evidenciaram a questão da ausência de marcação de plural⁸, em orações nas quais o verbo vem anteposto ao sujeito, colocadas propositalmente para que os alunos percebessem práticas discursivas preconceituosas oriundas desses tipos de exemplos que são veiculados.

As discussões referentes ao fenômeno da variação linguística, aos tipos trabalhados no encontro anterior, proporcionaram melhor interação no quarto encontro.

➤ ENCONTRO 4

No último encontro após uma breve retomada sobre o assunto, corrigimos as atividades que ficaram pendentes da aula anterior. A cada encontro as respostas se encaixavam mais à concepção de língua heterogênea, à nossa proposta. As questões abordadas levaram a uma reflexão de língua diversa a qual os alunos estavam habituados.

Nesse quarto encontro trabalhei com o texto “O português da gente: a linguagem cabocla”, da professora doutora Ediene Pena Ferreira. Destaquei algumas linguagens paraenses, dando destaque, sobretudo, ao falar itaitubense, lócus da minha pesquisa; apresentei termos próprios utilizados frequentemente, como “tedoidé”, palavra que apresenta discordância. “Tá rodada”, expressão utilizada para dizer que a pessoa está perdida, sem rumo. “Agora bem aí”, expressão utilizada quando algo é considerado absurdo. “Rocheda”, palavra utilizada para dizer que algo foi bom, legal. “Te falar viu”, expressão utilizada quando algo é considerado absurdo.

⁸ Ver Exemplos (01); (02); (03)

Citar essas construções propiciou a participação dos alunos, porque iam citando outras, momento oportuno para voltar aos tipos de variação nos quais se encaixavam os exemplos, que pertenciam tanto à variação geográfica quanto à histórica. Isso permitiu explicar também aos discentes, que as variações ocorridas na dimensão geográfica apresentam diferentes usos, os quais são influenciados pela formação histórica de um lugar, o que pode produzir diferenças no português falado nas cidades que compõem um mesmo estado. Assim fomos desenvolvendo a temática. Aproveitando, dei exemplo do falar santareno que é um município próximo do município de Itaituba, entretanto apresenta uma linguagem bem distinta da linguagem de Itaituba. Coloquei no quadro algumas expressões santarenas fazendo um paralelo com expressões de Itaituba como: Mas quando, olha já, mas aonde já, égua. Expressões itaitubenses: “Tedoidé”, “agora bem aí”, “vou te contar”, “tá rodado”, “marminino”.

Após a socialização prévia e a participação da turma, demos início a leitura do texto suporte: “O português da gente: a linguagem cabocla”. Posteriormente os alunos passaram para a resolução das atividades relativas tanto ao texto como a temática em questão, puderam perceber algumas expressões que eu já havia explicado. A aula foi produtiva: a cada encontro os alunos se tornavam mais participativos, respondiam às questões do diário de bordo e do caderno de atividade. Posso afirmar que progredíamos a cada encontro.

A proximidade ou entendimento dos alunos com o processo de variação como um fenômeno natural da língua, a interação, as discussões e as atividades propostas em cada encontro contribuíram para que se tornasse claro que não se pode considerar apenas uma variedade como correta.

Os quatros encontros temáticos da etapa teórica proporcionaram uma vasta troca de conhecimento. Antes de desenvolver essa pesquisa, de aplicar uma metodologia diferenciada do habitual para refletir sobre a língua junto aos meus alunos, acreditava, assim como muitos professores de língua portuguesa da escola, que os alunos não conseguiriam compreender o processo de variação linguística como inerente à língua, pois entendem que na escola vão aprender regras para aprender “falar corretamente”. Essa questão foi se resolvendo a cada encontro através da resolução das questões no caderno de atividade, da liberdade e de como as aulas foram desenvolvidas, da facilidade com que registraram respostas às indagações do diário de bordo.

Vale ressaltar que o trabalho em conjunto com a professora da turma fortaleceu cada aplicação, pois nas aulas individuais que ela ministra deu ênfase aos pontos que julgou mais importantes nos encontros teóricos, os quais considerou avaliativos, e isso contribuiu para o interesse dos alunos na aula. Acredito que o fato de ser uma professora recém-formada, ainda não está tão “corrompida pelo sistema”, trabalha com uma concepção de língua heterogênea, que varia, passa por transformações. Esse fator contribuiu para a aplicação.

A receptividade dos alunos, em relação às temáticas durante a primeira etapa, mostrou-se através da participação e do que registraram: alguns julgamentos, em relação à língua, que foram se modificando no desenvolver dos encontros.

No primeiro encontro sobre: “A origem da língua portuguesa”, a maioria dos alunos atribuiu o domínio da língua portuguesa a saber ler e escrever corretamente, de acordo com a gramática. Não se esperava outra resposta, uma vez que predomina o ensino de língua materna voltado para a gramática normativa, assim desconheciam a origem da língua, porque aprender língua para eles era aprender as regras gramaticais, o que tem se tornado um discurso repetitivo por grande parte dos professores.

O segundo encontro: “Ser brasileiro é falar só o português?” foi um momento de descoberta, pois os alunos se surpreenderam ao saber que as línguas indígenas foram proibidas no Brasil, no período pombalino. Ficaram perplexos com a existência de outras línguas no país, porque o conhecimento e o contato deles era somente com a língua portuguesa.

O terceiro encontro voltado para a temática “A variação linguística” não gerou estranheza, visto que estavam familiarizados com a nomenclatura, acreditavam ser um conteúdo, pois o título variação é incluso como um tópico no livro didático deles. Assim, estavam acostumados com a postura de correção tanto de alguns professores como de alguns alunos. Ao dar exemplos das expressões, que fogem às regras gramaticais, utilizadas tanto em Itaituba como em outros lugares, os risos eram constantes, pelo fato de serem palavras de uso considerado errado ou inadequado. A cada explicação em relação à variação na língua, os risos diminuía, os questionamentos surgiam, faziam ligação com as temáticas anteriores. Isso mostrou que não é fácil romper com o sistema, mas é possível adotar uma postura e uma reflexão diferente em relação à língua.

No quarto e último encontro voltado para “As linguagens paraenses”, trabalhando com o texto “O português da gente: a linguagem cabocla”, os alunos já destacavam as variações, percebendo-as como parte da língua, desconheciam algumas formas peculiares à determinada comunidade de fala; isso reforçava a mudança. Dessa forma, entendemos o fenômeno da variação não mais como erro, o que tem predominado nas escolas, é o ensino de línguas que segue um modelo padrão, corroboramos que se pode enfraquecer esse modelo errôneo em relação ao ensino de língua materna, nos permitindo dizer que a execução da proposta foi positiva, que o material contribui para pensar a língua.

4.2 COLOCANDO EM PRÁTICA A PROPOSTA

A segunda parte de aplicação do projeto interventivo realizou-se por meio de pesquisa de campo, momento crucial, pois o propósito era perceber e confirmar na prática o que analisamos na teoria. Nesse segundo momento da pesquisa, tanto acompanhei como orientei o aluno que foi a campo ouvir e perceber as diversas manifestações da língua, agora sob uma perspectiva diferente, ou seja, com o olhar de pesquisador para perceber o fenômeno da variação linguística fora do ambiente escolar. Essa etapa proporcionou aos alunos visitas a ambientes formais e informais como: a feira do agricultor; a um espaço destinado a atividades sociais com os idosos, realizado pela secretaria municipal de assistência social de Itaituba; ao museu; a câmara dos vereadores

Para a aplicação do trabalho utilizamos o gênero entrevista, o que permitiu o contato maior dos alunos pesquisadores com os feirantes. Gravamos áudios das entrevistas no celular, não disponibilizávamos de gravadores. Esse registro se fez necessário para que fossem feitas as observações nos diários de bordo.

Iniciamos a parte prática da pesquisa no dia vinte e dois de agosto de dois mil e dezoito e finalizamos no dia onze de setembro de dois mil e dezoito. Primeiramente conversamos com os alunos pesquisadores iniciantes para instruí-los em relação ao comportamento e a forma de abordagem deles a cada ambiente em que iríamos visitar.

➤ VISITA 1

A primeira visita ocorreu na feira do agricultor. O propósito dessa visita era de que os alunos percebessem na fala dos feirantes as variações utilizadas que, muitas vezes, são diversas da realidade dos alunos. Em todas as visitas foi aplicado um questionário, em anexo: apêndice C, para que pudéssemos entender um pouco da vida social desse informante e, conseqüentemente, a linguagem utilizada por ele. Sob minha mediação, os alunos realizaram cinco entrevistas. Como o ambiente em questão é bastante tumultuado e por se tratar do local de trabalho não era possível iniciar e dar sequência às perguntas, ocorrendo a interrupção para o que o feirante fizesse o atendimento ao cliente. As perguntas eram na maioria objetivas, sendo que duas se enquadravam como subjetivas, nas quais se centralizavam o que pretendíamos: perceber a variação do falante de forma mais natural possível. Essas perguntas eram as últimas, momento em que já estavam mais familiarizados. No início era nítido que buscavam elaborar mais a linguagem. Vale ressaltar que as perguntas do questionário eram voltadas para a função dos feirantes e o contato com seus clientes⁹.

Devido à permanência ter sido longa na feira, foi possível perceber a estratégia elaborada pelo feirante para a venda, para convencer o cliente da qualidade e do preço do produto, estratégia essa realizada por meio da linguagem. Por se tratar de um local mais informal e bem diversificado, foi possível verificar o maior e mais diversificado número de variação na língua em uso. Para Possenti (2001, p. 36): “A variedade linguística está entre variedades as mais funcionais que existem; quanto mais numerosas forem, mais expressiva pode ser a linguagem humana”.

Os pesquisadores interagiram com vários feirantes para então escolherem alguns para a aplicação das entrevistas. Os discentes consideraram o momento distinto do que costumam fazer, já que não têm o hábito de frequentar o local, uma vez que essa tarefa é realizada pelos pais. Nesse sentido um aluno registrou:

Como eu nunca fui à feira, foi legal, porque só a mamãe que vai, nem sabia que era assim. Foi bom entrevistar essas pessoas, mas dá pena também.
(Pesquisador A, diário de bordo registro nº 5)

⁹ Perguntas anexas: apêndice D.

De um lado os alunos entusiasmados em realizar o trabalho, por outro os feirantes se sentiam importantes por serem entrevistados, poder falar da profissão que exercem, com conhecimento de causa.

As experiências vividas no decorrer da visita foram registradas no diário de bordo, e os pesquisadores destacaram as expressões linguísticas que os informantes falaram com mais frequência como: *entonce, vamo comprar, aquela uma, muié vamo levá*. (Registrado no diário de bordo nº 5)

No dia vinte e três de agosto, nos reunimos para realizar nossa primeira roda de conversa, na qual socializamos a respeito do que foi percebido em relação à variação utilizada pelos feirantes. Foram coletados dados no decorrer das entrevistas, escutamos as gravações, verificando as respostas contidas no questionário. As perguntas eram voltadas para a origem dos informantes, a idade, o trabalho exercido ao longo do tempo, a rotina deles que, como uma feirante relatou, não é fácil, pois iniciam a jornada de trabalho na madrugada. Procuramos saber também se recebiam clientes de outras cidades, regiões, e como percebiam que os clientes eram de fora. Isso já apontava para a linguagem, pois citavam logo que a fala era diferente da deles. Uma das entrevistas, a que mais chamou a atenção dos alunos e a minha, foi a realizada com uma senhora de 49 anos, que trabalha há vinte e três anos na feira, uma pessoa muito receptiva (acompanhei a entrevista). Ela se dividia em vender e nos dar atenção, dizia: “Esperaí meninos vão ter que ter paciência pra eu atender meu ciente”. Os termos utilizados por ela chamavam a atenção dos pesquisadores. Esse contexto me fez lembrá-los sobre variações: diacrônica, diafásica, diastrática e diamésica, analisadas nos encontros temáticos, parte teórica.

Outra questão muito observada pelos pesquisadores era a forma como os feirantes abordavam ou recepcionavam seus clientes. Assim, uma aluna registrou em seu diário de bordo a questão do tratamento dado aos clientes:

Eles tratam os clientes de meu rei, minha rainha, minha querida, meu patrão. Gostei, porque tem gente no comércio que só trata mal. (Pesquisadora B, diário de bordo registro nº 5)

No decorrer da conversa a informante comentou gostar do que faz, iniciou o trabalho na feira por necessidade, para criar os quatro filhos, os quais já estão formados. Essa é uma motivação para que ela ainda pense em estudar e fazer faculdade, inclusive porque já conseguiu, com muita luta, finalizar o ensino médio.

Ao perguntarem em relação à linguagem, ela respondeu: “Eu falo a língua brasileira mesmo”, disse não ter dificuldades em compreender a linguagem dos clientes, mas frisou: “alguns falam mais correto, deve ser porque estudou”, porque a linguagem correta é da escola”. Esses trechos registrados pelos pesquisadores em seus diários de bordo serviram de base para ratificar como está enraizado o preconceito linguístico entre os falantes de língua materna, deu base também para enfatizar a desmistificação da homogeneidade na língua.

Ao finalizar os relatos dos pesquisadores sobre as entrevistas, realizamos a transcrição do material. Esse momento propiciou a percepção e uma reflexão diferente, pois os alunos passavam os relatos orais para a escrita sem o propósito de correção. A esse respeito uma aluna teceu o seguinte comentário, o que considerou como uma atitude nova, que aprendeu com a pesquisa:

Nunca tinha feito transcrição assim, já tinha escutado áudio para escrever, mas tinha que ir fazendo as correções, já estava acostumada que às vezes quero fazer o mesmo. (Pesquisadora C, diário de bordo nº 5)

Através dessa fala, percebemos o quanto está impregnada a questão do preconceito que leva os falantes, automaticamente, ao critério de correção. Assim, finalizamos nossa primeira roda de conversa referente à visita à feira.

➤ VISITA 2

A segunda visita realizada no dia vinte e quatro de agosto de dois mil e dezoito foi a um programa social, realizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SENDAS), voltado para os idosos, pois no município de Itaituba não há asilo. Este momento reservado para o maior contato com os idosos teve o propósito de perceber a variação relacionada à questão da faixa etária. Como sabemos os mais velhos tendem a assumir um comportamento mais conservador, e com a linguagem não é diferente, eles tendem a conservá-la mais. Há com certeza uma grande diferença, devido à idade, na linguagem do idoso em relação a do jovem, mas é claro que não somente a idade é determinante, mas o que a envolve, como a questão da cultura e o meio social em que estão inseridos. Fiz essa explicação durante a socialização.

Para nossa pesquisa, os alunos entrevistaram cinco idosos, alguns se intimidaram e não quiseram dar entrevista, porém observaram atentos o trabalho,

faziam alguns comentários. Os outros por sua vez se empolgaram e fizeram questão de contribuir, falando da vida cotidiana deles, o que chamou à atenção dos alunos, que relataram ter gostado de visitar um lugar reservado para atividades com essas pessoas. Comentaram nunca ter ido a esse tipo de lugar, nem sabiam que existia. Percebi que para alguns alunos conhecer a história de vida dos idosos mudou a visão, pelo menos naquele momento, que os alunos tinham em relação a eles. A esse respeito, um aluno registrou em seu diário de bordo:

Gostei de conversar com os idosos, foi diferente, achava eles muito chato, não gostam de nada, dessa vez foi diferente, não é que não gostam, só não são valorizados, achava errado o jeito deles falarem, tinha coisa que eu nem entendia, eu ria das palavras erradas, agora não ri, nem achei errada, só achei diferente mesmo. (Pesquisadora A, Diário de bordo registro nº 6)

Outra aluna ficou perplexa com a disposição deles. Percebemos, assim, que por não terem muito contato com os idosos, não terem oportunidade de conversar, conhecer a história de vida deles, acabam adquirindo um preconceito tanto com o idoso quanto com a linguagem dele. Nesse contexto, uma aluna registrou em seu diário de bordo:

Foi diferente conversar com esses idosos. Na minha casa não tem nenhum velhinho. Meus avós moram longe não falamos com eles é difícil, gostei de fazer a entrevista com eles, são alegres e parecem sempre dispostos a ajudar, a fala deles é diferente, mas não muito. (Pesquisadora B, diário de bordo registro nº 6)

Ao retornarmos para a escola, os alunos preencheram seus diários de bordo e registraram os usos linguísticos que lhes chamaram mais atenção durante o contato com os idosos. No decorrer das entrevistas, ocorreram expressões como: *óia minino* (prestar atenção), *adonde* (onde), *entonce* (então), *nadinha* (nada), *tauba* (tábua), *sagica* (ágil), *ralho* (brigar, advertir), *esbandalhar* (esculhambar), *esculhambar* (advertir), *num sabe* (entende).

No dia seguinte, fizemos a socialização em relação à visita ao espaço destinado a atividades com os idosos, análise das entrevistas na íntegra, para perceber a variação linguística nessa faixa etária, no caso da entrevista com uma senhora de 60 anos. Realizamos nossa roda de conversa de forma democrática, ou seja, os alunos iniciaram comentando sobre a atuação deles como entrevistadores, sentiam-se importantes em realizar as atividades. Isso vinha contribuindo para a

realização do trabalho, pois à medida que se envolviam, a execução progredia e acontecia sem problemas. Assim, os alunos demonstravam, ao se envolverem com a tarefa, estar gostando de serem pesquisadores iniciantes. Esse momento, que tinha como foco a linguagem, levou-os a refletir que, para entender a língua, é preciso, primeiramente, compreender o processo de vida desses falantes ou da comunidade de fala, entender a cultura, o meio e o tempo em que estão inseridos, quando se faz essa reflexão se evitam julgamentos e preconceitos.

Posteriormente, exploramos os dados coletados no decorrer das entrevistas, assim, os alunos iam fazendo a leitura das perguntas e respostas contidas nos questionários.

As perguntas voltadas para os informantes se enquadravam tanto em diretas como indiretas. Como nossa pesquisa está direcionada para a variação, não poderia deixar de estar presente questão referente à língua. Dessa forma, perguntou-se aos idosos a opinião deles em relação ao português falado pelos mais jovens; ademais, perguntou-se também a respeito das expressões que eles costumam usar e que os mais jovens não as conhecem, tampouco as utilizam. A esse respeito uma aluna registrou em seu diário a fala de um idoso:

Hoje, os valores mudaram, num sabe, os jovens não têm mais respeito pelos mais velhos, antes as mães ficavam em casa para ensinar, agora sai todo mundo, aí eles faz o que quer. (Pesquisadora C, diário de bordo registro nº 6)

É perceptível que o gênero entrevista causa um certo desconforto aos entrevistados, principalmente, esses idosos que não costumam se deparar com essa situação. Assim pelo fato de saberem que as falas estão sendo gravadas buscam elaborá-las mais, no entanto no decorrer das perguntas vão se acostumando e passam a agir mais naturalmente. Essa naturalidade ficou mais perceptível na última pergunta que estava voltada para a vida na infância; assim, na medida em que contavam suas histórias se envolviam, e isso acabava por deixar as falas mais livres, tornando o momento mais propício para que os alunos percebessem e registrassem maior número de exemplos de variação.

Dando continuidade a nossa roda de conversa, passamos a ouvir coletivamente as gravações que os alunos fizeram com os entrevistados. Após ouvirmos as gravações, os alunos transcreveram as falas dos informantes para o caderno e foram analisando a variação na língua, dessa vez sem risos, isto é, sem

manifestação de preconceito. Estavam envolvidos em perceber a variação utilizada pelos idosos que, como relatou um aluno, diverge da deles:

A fala deles não é difícil, mas é diferente, antes eu achava engraçado, parecia que era errado, mas agora sei que não é. (Pesquisador D, diário de bordo nº 6)

Assim, finalizamos nossa roda de conversa referente à segunda visita.

➤ VISITA 3

No dia trinta de agosto de dois mil e dezoito, não estava na programação, mas como Itaituba na década de oitenta foi muito conhecida como a cidade do ouro e o município que teve o aeroporto mais movimentado do país, realizamos uma visita à associação dos garimpeiros. Julgamos necessária essa visita para conversarmos com os garimpeiros, pois eles têm contato com diferentes pessoas de diversos locais até mesmo de outros países. O propósito era perceber os usos linguísticos próprio desses falantes. Segundo Tarallo (2011, p.14): “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos e no modo de indicar diferenças sociais presentes nessa comunidade”. Dessa forma, o contato e a entrevista com eles contribuiu para a pesquisa. Para essa visita, levei apenas cinco pesquisadores, porque o espaço não é tão grande e nesse período poucos garimpeiros estavam aparecendo no local, como ocorreu no dia em que fomos à associação. Durante a visita conversamos com dois garimpeiros, porém os pesquisadores entrevistaram apenas um, porque o outro disse não gostar, por ser tímido. Sabemos que uma única entrevista não é o suficiente para uma pesquisa, porém não foi possível realizarmos mais, uma vez que não tinha informantes suficientes.

A entrevista foi realizada com um garimpeiro de 35 anos que trabalha no garimpo há dez anos. Ele comentou que os primos também trabalham no garimpo, nas Guianas Francesa e Inglesa, mas ele não quis ir para lá, porque já mataram muitos brasileiros para roubarem o ouro que traziam quando estavam voltando para casa.

Ao longo da conversa, ele comentou que a vida no garimpo não é fácil, vão por não terem outras oportunidades de emprego. Não estudaram, não sabem fazer outra coisa, então vão em busca de sustento, mesmo enfrentando perigos de doença

e morte por confusão no garimpo. Podemos confirmar isso no registro por uma aluna em seu diário de bordo.

Não gosto. Porque é uma luta constante, mas, é o sei fazer hoje é de onde eu tiro minha sobrevivência. (Pesquisadora A, diário de bordo registro nº 7)

A visita foi breve, pois os dois garimpeiros estavam esperando o carro para como eles dizem: “entrar pro garimpo”. Não utilizam o termo viajar, e vale ressaltar que isso chamou a atenção dos alunos, pois disseram que os garimpeiros que conhecem não consideram a ida ao garimpo como viagem, considerando o termo errado. Fizemos a entrevista e demos como finalizada a visita.

Na sexta feira trinta e um de agosto de dois mil e dezoito, reunimos para nossa roda de conversa. Iniciei falando com a turma a respeito da visita, já que a maioria não foi; em seguida passei a fala para os pesquisadores que participaram do momento, da entrevista. Todos que foram, já tiveram contato com garimpeiros, assim os pesquisadores se sentiam familiarizados com o grupo. Uma aluna registrou em seu diário de bordo:

A fala deles é normal, têm alguns garimpeiros que usam umas palavras que eu não conheço, é entre eles. (Pesquisadora B, diário de bordo registro nº 7)

Outro aluno comentou: “eles usam essas palavras como: catra (escavação), faisqueiro (garimpar), zona (casa de prostituição), pé de chumbo (motorista que acelera muito), que é pra não entenderem mesmo, é como um código entre eles.”

Tomei a palavra para lembrar da etapa teórica sobre a variação, lembrando que a língua varia no tempo e no espaço, que há ainda as variações linguísticas de cada grupo social conhecidas como jargão: modo específico de falar de um grupo, geralmente ligado à profissão, assim a linguagem específica dos garimpeiros se enquadra nessa situação.

Prosseguindo com nossa roda de conversa passamos a ouvir o áudio gravado com os garimpeiros. Os pesquisadores ouviam atentos, mesmo porque só participaram da visita cinco pesquisadores, então a função deles era socializar o momento com a turma. Os alunos transcreveram as falas dos informantes para avaliar a variação na língua. Os usos linguísticos específicos foram mais perceptíveis na pergunta subjetiva. O que chamou a atenção de uma aluna ao registrar a fala do garimpeiro:

Nunca me envolvi em confusão. Mas já vi muita confusão por cachaça, por homem querer ser machão e topar outro mais doido. (Pesquisadora C, diário de bordo registro nº7)

A aluna comentou sobre a expressão “topar” que não faz parte do cotidiano dela, já a ouviu, porém com outro sentido.

Outro aluno destacou a expressão “moço”, muito utilizada por eles na turma, no município, mas diferente do sentido que o garimpeiro usou. O trecho da fala do garimpeiro que o aluno registrou:

Fui um moço tranquilo. Não dei trabalho pros meus pais. (Pesquisador D, diário de bordo registro nº 7)

Aproveitei aqui para reforçar sobre a heterogeneidade na língua, esclarecendo que a variação faz parte da natureza da linguagem, sendo assim resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que esses grupos mantêm com as normas linguísticas.

Outra passagem da fala do garimpeiro registrada por uma aluna em seu diário de bordo:

Lembro quando o garimpo era farto e as polícia não queimavam as coisa da gente. E a gente não era tratado como bandido. Era mais calmo trabalhar, por mais que não tivesse máquinas grandes, mas, tinha mais ouro. (Pesquisadora E, diário de bordo registro nº 7)

A esse registro julguei necessário também interromper, pois como professora pesquisadora no mundo contemporâneo preciso desfazer e desconstruir as barreiras linguísticas que foram construídas ao longo dos anos. Assim, com a concepção de que toda forma de comunicação é válida, cada um pode e deve falar sua língua e ter respeito em ouvir a do outro sem estigmatizá-lo, finalizamos nossa roda de conversa.

➤ VISITA 4

No dia cinco de setembro de dois mil e dezoito fomos à nossa penúltima visita. Desta vez para visitarmos o museu Municipal Aracy Paraguassú, com o propósito de que os alunos pudessem verificar registros antigos de documentos, revistas e jornais antigos. Ademais verificariam também registros escritos referentes à trajetória do município de Itaituba, sendo um local favorável para a percepção de empregos mais formais tanto de quem seria entrevistado quanto de documento antigos escritos que

fazem parte do acervo do museu. Como ocorreu nas outras visitas os alunos estavam munidos dos questionários para realizarem as entrevistas, que ocorreram com a idealizadora e coordenadora do Museu Municipal Aracy Paraguassú, que inaugurou no dia doze de novembro de dois mil e seis. A responsável pelas visitas nos mostrou o local, explicava cada detalhe, contava sobre a fundação do espaço e os alunos observavam a fala dela atentos. Passamos para o nosso foco que era a verificação de documentos antigos para percebermos a mudança na escrita, ou seja, o fenômeno da variação. A idealizadora ressaltou: “olhem esse livro de poesia, como é diferente, tem outros também, mas palavras ainda mais diferentes vocês vão encontrar nesse documento que retrata a história de Itaituba”. De fato eram muitas palavras como: *monarchia, opunha, dificuldade, acetyleno, della, elle, alludi, parallellos, approximar, geographia, annos* entre outras.

As perguntas realizadas no questionário estavam relacionadas à criação do museu, à memória cultural da cidade, aos registros antigos que contêm diferentes formas da escrita, à função exercida pela idealizadora, ao perfil das pessoas que visitavam o museu e colaboração cultural e histórica para o município de Itaituba.

Como nosso propósito principal era, sobretudo, verificar os usos mais antigos da língua portuguesa, atentamos mais para a análise dos documentos. Na medida em que os alunos iam lendo os documentos com a escrita de textos antigos, registravam em seus diários de bordo. A análise prendeu a atenção deles, porque as formas de escritas de palavras utilizadas eram diferentes, principalmente os pronomes os quais eles têm bastante contato: *elle, della, aquelle*, faziam um paralelo entre a grafia atual e os registros antigos, mostravam-se atônitos com as formas, as mudanças isso foi o que mais chamou a atenção dos pesquisadores. Podemos perceber esse interesse no registro de um dos alunos:

Já tinha vindo no museu, mas pra ver os objetos antigos, as pessoas importantes, mas nunca tinha vindo ver a escrita antiga. Não sabia que essas palavras eram escritas diferente é um monte de palavra e umas eu nunca tinha visto. (Pesquisador A, diário de bordo nº 8)

A visita ao museu foi diferente das demais, pois ficaram mais atentos à escrita do que a fala, sendo a permanência mais demorada, pois os documentos prenderam muito a atenção dos pesquisadores, queriam encontrar cada vez mais palavras com a escrita diferente. Levaram para nossa roda de conversa vários questionamentos, curiosidades, fizeram relação com a parte teórica, que foi nosso primeiro momento.

Todavia a prática, o contato direto instigou mais o pensamento dos alunos pesquisadores em relação à variação na língua.

No dia seis de setembro realizamos nossa roda de conversa, como ocorria nas visitas anteriores. Os alunos relataram que já haviam visitado o museu, mas dessa vez era diferente, porque a temática era diferente, porém importante. A maioria dos registros feitos nos diários de bordo eram voltados para as formas de escritas antigas, isso os prendeu muito, como destacou um aluno:

Eu pensava que as palavras mudavam, mas não desse jeito como ocorreu com as palavras: oficial, comissão, matto-grosso, nunca imaginei assim. (Pesquisador B, diário de bordo registro 8)

Os alunos destacaram também as formas de tratamento, as palavras que não conheciam como a forma "alludi". Nesse momento da socialização, aproveitei para lembrá-los da explicação realizada na explicação teórica de que as línguas mudam no decorrer do tempo, tanto na fala quanto na escrita (variação diacrônica). Ressaltei que na fala percebemos mais pela interação, já na escrita poucos têm esse contato, por isso essa perplexidade ao verificar os documentos antigos. Em seguida analisamos o questionário, as respostas da informante, ouvimos o áudio que foi gravado, em que foi possível detectar uma linguagem simples, no entanto seguia um padrão pré-estabelecido pela classe privilegiada.

Como a idealizadora é filha do município, ela contava entusiasmada a história da qual ela fez e faz parte. Os alunos fizeram a transcrição do material, comentei sobre a percepção deles em relação à linguagem diversa dos outros entrevistados, pois são pessoas diferentes, com nível de escolaridade distinto, faixa etária diversa, o que enriquece e possibilita a variação na língua.

Para finalizar nossa roda de conversa, ressalttei que ocorreu exatamente o que a pesquisa objetivava, uma vez que eles enquanto pesquisadores iniciantes perceberam as diferenças, as variações entre os participantes, já que destacaram que a fala do feirante e do idoso se distanciava da fala da responsável pelo museu.

➤ VISITA 5

Para finalizarmos a parte prática da pesquisa, no dia doze de setembro de dois mil e dezoito fizemos nossa última visita a um ambiente mais formal, pois fomos à câmara de vereadores do município de Itaituba.

O propósito da visita em questão foi exatamente observar os usos linguísticos peculiares do meio político. A câmara Municipal de Itaituba é composta por quinze parlamentares, que participam de sessões ordinárias que acontecem nas terças e quartas-feiras de cada mês, entretanto a câmara dos vereadores funciona de segunda à sexta-feira para a definição de projetos e de mais matérias que irão à votação na sessão ordinária.

Para esta visita os pesquisadores se muniram apenas da gravação de áudio no intuito de que as falas fossem mais naturais possíveis, pois, em um ambiente mais formal, ao mencionar o termo entrevista, indubitavelmente as falas seriam mais elaboradas, e o que pretendíamos era observar o uso público da língua.

Nossa visita aconteceu em uma quarta-feira. Desta vez no turno matutino, pois a intenção era participar de uma sessão ordinária, que ocorria sempre pela manhã. Coincidiu com o horário de aula dos alunos, mas houve a liberação da turma e esse dia foi contado com letivo, já que estariam envolvidos em uma pesquisa voltada para a variação na língua.

A sessão iniciou às nove da manhã, realizada oficialmente pelo presidente da Câmara Municipal de Itaituba que fez os cumprimentos da casa para então dar início à sessão. Chegamos aproximadamente às oito da manhã, nos acomodamos no espaço destinados à população. Antes da sessão, os alunos anotaram o primeiro contato deles com o ambiente para que depois pudessem relacionar com a linguagem. Os pesquisadores visitavam pela primeira vez a câmara, nunca haviam participado de uma sessão ordinária. Esse evento foi bem distinto para eles.

Enquanto os vereadores falavam os alunos faziam anotações em seus diários de bordo para que analisássemos na roda de conversa. O que mais se destacou para os alunos no momento da assembleia foram as expressões utilizadas que automaticamente perceberam, pois fugia do habitual para os pesquisadores. Dessa forma um aluno acrescentou em seu diário de bordo:

Tudo é diferente, olha a fala deles é mais diferente de todas que já anotei.
(Pesquisador A, diário de bordo registro nº 9)

Permanecemos no local até o término da sessão, os alunos se mostravam envolvidos, pois estavam atentos ao que acontecia. A visita assim como as outras ocorreu normalmente, sem contratemplos, a sessão foi tranquila. Houve comentários

de que, geralmente, ocorrem discussões entre os participantes quando não concordam entre si.

No dia treze de setembro de dois mil e dezoito, nos encontramos nas dependências da escola para a nossa última roda de conversa referente a nossa visita à Câmara Municipal dos vereadores de Itaituba. Iniciei falando da visita, agradei a participação da turma, da professora titular, de forma democrática dei espaço aos pesquisadores para iniciarem suas falas em relação à essa visita. Assim, uma aluna iniciou a leitura do que havia registrado em seu diário e frisou:

Professora eu nunca tinha ido na câmara, não sabia que acontecia essas reuniões, as pessoas são diferentes, se vestem bem para ir, e as falas são diferentes da nossa. (Pesquisadora B, diário de bordo nº 9)

A partir dessa colocação falamos a respeito das variações utilizadas na câmara, que não foi uma única forma, pois outra aluna registrou em seu diário:

Têm uns vereadores que falam como nós, não usam tantas palavras diferentes. (Pesquisadora C, diário de bordo nº 9)

Para dar continuidade à socialização lancei mão das perguntas contidas no diário de bordo que foram: “Como você considera a linguagem empregada pelos vereadores: formal ou informal? Você acha que as expressões são consideradas cultas?”

De forma unânime, a primeira pergunta os alunos responderam como formal, citando os pronomes de tratamento utilizados entre os participantes da sessão ordinária, a exemplo: senhor presidente, vossa excelência, o que foi registrado por um aluno:

É formal, porque eu nunca tinha visto alguém falar esses pronomes, só nos livros mesmo. (Pesquisador D, diário de bordo registro Nº 9)

A turma concordou com colocação do colega, pois não havia escutado tais termos, a não ser verificado nos livros ou escutado na mídia.

Dando continuidade, para a segunda pergunta os alunos responderam que sim, outros disseram que não. Para a negativa, um aluno reproduziu a fala de um vereador:

É preciso consciência pra todos, se não isso não funciona. (Pesquisador E, diário de bordo registro nº 9)

Assim, o aluno não considerou as expressões cultas, visto que se utilizou uma forma reduzida “pra”, muito utilizada na oralidade, e que ouviram bastante entre os feirantes e os idosos, ambientes considerados mais informais.

Durante a socialização intervi para reforçar que é preciso entender que ninguém pode ser discriminado pela variedade de língua que usa, tampouco ser excluído. É necessário, também, ter conhecimento de que a fala culta brasileira apresenta variação de pronúncia, de vocabulário e mesmo de morfossintaxe, ou seja, ela muda como qualquer outra variedade.

Finalizando minha intervenção, as reflexões referentes à língua, ouvimos os áudios gravados durante nossa visita. Atentamos aos discursos dos vereadores, que corroboraram o que os alunos haviam anotado, ou seja, não há uma linguagem pura, pois os políticos mesmo estando em um local considerado formal não se utilizavam apenas uma variedade da língua, o que uma aluna registrou em seu diário de bordo:

Eu pensava que os vereadores eram formados, e que usavam a linguagem ensinada na escola, mas vi que eles falam normal, como qualquer pessoa na rua. (Pesquisadora F, diário de bordo registro nº 9)

A segunda parte da aplicação: a pesquisa de campo, em que visitamos diferentes ambientes como à visita à feira, aos idosos, à associação dos garimpeiros, ao museu, à câmara dos vereadores, oportunizou aos pesquisadores iniciantes o contato com diferentes pessoas, diferentes linguagens, o que contribuiu para os alunos perceberem que os falantes não utilizam uma única variedade da língua. Como pesquisadora e orientadora da pesquisa, ratifiquei que o fenômeno da variação linguística como objeto de pesquisa é um trabalho importante para uma reflexão de língua que fuja do ensino proposto pela escola, o qual está voltado para o ensino da gramática normativa, que prioriza apenas uma variação, dando espaço, assim, para o preconceito linguístico, uma vez que se estigmatiza as outras possíveis variações. Outro fator importante, durante a socialização, foi perceber a relevância de aprender a ouvir e dar espaço ao aluno, ouvir mais e falar menos. Isso contribui para não delimitar o status da língua em uso.

4.3 NOSSAS IMPRESSÕES SOBRE O PROJETO.

Esta seção traz o registro do desenvolvimento da nossa pesquisa voltada para a variação linguística, desenvolvida com os alunos do nono ano da escola Marechal

Rondon, localizada no município de Itaituba-Pará. Nosso diagnóstico parte da testagem de um produto que foi elaborado pela pesquisadora Marinho, aluna do PROFLETRAS (2017). Assim, a partir da aplicação desse material didático, as atividades realizadas foram registradas pelos alunos pesquisadores para analisarmos o fenômeno da variação. Registramos nossa impressão tanto sobre as atividades desenvolvidas com esses alunos quanto sobre a nossa percepção durante a realização das rodas de conversas.

Indubitavelmente, para desenvolver nossa pesquisa, por em prática nossa aplicação do material didático enfrentamos barreiras. Podemos citar como principal barreira a questão do ensino de língua proposto pela escola que sem dúvida entrou em contraste com a proposta da pesquisa, uma vez que o ensino de língua ainda se volta para o ensino da gramática normativa.

Vale ressaltar que, para ultrapassar o obstáculo mencionado, foi fundamental a minha participação no Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (GELOPA), pois como o grupo já desenvolve trabalhos voltados para o ensino de língua, problemas enfrentados, possíveis metodologias para o ensino que entenda a variação como parte inerente à língua, isso ajudou-me a desenvolver a pesquisa. Outro fator que fez o diferencial foi a ida a campo do aluno pesquisador, pois aluno saiu da teoria para contatar na prática a variação na língua. O momento levou o pesquisador perceber e refletir sobre os usos da linguagem sobre um novo “olhar”, ou seja, sem a ideia de erro. Podemos e devemos destacar a participação integral da turma nos encontros teóricos que deram suporte à parte prática, que não contou com todos os alunos, mas com a maioria, pois de trinta e oito alunos vinte dois participaram das visitas. Com exceção a visita à associação dos garimpeiros que não estava na programação.

Em relação à realização dos encontros temáticos, enquanto professora de língua materna, foi a primeira vez que conduzi minhas aulas sem envolver atividades estritamente gramaticais.

Durante a realização da pesquisa dos alunos iniciantes, pude observar que a proposta de trabalho traria resultados positivos, pois os textos levados para a discussão levaram ao aluno o conhecimento que não sabiam em relação à origem da língua, sua história, a variação linguística. Veja o que foi registrado no diário de bordo de um aluno:

Eu sabia que o português tinha relação com o latim, mas não sabia toda essa história da língua portuguesa. (Pesquisadora A, diário de bordo registro nº 1)

Esse registro socializado pelo aluno fez-me refletir sobre meu trabalho, porque não foco nisso, não posso me deixar influenciar pelo sistema a ponto de propor um ensino descontextualizado.

Outro fator relevante foi o encontro intitulado “A variação linguística”, não por o tema “variação” ser um fato novo, pois era ensinado como um tópico da gramática, desta vez conheceram o fenômeno como constituinte da língua. Durante o encontro em que abordei o fenômeno da variação, à medida que eu explicava surgiam exemplos da fala dos próprios colegas, os quais manifestavam preconceito, o que não me impressionava, pois o que prevalece na maioria das escolas é um ensino de língua voltado para o padrão. Portanto, o nosso maior desafio foi trabalhar com uma concepção de língua contrária à estabelecida pela escola e impregnada entre os falantes, o que se corroborou nos registros dos alunos quando se posicionaram em relação aos diferentes usos na língua:

São palavras inadequadas que algumas pessoas e até nós mesmo falamos e que não pode usar na escrita. (Pesquisador A, diário de bordo registro nº 3)

Eu não digo que é errado porque fico com vergonha. (Pesquisador B, diário de bordo registro nº 3)

Eu digo o que sempre ouvia, está assassinando o português, nem parece que estuda. (Pesquisador C, diário de bordo registro nº 1)

Eu corrijo porque minha professora sempre corrigia e dizia pra eu falar certo. (Pesquisador D, diário de bordo registro nº 1)

Esse momento foi crucial para mostrar que a variação não constitui erro na língua, que exatamente a origem e a história implicam mudança e transformação. Assim a variação ocorre em virtude não somente do tempo, mas também da cultura e do meio em que os falantes estão inseridos.

Posso enfatizar que somente a explicação realizada no momento teórico não seria suficiente, com propriedade posso afirmar que a participação ativa dos alunos por meio da pesquisa de campo (parte prática) deu consistência à teorização. A oportunidade dada aos alunos de visitar ambientes diferentes, o contato com pessoas diferentes, com o objetivo de observar a linguagem, os fez perceber que, de fato, a

variação não pode ser ensinada, tampouco estigmatizada por ser um fenômeno natural nas línguas.

Uma questão que os fez refletir foi a seguinte questão: “Em sua opinião a variação linguística impede a comunicação entre as pessoas? Por quê?” De forma unânime responderam que não. Veja no registro do aluno:

Não impede a comunicação, a gente entende mas quando for na escrita a gente tem que fazer as palavras certas. (Pesquisador E, diário de bordo registro nº 3)

Por sua vez um aluno comentou que “aprendia na escola assim”. Então voltei a explicar sobre as práticas normativas, as quais precisamos mudar, descentralizá-las, uma vez que a variação não é erro, não precisa de correção, só precisa ser entendida como língua.

No encontro com o tema “linguagens paraenses”, os alunos relacionaram ao encontro anterior (variação linguística), percebendo no texto a variação diferente da deles. Os alunos notaram que muitas palavras contidas no texto eram ouvidas por eles quando estavam no Município de Santarém. Veja o registro do pesquisador A:

Na cidade de Santarém as pessoas falam algumas palavras desse texto que é diferente daqui mas é linguagem paraense também. (Pesquisador A, diário de bordo registro nº 4)

Esse encontro permitiu refletir com os pesquisadores que é possível falantes de uma mesma região, de um mesmo estado, como é o caso do Pará, apresentarem traços linguísticos diferentes. Para essa temática trabalhamos com o texto de autoria da professora Dra. Ediene Pena Ferreira, “O português da gente: a linguagem cabocla”, que apresenta muitas palavras utilizadas na cidade de Santarém localizada próxima a Itaituba. Os pesquisadores vão com frequência a Santarém, têm contato com os moradores dessa cidade, por isso mesmo que algumas palavras sejam diferentes das usadas pelos alunos, foi fácil compreender o significado de cada uma delas.

Durante o trabalho com o texto, foi possível perceber mudança de comportamento linguístico, pois no momento em que se perguntou: “Quando você viaja ou está distante de pessoas que não são do estado do Pará você se orgulha do

modo de falar ou tenta não dar sinais de que é paraense? Por quê? ”, houve o seguinte registro no diário de bordo:

Antes eu tinha vergonha, porque as pessoas falam logo que falo diferente. Na cara da de perceber que acha feio, mas agora vou falar com orgulho. (Pesquisador B, diário de bordo registro nº 4)

Esse comentário nos fazia perceber que surgiam efeitos positivos, pequenas mudanças numa concepção de língua tão conhecida pelos falantes (pesquisadores iniciantes).

Outro ponto que os alunos indicaram ter vergonha ou preconceito foi em relação a assumir ter uma linguagem cabocla no modo de falar. Segue o registro do diário de um aluno:

Não gostava quando eu viajava e diziam que eu parecia caboclo ou tinha a fala igual de caboclo, porque achava que só quem não estudava ou era do interior falava assim, achava errado. (Pesquisador C, diário de bordo registro nº 4)

Essas respostas me faziam refletir a importância que esse material didático representa para o ensino de língua, que é fundamental disponibilizá-lo para que outros professores possam utilizá-lo ou mesmo que possa servir como base para a criação de outros materiais com o mesmo propósito de refletir sobre a língua.

Destacamos ainda o registro para a última questão: “Cite um exemplo de expressão usada por pessoas mais velhas que tenha lhe chamado a atenção. Justifique qual a razão de sua surpresa.

O que me chamou a atenção foi a palavra sagica, não conhecia achei estranha. (Pesquisador D, diário de bordo registro nº 4)

Curiosamente a palavra “sagica” foi utilizada por uma idosa, quando se realizava a entrevista com ela, o que não causou mais estranheza.

A pesquisa de campo orientada por mim, mas conduzida pelos pesquisadores iniciantes, mostrou-me a importância de se trabalhar com a pesquisa nas aulas de língua portuguesa. Os ambientes que os alunos visitaram, o contato com os informantes mostrou na prática o que havia trabalhado na teoria.

Durante à visita à feira os alunos registraram o que consideraram mais importante:

Foi importante entender que a vida deles reflete na linguagem e que não é errado. (Pesquisador A, diário de bordo registro nº 5)

Foi bom saber que eles não falam errado e que não posso ter preconceito com a fala deles. (Pesquisador B, diário de bordo registro nº 5)

Entendi que mesmo não falando igual os outros, não usando a concordância não falam errado. (Pesquisador C, diário de bordo registro nº 5)

Outro momento importante para a percepção da linguagem e entendimento da mudança foi o contato com os idosos. Seguem os registros dos alunos:

Entendi que falam diferente da gente porque as pessoas mudam com o tempo e a linguagem também. E essas pessoas viveram em épocas diferentes da nossa. (Pesquisador A, diário de bordo registro nº 6)

O que me chamou a atenção foi a palavra “sagica” que para a idosa tinha sentido de ágil. Palavra que aprendi os sentidos diferentes na aula de linguagens paraense. (Pesquisador B, diário de bordo registro nº 6)

O que me chamou atenção é que muitos tinham vontade de estudar mas não tinham condições financeira. (Pesquisador C, diário de bordo registro nº 6)

Através dos registros, percebemos que é possível mudança no ensino de língua, condicionada à inovação na metodologia de ensino. Sem dúvida a mudança não ocorrerá de forma rápida, mas através da prática constante de reflexão sobre o que envolve a linguagem.

A visita ao museu prendeu muito a atenção dos pesquisadores iniciantes, pois ficavam perplexos com as mudanças de palavras que utilizam e não sabiam que havia passado por esse processo de mudança na escrita, como as palavras: difícil, monarquia, delle, daquela, elle, já que estudam os pronomes e não sabiam de tal mudança na escrita, como registrou uma aluna em seu diário de bordo:

Sabia que as palavras mudavam mas não sabia que a escrita era diferente assim, repetição de f de l. (Pesquisador A, diário de bordo registro nº 8)

Essa descrição permitiu reforçar que as diferenças que percebiam ocorreram em razão do tempo, discutido quando falamos de variação diacrônica em que explicava que as palavras passavam por evoluções históricas, sendo assim passíveis de mudanças, ainda que lentas.

A visita à Câmara Municipal dos Vereadores de Itaituba proporcionou aos pesquisadores a percepção e o entendimento de que a língua varia também em

locais considerados formais. Os alunos registraram que ouviram palavras ou expressões que escutaram também em ambientes informais, a exemplo:

O vereador não utilizou as regras de concordância, utilizou palavras que nós usamos e que eu ouvi um feirante falar também. (Pesquisador A, diário de bordo registro nº 9)

Analisar o comportamento linguístico dos pesquisadores iniciantes mostrou-nos que um trabalho desenvolvido que fuja às normas gramaticais não é fácil, pois ir de encontro a um modelo padrão, adotado há muito tempo, implica mudanças, de que muitos têm medo, sendo assim resistentes a elas. Entretanto o resultado mostrou que é possível ‘quebrar barreiras’ e aos poucos adotar um ensino que leve o sujeito a pensar, a entender que a variação é um processo indissociável à língua, logo o único erro é estigmatizar o usuário dela.

Insistimos em reforçar que o desafio maior está na mudança ou no comportamento linguístico de alguns professores de língua materna que de certa forma acabam sendo vencidos pelo sistema. Nesse contexto, Antunes (2007, p.109) afirma que:

Cabe ao professor de língua portuguesa reconhecer e expandir a competência linguística e comunicativa dos seus alunos, sem que haja a repressão aos “erros” ou zombaria dos sotaques “engraçados” e nem a imposição de uma norma padrão pautada na decoreba maçante da gramática normativa.

Assim, no que concerne à variação linguística não cabe correção, mas conhecimento para que se entenda o processo.

Com o olhar de pesquisadora, analisando a professora, percebi que não somente direcionei os alunos a uma reflexão diferente de língua como também refleti sobre o ensino que praticava e sobre o qual me propus a fazer. Não é fácil, as dificuldades pelas quais os alunos passam, os professores também enfrentam, mas podem ser superados aos poucos. O nosso ponto positivo foi a metodologia diferenciada, saindo da mesmice, descentralizando o professor e colocando o aluno no centro (participante ativo), e o material didático adotado que levou o aluno a conhecer a origem e história da língua para então entender as mudanças e transformações ao longo do tempo.

Quando os pesquisadores foram questionados sobre o que absorveram ou como a investigação contribuiu para o conhecimento deles em relação à variação linguística, houve os seguintes registros:

O trabalho serviu para eu não agir com preconceito com os usos diferente da língua. (Pesquisador A, diário de bordo minha impressão)

É uma variação que não traz problemas para a comunicação. (Pesquisador B, diário de bordo minha impressão)

Aprendi que a variação linguística está presente em qualquer ambiente, em lugar formal ou informal. (Pesquisador C, diário de bordo minha impressão)

Diferente do que eu pensava a variação linguística não é usada só por pessoas que não estudam, as pessoas mais estudam também usam. (Pesquisador D, diário de bordo minha impressão)

Os relatos corroboram que o ensino de língua deve levar o aluno a perceber a multiplicidade de usos e funções da língua, e é exatamente nas aulas de língua portuguesa que o estudante tem a oportunidade de aprimoramento de sua competência linguística, momento em que deve ser oferecido conhecimento que o ajude a refletir sobre o uso da língua na vida e no meio social. Sendo assim, a pesquisa contribuiu de forma positiva, uma vez que ampliou o conhecimento linguístico dos pesquisadores envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua portuguesa é envolta de vários mitos que implicam sua compreensão quando não desmitificados. A forma como a língua vem sendo trabalhada no âmbito escolar vai de encontro com o que se deve ensinar para que o sujeito compreenda a língua. De acordo com Tarallo (2011, p. 19), “é importante o aluno perceber que a língua é o veículo linguístico de comunicação e que não a usamos sempre do mesmo jeito, adequamos nosso texto à situação comunicativa do momento”.

A variação linguística, inerente à língua, é um fenômeno incontestável, seu conceito, muitas vezes deturpado, leva muitos a ensinarem como parte da gramática, servindo como parâmetro para correção da linguagem. Essa visão, conseqüentemente, contribui para o preconceito que gira em torno da variação, estigmatizando a classe de falantes desfavorecidos, prestigiando os de classe favorecidas que seguem um modelo padrão de língua. Podemos corroborar a ideia nas palavras de Possenti (2002, p. 35), “a variedade linguística é reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem”, assim, entendemos que o preconceito não é necessariamente com a língua, mas com os falantes da classe social inferiorizada.

Percebemos com a realização da pesquisa que a investigação deve ser feita tanto pelos docentes como pelos alunos, pois comprovamos que esse tipo de trabalho desperta o interesse, o senso crítico e a reflexão em relação à língua. Em contrapartida sabemos que a proposta não é fácil, há vários obstáculos a serem vencidos, mas como diagnosticamos é possível levar o aluno a pensar à língua sem a ideia de normatividade.

No momento em que se realizava a parte prática os alunos iam se envolvendo, a cada visita amadureciam o conhecimento. Durante a roda de conversa questionavam, davam exemplos, refletiam, deixando perceptível o papel de pesquisador.

O resultado obtido com a pesquisa aponta que é preciso mudança na metodologia, logo, o processo precisa começar pelos professores considerando a realidade linguística do aluno, sua história e cultura. Não se pode negar a existência da variação linguística em nossa sala de aula, tampouco ignorar a língua que os alunos trazem

para a escola, pois negar sua língua é perder sua identidade. Assim, a partir do momento que essa prática for assumida, as aulas de língua portuguesa transformarão os alunos em sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática** – por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo, Brasil, Loyola 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. 3. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos, 1961. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso** - por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

CHAIBE, M. E. dos S. **A variação linguística na educação contemporânea: concepções e práticas pedagógicas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2016.

CAMACHO, Roberto G. **a variação linguística**. In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus. São Paulo, SE/CENP. 1988. 3.v.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – São José do Rio Preto-Unesp. 2011.

CAMPOS, Valdirene Nascimento. **Variação linguística nos textos orais e escritos de alunos campestres** – uma proposta de intervenção / Valdirene Nascimento Campos; orientadora, Eliane Pereira Machado Soares. — 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: contexto, 2010.

DIAS, Maria Cecília Tavares. **Variação semântico-lexical de Tucuruí e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa**. – 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, João Wanderley (1997). **O texto na salade aula**. São Paulo: Ática.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil / Dante Lucchesi. – São Paulo: Contexto, 2015.

MARINHO, Clara Corrêa. **Cidadania na escola**: uma experiência com alunos do 9ºano fundamental. – 2017.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP. Mercado das letras: Associação de leitura no Brasil, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Sobre o ensino de português na escola**. In: O texto na sala de aula. São Paulo. Editora Ática, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática. 1989.

TARALLO. Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo. Editora ática, 2011.

TOZONI REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VIEIRA, Silvia Rodrigues Vieira, Silvia figueiredo Brandão, **Ensino de gramática: descrição e uso /**, (organizadoras), 2.ed.,1ª reimpressão, - São Paulo: **23.960,00** Contexto, 2011.

I. ZILLES, Ana Maria Stahl. II. FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. 1. ed – São PAULO: Parábola Editorial, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

JAX MARA DE JESUS QUEIROZ

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA
MATERNA NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA-PARÁ.**

**SANTARÉM-PA
2018**

JAX MARA DE JESUS QUEIROZ

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA
MATERNA NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA-PARÁ.**

Pré-projeto apresentado ao mestrado profissional em Letras- PROFLETRAS, da Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA, sujeito a alterações após o início do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira

**SANTARÉM-PA
2018**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	78
2 PROBLEMA.....	79
3 HIPÓTESE	79
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	79
5 OBJETIVO GERAL.....	81
6. JUSTIFICATIVA.....	81
7 METODOLOGIA	84
8 CRONOGRAMA	87

1 INTRODUÇÃO

A língua constitui um importante recurso a serviço do homem, pois por meio dela não apenas nos comunicamos, mas também nos organizamos socialmente ao longo da história. Uma de suas mais fascinantes características é sua natureza variável, isto é, a capacidade de se diversificar o uso e ainda assim garantir a compreensão perfeita entre os usuários de seu sistema, contribuindo assim para a unidade linguística que explica por que pessoas de lugares, idades, classe social e níveis de escolaridade tão diferentes podem, apesar da variação de uso, se comunicar fluentemente dentro de uma mesma língua.

Embora a variação seja inerente à própria língua, ela ainda figura como temática marginal dentro do espaço escolar, em parte porque existe um discurso muito forte de que o ensino de língua deve ficar restrito ao ensino “padrão” da linguagem, em detrimento do uso e percepção das variedades, ficando assim um espaço de reprodução de discursos que concebem a língua como algo imutável e estanque, enfatizando no aluno a crença de que existe uma língua melhor que a outra, tendo por consequência o preconceito linguístico.

Tradicionalmente a variação da língua é vista pelos alunos como um erro ou desvio em relação a um modelo que, para muitos, é considerado norma padrão. Por outro lado, para uma parte importante dos docentes, a variação linguística é tida como um conteúdo anexo em face de outros considerados mais tradicionais e mais relevantes nas práticas escolares.

Diante desse contexto que pouco oportuniza um trabalho com variação que permita desmistificar para o aluno a face variável da língua, este projeto pretende atuar nesse universo do uso da linguagem, tornando o aluno um pesquisador iniciante para que, ao conhecer as diferentes formas de utilização da língua pelo falante, possa finalmente entender a variação enquanto processo dinâmico e lícito e não como um “erro” esperando por “correção”.

Considerando a importância do trato da variação linguística para superação do preconceito linguístico, pretende-se desenvolver o tema: trabalhando a variação linguística em sala de aula: uma proposta de ensino de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental. Para tanto, desenvolvemos este projeto que visa, entre outras frentes, contribuir através da experiência da aplicação, para que outros professores

de língua materna se permitam explorar a reflexão sobre a língua e sobre o fenômeno da variação.

2 PROBLEMA

A variação linguística faz parte da própria constituição da língua, mas, apesar disso, é vista e tratada comumente pelos usuários do sistema como uma anomalia, um desvio de uma forma considerada mais aceitável e prestigiada socialmente. Em face disso, na escola pouca relevância é dada a essa temática e o preconceito linguístico continua sendo manifestado e reproduzido por todos: professores, alunos e servidores em geral especialmente, nas aulas de português onde a escola tenta legitimar apenas uma das formas da língua.

3 HIPÓTESE

Partindo do princípio de que é preciso conhecer a língua para respeitar suas variadas formas de realização, a pesquisa propõe descobrir se ao se sentirem sujeitos de uma investigação sobre a própria língua, os alunos serão capazes de ter uma educação linguística que aponte para o respeito à diversidade.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A questão da variação tem ocupado lugar importante nos debates sobre a língua. No âmbito teórico, os estudos acerca desse componente linguístico têm garantido valiosas contribuições, no sentido de fazer conhecer mais profundamente o fenômeno e demonstrar a necessidade de lhe atribuir um tratamento mais sistemático e menos sazonal no contexto do ensino de língua portuguesa.

Castilho (2014, p.197) aponta que as línguas se constituem na heterogeneidade e essa característica é o meio pelo qual transitamos linguisticamente, nos mais variados contextos e instâncias sociais. Partindo dessa perspectiva, é possível considerar que os usuários do sistema linguístico ao operar diariamente os mecanismos da língua realizam variações, em diversos níveis, que atendem a determinados propósitos comunicativos.

Em trabalho que buscou explicar a formação das variedades populares do português brasileiro, Lucchesi (2012, p.50) aponta a existência de uma norma popular utilizada, por grande parte dos usuários da língua no Brasil.

Entretanto, como lembra o autor, a manifestação desse modo diferente de falar que se opõe aquele socialmente prestigiado tem produzido uma divisão dentro da própria língua a qual tem sido denominada por Lucchesi de *polarização sociolinguística*. Evidentemente, a questão do preconceito linguístico que toma como referência apenas uma forma da língua para combater as demais realizações tem constituído um dos grandes problemas, no ensino de língua portuguesa. Apesar de ser possível verificar alguns avanços significativos como a abordagem do assunto no livro didático ou o debate sobre a diversidade em documentos oficiais como os PCN, o trabalho de combate ao preconceito ainda é escasso.

Discutindo sobre preconceito e estigma, Britto (2003, p.39) vai além, ao alertar sobre uma espécie de hierarquia que subjaz o discurso do sujeito que pratica o preconceito. Diz o autor:

O preconceito linguístico, diferentemente de outras formas de discriminação, não tem sido combatido. Quando se ridiculariza em público uma pessoa por seu jeito de falar, o agente do preconceito é avaliado positivamente, como se fosse culto, inteligente, enquanto o agredido é avaliado negativamente, como se fosse ignorante, estúpido.

Podemos dizer, portanto, que o ensino de língua portuguesa, por trabalhar com a linguagem, não pode negligenciar, através de sua prática cotidiana, os problemas que envolvem os fenômenos linguísticos. A variação enquanto fenômeno constitutivo da própria língua precisa ser debatida para além do âmbito geográfico, visto que existem muitas formas de a língua variar.

A escola enquanto instituição formal pode trabalhar o ensino de forma diferenciada, e a partir de uma mudança de concepção sobre o que é a língua, considerar a variação como inerente ao sistema linguístico e algo natural tanto quanto esse sistema. Como fala a este respeito Neves (2014, p.95): “E afinal, o tratamento da língua-padrão na escola, ao contrário de implicar uma consideração de que essa modalidade seja algo divorciado do uso linguístico, deve assumir que ela nada mais é que uma das variantes da língua em uso.”

Assim, considerando a linguagem no âmbito da variação e do uso Neves (2012, p.208) acrescenta que:

A inserção que a escola proporciona tem de ser marcada pela reflexão sobre linguagem, seu fazer e seu funcionamento, a partir da observação do uso real. Sentados nos bancos escolares, os aprendizes esperam sempre mais um sentido real da vida da linguagem, no seu trato com a gramática da língua.

5 OBJETIVO GERAL

Conduzir e orientar os alunos do 9º ano do ensino fundamental no processo de observação de usos reais do português brasileiro em ambientes formais e informais a fim de que estes possam conhecer e reconhecer a variação como fenômeno natural da língua.

5.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ampliar o conhecimento dos alunos sobre a natureza variável da língua.
- Desmistificar a ideia do monolinguismo no Brasil.
- Oportunizar o estudo da histórica formação da língua portuguesa.
- Contribuir para a diminuição do preconceito linguístico.
- Privilegiar a temática da variação linguística.
- Auxiliar os alunos no entendimento da relação entre a variação e identidade do sujeito social.
- Favorecer o protagonismo do aluno no processo de construção do conhecimento.
- Fomentar a pesquisa sobre o funcionamento da língua a partir da perspectiva do aluno-pesquisador
- Subsidiar outros professores de língua portuguesa na abordagem do tópico de variação linguística através do material produzido durante a execução do trabalho.

6. JUSTIFICATIVA

Um olhar atento sobre a questão da variação linguística permite notar que essa temática foi e continua sendo amplamente debatida no campo teórico, mas, ape-

sar disso, na perspectiva pedagógica o trabalho com a variação da língua ainda enfrenta resistência, que em parte é sustentada pelos próprios currículos das escolas que privilegiam um ensino com as formas institucionalizadas historicamente como “padrão”. Essa postura contraria a própria orientação dos parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa para o ensino fundamental, que defende que é preciso “conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado” (PCNs, p. 33).

Por outro lado, boa parte da sociedade e, sobretudo da comunidade escolar desconhece os estudos científicos sobre a questão da variação e como consequência disso acaba compreendendo esse fenômeno de forma limitada (entendendo-a apenas no âmbito regional) e, por vezes, deturpada, ao considerar que sua manifestação ocorre apenas, com indivíduos não escolarizados, por exemplo.

Entendendo que só o conhecimento poderá ser capaz de desfazer esses equívocos a respeito da variação, o grupo de estudos Gelopa (grupo de estudos linguísticos do Oeste do Pará), do qual fazemos parte, atua ativamente no campo da investigação linguística. Entre os vários trabalhos desenvolvidos está o projeto Norma, variação e ensino que tem trazido enormes contribuições para o debate a respeito do que seria o objeto de ensino, nas aulas de língua portuguesa.

Os objetivos propostos, em nosso projeto, modestamente, o credenciam como um projeto de pesquisa, extensão e ensino, visto que trabalhará com resultados da pesquisa em uma escola da qual o professor proponente não faz parte e realizará variadas atividades de caráter interventivo.

A relação estabelecida entre os termos “conhecer” e “respeitar” só se torna possível quando a língua é reconhecida enquanto instituição social que acompanha a dinâmica histórico-social. A língua por não apresentar somente regularidades, no seu sistema sofre inúmeras transformações cujo principal agente é o próprio homem. As mudanças linguísticas produzidas, na sociedade são variadas.

Se compararmos textos antigos com os atuais, perceberemos grandes mudanças, no estilo e nas expressões; se observarmos as falas, em diferentes regiões de um país também verificamos uma série de mudanças: de entonação, de léxico; também há variações que se estabelecem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião é que determina a maneira como nos dirigimos ao nosso interlocutor, se deve ser formal ou informal; há ainda variações que são construídas por convivências muito específicas, como é o caso de linguagem típica de profissões.

De qualquer modo, é importante ter presente que as alterações na língua falada podem ser motivadas por diversos fatores (idade, nível social, ambiente geográfico, entre outros), mas, ao contrário do que se possa pensar, não constituem empecilho para a comunicação como aponta Castilho (2014, p.197): “Variação e mudança são propriedades linguísticas que não impedem a intercompreensão, porque obedecem a uma sistematicidade e a uma regularidade, comprovadas por pesquisas de sociolinguistas e de linguistas históricos” [...].

Nesse sentido, tratar da variação linguística como objeto de ensino tem se mostrado um dos grandes desafios no ensino de língua portuguesa, visto que apesar de a diversidade linguística fazer parte do cotidiano dos falantes, estes sempre se relacionam ao estigma, ao preconceito, ao desprestígio e ao incorreto. Assim, urge a necessidade de vencer as barreiras do preconceito linguístico através de um trabalho pedagógico comprometido com a variação dos usos da língua portuguesa, considerando que:

O Brasil, embora mostrando uma relativa unidade linguística, decorrente da hegemonia historicamente construída da língua portuguesa, continua um país com imensas dificuldades para reconhecer sua cara linguística (ainda hoje não há uma aceitação clara de que somos um país multilíngue, com centenas de línguas indígenas e dezenas de línguas de imigração__ todas elas minoritárias, mas partes significativas do nosso patrimônio cultural) (FARACO, 2008. p.181).

Portanto, parece lícito pensar que não há mais espaço para um ensino de língua portuguesa que desconsidere a variação, visto que assim como existem muitas formas de *dizer escrevendo* e estas são aceitas e respeitadas pela comunidade falante, da mesma maneira haverá variadas formas de *dizer falando*. Entretanto, esta última prescinde de valorização, de aceitação e de estudo.

Nessa perspectiva, acreditamos que a escola deve propiciar aos seus alunos o acesso ao conhecimento da língua portuguesa de maneira que este favoreça a construção de uma consciência linguística através de um ensino que contemple a variação da língua. Por outro lado, o professor deve contribuir sendo o agente que pode ajudar a promover essa mudança de comportamento e de atitude dos alunos perante os fatos linguísticos, tendo em vista que, como defende Egon de Oliveira Rangel, no prefácio do livro “Nada na língua é por acaso”, de Marcos Bagno (2007, p. 15):

O compromisso do educador, é antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto de uso crítico da língua. E na medida em que língua e linguagem são parte indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social.

7 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho, tomaremos como ponto de partida a revisão da literatura sobre a variação e o ensino tendo como base os estudiosos do tema, como Bagno (2007), Castilho (2010), Possenti (2001), Tarallo (2010) Faraco (2008) entre outros.

Em consonância com o objetivo da pesquisa, estabelecemos o aluno como pesquisador (iniciante) do processo de variação, por acreditar que o conhecimento fundamentado, na sua própria descoberta acerca dos fenômenos da língua torna a experiência mais significativa, ou no dizer de Bagno (2007, p. 15-16):

Se é verdade que o ponto de vista cria o objeto, a melhor forma de levar alguém a ver e assimilar um determinado objeto de estudo talvez a única forma pedagogicamente legítima é conduzi-lo ao adequado posto de observação, ao próprio ponto de vista, portanto. O que significa que uma das principais tarefas da educação linguística é exercitar o olhar do aluno e a sua capacidade de refletir a respeito, levando-o a perceber o quanto o lugar em que ele se situa (muitas vezes sem saber) lhe permite descortinar uma determinada paisagem, mas o cega para outras.

Para o cumprimento dos objetivos propostos neste projeto, adotamos a pesquisa-ação, visto que esta propicia o envolvimento próximo do pesquisador com o objeto pesquisado e a partir das observações da realidade, permite ações de caráter interventivo, conforme define Vieira (2010, p.94)

Nesse tipo de investigação, os pesquisadores participam do cotidiano dos seus objetos de estudo, como atores inseridos na mesma realidade, a fim de compreender e experimentar os mesmos problemas enfrentados pelos que se colocam como objeto de estudo.

Partindo desse princípio propomos um projeto de intervenção a ser aplicado na Escola Municipal de Ensino Fundamental **Marechal Rondon**, com alunos de uma turma de 9º ano do turno matutino, selecionada com a ajuda de o professor titular. A escolha desse público se deu em função de que essa etapa de escolaridade constitui

a exata transição do ensino fundamental para o ensino médio, momento em que se acredita que os discentes já possuam um conhecimento suficiente de seu idioma a ponto de entenderem fenômenos linguísticos (sobretudo a variação) de um ponto de vista mais teórico, sendo capazes também pela faixa etária de rever conceitos, posturas e práticas dentro do universo da diversidade linguística.

Para além das etapas de execução, o projeto se define por duas etapas fundamentais, a saber: uma parte teórica e outra prática. A primeira parte abrange encontros temáticos conosco com os alunos a fim de promover o esclarecimento e o conhecimento acerca da histórica mudança da língua, da variação e do papel exercido pelos falantes no processo da diversidade. Essas aulas, acompanhadas pelo professor titular, servirão de subsídio teórico importante para os alunos pesquisadores, na etapa de execução. Vale destacar que todos os alunos da turma participarão dos encontros e terão a oportunidade de desmistificar conceitos e tirar dúvidas sobre os assuntos propostos.

Já a segunda parte contempla a pesquisa de campo na qual acompanharei e orientarei os discentes pesquisadores em visitas a lugares formais e informais para observarem a variação da língua em uso. A experiência do aluno de ouvir a língua variando (independente do grau de formalidade das instituições e lugares visitados) será devidamente gravada e depois registrada por escrito, no que chamaremos de seu Diário de bordo, ou seja, um caderno individual que documentará não apenas os usos variados da língua, mas também impressões pessoais dos alunos sobre o que vivenciaram, no decorrer do processo teórico e prático do projeto.

Essa etapa do projeto não contará mais com a presença do professor titular da mesma forma que não contará com todos os alunos da turma. A intenção é selecionar apenas os alunos que se mostrarem interessados, em participar da pesquisa de campo, o que por um lado evitará problemas disciplinares em ambientes extra-escolar sem a figura de o professor titular e por outro, garantirá o interesse e o compromisso dos indivíduos que se dispuserem a realizar o estudo. Vale destacar que como forma de incentivo o professor titular de língua portuguesa da turma selecionada, incluirá tanto os encontros temáticos como o envolvimento dos alunos pesquisadores, no projeto como parte de sua avaliação bimestral.

Enquanto os alunos terão como instrumentos de trabalho o celular para gravação e o diário de bordo, o professor terá o seu Caderno de atividades. Este recurso

construído por mim para o projeto servirá não só como um subsídio teórico que norteará os encontros com a turma, mas também como um roteiro para auxiliar outros professores, no trato desse tópico com seus alunos.

Desse modo, a execução do projeto se inicia com quatro encontros temáticos mediados por mim. Nesse momento que antecede a pesquisa de campo, os alunos se familiarizarão com temas específicos, como a origem da língua portuguesa, sua diversidade e unidade, a variação linguística e a organização social através de normas. As aulas temáticas que serão acompanhadas pelo professor titular da turma. Após essa etapa de preparação teórica, os alunos passarão para a fase seguinte na qual realizarão uma pesquisa de campo. Durante esta fase os discentes serão submetidos a ambientes formais e informais de uso da língua, o que lhes permitirá entender a variação como parte constitutiva da própria língua. Os alunos gravarão as falas e registrarão toda a experiência, por escrito em seus diários de bordo.

A partir do material coletado pelos alunos, discutiremos em conjunto o impacto dos encontros teóricos sobre o olhar deles para as variações linguísticas presentes nas gravações. A partir disso, os alunos participantes vão expor sua experiência para a turma e para outras turmas da escola, divulgando a pesquisa realizada, seu propósito, resultados e, especialmente, seus efeitos na educação linguística dos pesquisadores.

O registro realizado pelos alunos, em seus diários, tem como objetivo compartilhar a experiência vivenciada por eles como pesquisadores a fim de que outros alunos e também professores possam trabalhar a língua, na perspectiva da variação. Desta forma, acredita-se que será possível oferecer uma alternativa para uma das dificuldades enfrentadas pelo ensino de língua portuguesa: “as estratégias utilizadas pelo professor para o desenvolvimento de um trabalho que tenha a variação como objeto de ensino”.

8 CRONOGRAMA

SEMESTRE	ATIVIDADES
1º SEMESTRE (2017)	<ul style="list-style-type: none"> · Cumprimento dos componentes curriculares obrigatórios; · Revisão do projeto de pesquisa; · Levantamento da bibliografia
2º SEMESTRE (2017)	<ul style="list-style-type: none"> · Cumprimento dos componentes curriculares obrigatórios; · Reunião na escola selecionada para a pesquisa; · Aprofundamento da bibliografia; · Elaboração de material didático para o projeto interventivo (textos, diário de bordo e caderno de atividades)
	<ul style="list-style-type: none"> · Início da produção textual; · Exame de proficiência;
1º SEMESTRE (2018)	<ul style="list-style-type: none"> · Cumprimento dos componentes curriculares obrigatórios; · Aprofundamento teórico; · Qualificação; · Continuação da produção textual (referencial teórico, metodológico) · Pesquisa de campo (encontros teóricos e práticos do projeto interventivo);
2º SEMESTRE (2018)	<ul style="list-style-type: none"> · Finalização da produção textual · Defesa da dissertação

CRONOGRAMA DO PROJETO INTERVENTIVO

ATIVIDADE TEÓRICA

DATA	TEMAS	OBJETIVOS	SUPORTE
07/ 08 e 09/03/2018	“De onde vem a Língua que falamos?”	Conhecer a origem da língua e perceber as diferentes influências da língua	Material didático feito pela pesquisadora Marinho-2017 (texto; diário de bordo e caderno de atividades)
14 e 15/03/2018	“Ser brasileiro é falar só português?”		Material didático feito pela pesquisadora Marinho-2017 (texto; diário de bordo e caderno de atividades)
16 19 E 21/03/2018	“A linguística.” Variação	Conhecer o fenômeno da variação para entender as possibilidades de uso da língua.	Material didático feito pela pesquisadora Marinho (2017), (texto; diário de bordo e caderno de atividades)
22 e 23/06/2018	“A paraense” linguagem		Material didático (Texto, de autoria de Ediene Pena Ferreira; diário de bordo e caderno de atividade formulada pela Pesquisadora Marinho-2017)

ATIVIDADES PRÁTICAS

DATA PREVISTA	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MÉTODOS E INSTRUMENTOS
22/08/2018	Visita à feira do agricultor	Conhecer a origem da língua e perceber as diferentes influências da língua	Gravação de áudio e anotação
23/08/2018	Debate na escola sobre a visita à feira e discussão do material coletado		Roda de conversa e anotações
24/08/2018	Visita ao local destinado para atividades com os idosos. Entrevistas com idosos		Gravação de áudio e anotação
29/08/2018	Debate na escola sobre a visita aos idosos e discussão do material coletado.		Roda de conversa e anotações
30/08/2018	Visita à associação dos garimpeiros		Gravação de áudio e anotação
31/08/2018	Debate na escola sobre a visita à associação dos garimpeiros e discussão do material coletado.		Roda de conversa e anotações
05/09/2018	Visita ao Museu Aracy Paraguassú		Verificação de documentos antigos Gravação de áudio e anotação
06/09/2018	Debate na escola sobre visita ao Museu Aracy Paraguassú		Roda de conversa e anotações
12/09/2018	Visita à câmara de vereadores		Anotações no diário de bordo
13/09/2018	Debate na escola sobre a visita na câmara e discussão do material coletado		Roda de conversa e anotações

APÊNDICE B - CADERNO DE ATIVIDADES DO PROFESSOR

De onde vem a língua que falamos?

O Português teve origem no latim. Essa era língua oficial falada na Roma antiga, cidade sede do poderoso Império Romano. Porém, as pessoas que ali viviam não falavam o latim de uma única forma já que existiam outras *variedades* do latim, como por exemplo, o *latim literário* (usado pelos escritores para fins estéticos), o *latim eclesiástico* (usado por pessoas ligadas a igreja) e o *latim vulgar* (um vernáculo falado pelo povo e que originou a língua portuguesa).

Vernáculo é o nome que se dá a um modo especial de aprender uma língua, ou seja, quando as pessoas aprendem o idioma no seu ambiente natural, um tipo de conhecimento adquirido na convivência social sem a sistematização da escola. Assim, enquanto o latim literário e o latim eclesiástico eram ensinados através da escrita, o latim vulgar era repassado principalmente através da fala de soldados e comerciantes.

Durante muito tempo foi assim: o latim vulgar foi falado pela maioria dos territórios que Império Romano conseguiu conquistar. Consequentemente, nesse período houve uma relativa uniformidade no latim falado em boa parte da Europa ocidental.

Porém, esse cenário estável mudou quando o Império Romano viveu sua fragmentação a partir da invasão de povos conhecidos como “bárbaros”. A partir de então, a confortável unidade linguística deu lugar, no final do século X, a um “mosaico de falares” que misturava a língua dos novos invasores com as outras variedades do latim que já eram faladas, misturando assim formas de maior prestígio com outras de menor prestígio.

Como se pode imaginar, com o passar do tempo o latim vulgar original dos romanos foi se modificando tanto pelo contato com as línguas naturais faladas nas regiões conquistadas por eles quanto pelas marcas deixadas pelos povos bárbaros quando invadiram o Império Romano e aos poucos essa língua foi se transformando na língua portuguesa.

O sonho dos romanos de conquistar novas terras, muitos séculos depois, é revivido por Portugal. No período dos grandes descobrimentos a Coroa portuguesa

expandiu seus domínios político, cultural e linguístico através da invasão de terras que passaram a explorar e a chamar de *colônias*.

O processo de dominação dos portugueses sobre os índios que aqui moravam assemelha-se ao que aconteceu com latim. Quando os portugueses trouxeram a língua portuguesa os índios que aqui viviam já possuíam não uma língua, mas várias línguas naturais. Estima-se que no Brasil desse período eram faladas cerca de 340 línguas indígenas, o que para os planos dos colonizadores constituía um problema a ser resolvido.

Assim, com tantas línguas indígenas sendo faladas ao mesmo tempo no país, os portugueses precisariam aprender a falar essas línguas para poder dominar os nativos. Então, para superar a dificuldade de dominar uma variedade de línguas tão diferentes entre si e em tão pouco tempo, os portugueses pensaram em criar uma “*língua geral*”, forçando os indígenas a utilizarem predominantemente uma só língua entre todas aquelas que já falavam.

Portanto, a “língua geral” pode ser entendida como o resultado da mistura dessas línguas tendo no *nheengatu* um dos exemplos mais conhecidos, pois esta língua indígena ajudava a silenciar outras também indígenas. Também foi o *nheengatu* a língua geral usada na catequese da região Norte do Brasil, por exemplo.

Depois de cumprido o objetivo dos portugueses de dominar os índios brasileiros, as línguas gerais tiveram o uso proibido (1757) especialmente no contexto escolar onde passou a vigorar como obrigatória a língua portuguesa. Apesar dessa proibição, as línguas gerais continuaram a ser usadas até 1822 quando o Brasil se tornava independente de Portugal.

Como se pode notar pela própria história, a língua que hoje falamos não é resultado apenas de uma língua, mas da mistura de várias desde sua origem no latim. Além disso, nossa história linguística não termina no confronto entre as línguas indígenas e a língua do colonizador português. Ela continua, mais tarde, com novas chegadas e outras influências: dos africanos para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar e dos emigrantes.

Atualmente o português é o idioma oficial em oito países: Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Brasil, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor Leste. É claro que em todos os países em que é falada a língua portuguesa apresenta particularidades em virtude das diferentes realidades históricas, culturais e linguísticas

de cada lugar. Isso explica porque percebemos dentro de um mesmo idioma situações inusitadas de um país para

outro como: palavras diferentes, expressões desconhecidas, novas estruturas de frases e diferentes pronúncias.

REFERÊNCIAS:

Ilari, Rodolfo; Basso, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

Caderno De Atividades

Partes das atividades realizadas com os alunos

1º ENCONTRO:

De onde vem a língua que falamos?

texto ii -erro de português

quando o português chegou

debaixo duma bruta chuva

vestiu o índio.

que pena! fosse uma manhã de sol

o índio tinha despido

o português.

REFERÊNCIAS

(ANDRADE, Oswald de erro de português. in: obras completas. 5ª ed. rio de janeiro: civilização brasileira, 1978.v.7, p177).

1-Considerando o que você aprendeu neste encontro sobre a origem da língua portuguesa e a partir das informações contidas no texto “De onde vem a língua que falamos? ”

Responda:

a) A língua portuguesa é o resultado de uma mistura histórica dos falares dos povos conquistadores com os povos conquistados. Nessa relação sempre prevaleceu uma

variedade de prestígio que passou a ser usada pela maioria das pessoas. Atualmente, você acredita que exista apenas uma língua usada por todos os falantes no Brasil? Justifique sua opinião.

R: _____

b) O latim, idioma do qual deriva a língua portuguesa, apresentava algumas variedades (literário, eclesiástico, vulgar) faladas entre as diferentes classes daquela sociedade. No caso da língua portuguesa falada no Brasil você percebe diferenças entre o modo de falar e escrever das pessoas dependendo da classe social delas? Explique.

R: _____

c) Durante o processo de invasão do império romano pelos povos chamados “bárbaros” a realidade linguística dos romanos mudou bastante. Com base no texto, explique o que você entendeu da expressão: “mosaico de falares”

R: _____

d) De acordo com o que você aprendeu o que foram as línguas gerais faladas no Brasil na época de sua colonização? Por que elas tiveram o uso proibido?

R: _____

2-Sobre o texto Erro de português responda:

a) Arrisque: quais são as interpretações possíveis para a frase “Erro de português”?

R: _____

b) Após a leitura do texto e entendendo o contexto histórico de construção da língua portuguesa por que você acha que o autor colocou o título como erro de português?

R: _____

c) O texto apresenta em sua estrutura dois momentos diferentes. O primeiro coincide com o fato histórico que é a chegada dos portugueses ao Brasil e seu contato com os índios. A frase “vestiu o índio” se refere apenas ao fato dos portugueses colocarem roupa nos índios ou pode representar mais do que isso? Explique.

R: _____

d) A segunda parte do texto permite imaginarmos outro desfecho para nossa história, no qual o índio deixa de ser o dominado e passa a ser o dominador. Que pista (trecho, fragmento) o autor deixa para pensarmos no índio como conquistador dos portugueses?

R: _____

Ser brasileiro é falar só português?

Os falantes brasileiros da língua portuguesa sabem que em diversos aspectos nosso idioma se distancia da língua falada em Portugal. As diferenças do nosso modo de falar se devem a diversidade de culturas e etnias resultantes da própria formação histórica marcada pela colonização, escravidão e depois pelas imigrações europeias e asiáticas.

É sabido que a língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil, mas ao contrário do que se costuma acreditar, não somos um país de uma única língua. Na verdade, somos multilíngues, pois aqui há aproximadamente 330 línguas sendo 274 indígenas (conforme IBGE de 2010) e cerca de 56 línguas de imigração. Além dessas, há também línguas de comunidades afro-brasileiras e línguas crioulas e a língua brasileira de sinais (LIBRAS) como outra língua nacional.

Então ser brasileiro não significa necessariamente falar o português. Essa ideia de que existe apenas uma língua falada aqui é o resultado de muitos anos de

interferência do Estado no sentido de silenciar e eliminar essas outras línguas para que seus falantes as substituíssem por aquela de maior prestígio (a língua portuguesa, dos colonizadores) e assim se espalhasse o mito de que no Brasil existe apenas uma língua falada por todos.

A tentativa de “matar” as outras línguas que não fossem a portuguesa inicia com a chegada dos colonizadores em nosso território. Havia nesse período cerca de mil línguas faladas por indígenas de diversas etnias. A mais conhecida foi o tupinambá que era falada pelos grupos mais abertos ao contato com os colonizadores e dela se originou a chamada “língua geral” (também chamada tupi e na Amazônia conhecida como “*nheengatu*”) que passou a ser usada tanto pelos índios como pelos não índios.

Foi essa língua geral que os jesuítas estudaram e registraram para a catequização dos povos indígenas. Assim, no período colonial o Brasil viveu uma situação de bilinguismo, isto é, o português e a língua geral (falada por grande parte dos europeus e seus descendentes) coexistiram no nosso território por um longo período até que em 1758, o Marquês de Pombal deu à língua portuguesa o status de idioma oficial e ao mesmo tempo proibiu o uso da língua geral.

Mais tarde, com a chegada dos africanos e suas diversas línguas o mesmo processo de substituição de línguas ocorreu. Sabe-se, por exemplo, que uma língua africana denominada “mina” foi falada na região de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto (MG).

Assim, ao recrutar os índios e depois os negros para os trabalhos forçados do Brasil colônia, os portugueses travaram por um lado, guerras físicas com esses povos obrigando-os a servir de mão-de-obra e por outro, guerras linguísticas porque esses indivíduos não queriam mudar de língua para adotar o português e esta desobediência motivou a morte de muitos inocentes.

Porém, essa guerra linguística dos colonizadores não teve um final com os negros. Ela continua mais tarde com a chegada dos imigrantes ao Brasil. No governo de Getúlio Vargas, por exemplo, imigrantes italianos e alemães das regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram perseguidos por não usarem a língua portuguesa. As punições para quem usasse outros idiomas, mesmo que dentro de casa, foram severas: prisões, torturas, fechamento de gráficas de jornais italianos e alemães, desapropriação de escolas comunitárias.

Usar outra língua no Brasil que não fosse a oficial era agora um crime, chamado pelo Estado Novo de “Crime idiomático”. Nas escolas em Santa Catarina, as crianças eram incentivadas a denunciar os pais que falassem alemão ou italiano no episódio que ficou conhecido como a “escola da “nacionalização”.

Como a história mostra a escolha da língua portuguesa como idioma oficial não foi um processo pacífico de aceitação, mas ao contrário, significou um verdadeiro embate cultural e linguístico entre diversos povos e o Estado brasileiro.

Apesar das várias tentativas de silenciar as outras línguas faladas por aqui, o objetivo não foi alcançado totalmente, pois em alguns lugares no Brasil pessoas ainda resistem e usam suas línguas de origem. O “*nheengatu*”, nossa língua genuinamente brasileira ainda é usada em algumas regiões da Amazônia assim como algumas comunidades africanas também preservam suas raízes é o caso dos habitantes de Cafundó, um bairro rural no município de Salto de Pirapora (SP). A população descendente dos imigrantes também utiliza seus idiomas de origem, ainda que timidamente nas regiões rurais para conversações informais entre seus pares.

A mistura inevitável entre as diferentes línguas (índios, negros, imigrantes) contribuiu para que a forma de falar do brasileiro apresente muitas variedades de região para região. A nossa identidade linguística não é a língua portuguesa, mas a mistura de falares que constituem a formação do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **Brasileiro fala português**: Monolinguísmo e preconceito linguístico. Publicado em MOURA e SILVA (Org). O direito à fala: a questão do preconceito linguístico, Florianópolis: Insular, 2000, p.127.

2º ENCONTRO:

A língua portuguesa é a única falada no Brasil?

Texto: Nossa língua portuguesa

(Paulo Gondim)

No velho mundo, surgiu

Toda cheia de beleza

Cruzou mares, se expandiu

Trouxe toda realeza
O novo mundo encantou
Nossa língua portuguesa

Chegou, por aqui, ficou
Um orgulho da nação
A todos unificou

Do litoral ao sertão
De sul ao norte e sudeste
É a língua da nação

Na caatinga e no agreste
Do Oiapoque ao Chuí
Fala-se a língua de mestre

Ela deixou por aqui
A palavra coração
E outras que já ouvi

Uma cheia de emoção
Que chamamos de saudade
Que nos trás desilusão

E nos quebra a vaidade
Se sofremos de paixão
Pedimos por caridade

Pedimos por compaixão
Só um pouquinho de afeto
Só um pouco de atenção

Essa língua é mesmo um teto
Que acolhe a todos nós

E todos nos faz mais perto

Língua de nossos avós

Da terra mãe lusitana

Do Além-Tejo até a foz

Que duas pátrias irmana

Num só falar tão singelo

Que a todos nós engalana

1) O texto acima fala sobre a formação da língua portuguesa. Com base no que você aprendeu neste encontro responda:

a) O que significa ser um país multilíngue?

R: _____

b) Os trechos destacados no texto recontam a trajetória da língua no Brasil e a 3ª estrofe mostra a forma natural e pacífica da chegada do idioma por aqui, caracterizando o português como língua acolhedora. Em sua opinião esse cenário traduz a realidade do que aconteceu? Explique.

R: _____

c) Quem foi o responsável por tentar “matar” outras línguas que não fossem o português? Por que isso aconteceu?

R: _____

3º ENCONTRO:

A variação linguística

Uma língua oferece a seus usuários diferentes formas de realização, isto é, diferentes “jeitos de falar e escrever” e não existe uma forma “melhor” (certa) ou “pior” (errada) de empregar a língua. Entretanto, fomos educados na visão do certo e do errado por conta da eleição de uma variedade instituída em nossas escolas e sociedade chamada por muitos de norma padrão.

Todos os falantes da língua portuguesa conhecem as regras gerais de funcionamento do nosso idioma. Conhecer essas regras não significa dominar a gramática (o livro), mas está relacionado a saber fazer uso da língua em situações diferentes e estabelecer a comunicação.

Como vimos no encontro “De onde vem a língua que falamos? O português falado no Brasil recebeu, ao longo de sua formação histórica, a influência dos vários étnicos (indígenas, portugueses, africanos, emigrantes) que ajudaram a construir o país e também um mosaico de falares. As principais diferenças encontradas nos vários modos de falar e de escrever o português brasileiro são, em sua maioria, facilmente identificáveis e estão relacionadas a inúmeros fatores (como tempo, o espaço geográfico, grupos sociais, tipo de registro, idade, sexo, escolaridade entre outros). Dizemos, por isso que, todas as línguas estão sempre sujeitas as **variações linguísticas**, isto é, sujeitas às diferenças quanto ao uso pelo falante.

Tarallo (2007, p.8) afirma que “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Assim, por exemplo, podemos dizer “Tu vais”, “Tu vai” ou “você vai”; “Chegou Os meninoS” ou “ChegaraM oS meninoS”; “Tô fora” ou “Não vai ser possível”; “a gente não sabia” ou “não sabíamos” ou também “desconhecíamos”

Como podemos notar, esses enunciados apresentam formas diferentes, mas transmitem a mesma ideia. Eles possuem, portanto, o mesmo valor linguístico apesar das pessoas atribuírem a eles um valor social (valorização) diferente dando maior prestígio a algumas formas e discriminando outras. Outra conclusão a que chegamos a partir desses enunciados é que as pessoas os realizam normalmente em seu cotidiano independentemente do nível de escolaridade, basta observar a fala de pessoas que possuem nível superior para perceber que realizam essas variações.

Isso acontece porque a variação é parte da natureza da própria língua e os falantes vão usar uma ou outra forma dependendo inclusive das situações específicas de comunicação nas quais estão inseridos (nossa forma de falar com os amigos é diferente de nossa forma de falar em uma entrevista de emprego ou na apresentação de um trabalho escolar). Essa alternância de usar a língua com maior ou menor formalidade dependendo dos diferentes contextos de interação Bagno (2007) chama de **variação estilístico-pragmática**. Por meio desta variação podemos dizer “Queiram se sentar, por favor” ou “Vamo sentano aí galera. ”

Além disso, **variemos** também nossa forma de usar a língua dependendo do **tempo**. Assim, são chamadas de **variações históricas** as diferentes formas de realização da língua em determinados momentos da história. Um exemplo dessa variação é o que acontece com as palavras “retrato” que com o passar do tempo mudou para “fotografia” e hoje tem sido sinônimo de “self”. Na histórica carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500, encontramos as palavras “dereito”, “despois” “frecha” que longe de constituir um “erro” mostram usos da língua portuguesa daquele período.

Assim como a passagem do tempo determina alterações nos usos que fazemos da língua portuguesa, a nossa **origem geográfica** também. A essas diferenças encontradas em uma mesma língua por causa da localidade do falante chamamos de **variações geográficas** e podem ser observadas tanto na comparação entre países diferentes que usam o mesmo idioma, como acontece com o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), quanto na comparação entre as regiões de um mesmo país. É por meio desse tipo de variação que as palavras “pipa” e “pandorga” nomeiam um brinquedo que em outros lugares é chamado também de “papagaio”, “tapioca”, “arraia” ou “quadrado”.

Mas a variação geográfica não se manifesta apenas no vocabulário, mas também na pronúncia diferenciada de uma mesma palavra. É comum dizermos que os paulistas falam de um jeito, os cariocas de outro, os gaúchos de outro, os nortistas de outro. Essa diferença na fala é popularmente chamada de sotaque.

As muitas diferenças encontradas na língua portuguesa não acontecem somente na fala, mas também na escrita. Nas orações “Uma história que ninguém prevê o final/ Uma história que ninguém prevê o final dela/ Uma história cujo final ninguém prevê, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneira diferente numa boa demonstração do que Bagno (2007) chama de **variação sintática**.

Ao escrever, **variemos** o uso da língua também de acordo com o **tipo de texto (gênero)**. Por isso, constatamos que a linguagem de um texto jornalístico é diferente da linguagem de uma bula de remédio. A linguagem usada nas redes sociais é tão diferente da linguagem de uma redação escolar e ou de um texto da área jurídica. A variação na escrita pode ser observada, entre outras coisas pelo vocabulário (escolha de palavras), que se modifica dependendo do tipo de texto (gênero). Esta é a razão pela qual notamos que um aviso pode ser dado de formas diferentes (formas linguísticas) quando está em um ofício, quando está em um bilhete, quando está em um guia turístico e assim por diante.

Finalmente, os usos da língua variam dependendo do **grupo social** a que pertence falante. Por conta dessa variação, chamada de **diastrática**, a língua varia de acordo com a idade, o sexo, a escolaridade, classe social entre outros aspectos. Assim, vemos certas características na fala dos jovens (gírias) em relação aos adultos, na fala das mulheres (uso frequente de diminutivos: “bonitinho”) em relação aos homens, na fala dos escolarizados e dos não escolarizados.

Conforme pesquisas científicas na área da sociolinguística têm demonstrado as variações não podem ser tratadas como defeito da língua ou de uma pessoa, pois existem razões no sistema linguístico para serem realizadas.

Enunciados que apresentam a ordem invertida nas quais o verbo inicia a oração no lugar que geralmente é ocupado pelo sujeito como em “**Chegou os meninos**”, por exemplo, apresentam uma tendência natural para não realizar a marca de plural. Se mudarmos a ordem dessa oração para “**Os meninos chegaram**” perceberemos que haverá uma maior possibilidade de o falante marcar o plural acompanhando o sujeito que o antecede.

No português brasileiro é comum e frequente os falantes tanto escolarizados quanto não escolarizados realizarem construções do tipo “Chegou os meninos” ou “Aluga-se casas”. A não marcação de plural, portanto é um exemplo de variação da língua já que o mesmo indivíduo que realiza enunciados sem marcar o plural poderá também em outras ocasiões optar por realizar “Chegaram as encomendas” ou Alugam-se casas.

Dessa forma, a posição do sujeito influencia diretamente a nossa marcação ou não de plural. Se iniciamos um enunciado com o sujeito que está no plural possivelmente vamos ajustar também ao plural o verbo. Entretanto, se quem iniciar a

oração for o verbo e o sujeito que estiver no plural aparecer depois dele teremos uma maior tendência a deixar o verbo no singular ignorando o plural do sujeito.

Esse fenômeno curioso de variação de concordância já foi objeto de estudo de pesquisadores como Vieira (1995) e Graciosa (1991) que avaliaram o uso da língua tanto de pessoas não escolarizadas quanto com pessoas altamente escolarizadas. As pesquisas comprovaram que não marcar o plural em casos como o demonstrado acima nada tem a ver com falta de escolaridade, mas com a maneira como organizamos sujeito e verbo na oração. Quando não marcamos o plural ou quando o marcamos estamos diante da natureza da própria língua que é variar dentro do sistema e entre os falantes.

Assim é a língua: um sistema de muitas possibilidades que estão à disposição do usuário para escolher uma ou outra forma para dizer e/ou escrever o mesmo conteúdo linguístico. Se variadas são as formas da língua e podemos escolher aquela que melhor se ajusta ao nosso propósito comunicativo, não podemos nos apoiar em uma variedade para desclassificar ou repudiar as outras. O preconceito linguístico está relacionado, portanto, ao desconhecimento dessas múltiplas possibilidades de nosso idioma. Nosso olhar sobre a língua deve ser ampliado e o preconceito sobre a língua apegue a nosso falar, nosso escrever e nosso agir.

Muitas vezes por **desconhecimento** do que é a **variação linguística** e de quantas maneiras ela pode ocorrer, grande parte das pessoas acaba discriminando os indivíduos pela forma de variar a língua realizando o **preconceito linguístico**. Entretanto a chamada “norma padrão” usada pelas pessoas para corrigir as outras também é uma (e apenas uma) entre tantas formas de usar a língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2009.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MUSSALIM, Anna Cristina Bentes (orgs). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8ªed. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueredo. **Ensino de Gramática**: descrição e uso. 2ªed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

1- (UGMG) João do Rio, em um dos capítulos de **A alma encantadora das ruas**, narra episódios relacionados às tabuletas do comércio que se espalhavam pelas ruas do Rio de Janeiro do início do século XX. E uma dessas passagens, ele narra:

“E outro, encarregado de fazer as letras de uma casa de móveis, *vendem-semóveis*, quando o negociante veio a ele:

__Você está maluco ou a mangar comigo?

__Por quê?

__Que plural é esse? Vendem-se, vendem-se.... Quem vende sou eu e sem sócios, ouviu? Corte o *m*, ande!

As letras custam dinheiro, custam aos pobres pintores... O rapaz ficou sem o *m* que fizera com tanta perícia. Mas também, por que estragar? ”

a) Você considerou válido argumento usado pelo comerciante para convencer o pintor a retirar a marca de plural do verbo? Por quê?

R: _____

b) As construções “Vende-se imóveis” ou “vendem-se imóveis” transmitem o mesmo conteúdo linguístico? Podem ser consideradas variações linguísticas? Justifique.

R: _____

c) Observando a posição do verbo como você explicaria a construção “Vende-se imóveis”?

R: _____

2- Leia a nota jornalística

BÁSICO. *Slogan* de vídeo preparado pelo Ministério da Educação para marcar a inauguração de quatro escolas técnicas em Goiás [...] “**Ganha os alunos e ganha os empresários**”. O autor faltou à aula de concordância entre sujeito e verbo (LO PRETE, Renata. Painel. Folha de São Paulo. 26 de abril de 2009)

a) Considere que o comentário da jornalista “O autor faltou à aula de concordância entre sujeito e verbo”. Você avalia que houve aí o preconceito linguístico? Comente.

R: _____

3- Leia com atenção este trecho extraído da crônica “Tropeços_ a graça e a lógica de certos enganos da fala”, de Ivan Angelo:

O compenetrado pintor de paredes olhou as grandes manchas que se expandiam por todo o teto do banheiro do nosso apartamento, as mais antigas já negras, umas amarronzadas, outras esverdeadas, pediu uma escada, subiu, desceu, apalpou em vários pontos e deu seu diagnóstico:

__Não adianta pintar. Aqui tem muita “humildade”.

Levei alguns segundos para compreender que ele queria dizer “umidade”. **E consegui não rir.** Durante a conversa, a expressão surgiu outras vezes, não escapara em falha momentânea.

O cliente da reforma diz demorar em entender a fala do pintor, mas consegue reconhecer que “humildade” correspondia a “umidade”. Levante hipóteses sobre o pensamento do cliente: “E consegui não rir”

a) Em sua opinião esse comentário revela preconceito linguístico? Justifique sua resposta.

R: _____

b) Se fosse o cliente que falasse “humildade” no lugar de “umidade” você acredita que o pintor teria o mesmo pensamento que o cliente teve (E consegui não rir). Por quê?

R: _____

4- O texto que você vai ler faz uma comparação entre o neologismo empregado por dois ministros em períodos políticos diferentes. Os neologismos são as palavras novas criadas na própria língua ou adaptadas de outra como “xerocopiar”, por exemplo.

As palavras e as coisas

Ministro corre risco de optar pela poesia

Quando o ex-ministro do Trabalho Antônio Rogério Magri criou o seu “imexível” houve um certo escândalo entre os puristas. A ousadia verbal do então ministro_ na verdade, reconhecida **ignorância**_ era um sintoma. O que veio depois ficou por conta da crônica policial.

Temos agora o “convivível” de Fernando Henrique. Especialistas, depois dos permissivos anos 60, tendem a achar que tudo é possível. A língua, de fato, prevê um processo de formação de palavras_ a derivação imprópria_ pelo qual vocábulos de uma determinada classe gramatical demonstram eficiência em outra. Fernando Henrique, **corajoso**, avança como um Vasco da Gama do Português por mares nunca dantes navegados e acrescenta um tipo de derivação imprópria a sufixação. Vai, diria Fernando Pessoa, “além do Bojador”. É feio, mas dá nisso: convivível. (...)

a) Após a leitura do texto constatamos a presença duas novas palavras: “imexível” e “convivível”. Identifique agora quem é o autor de cada uma delas.

R: _____

b) Antônio Rogério Magri e Fernando Henrique Cardoso têm em comum o cargo (os dois são Ministros) e também a criação de uma palavra “nova” na língua portuguesa. A diferença entre os dois é o status social já que enquanto o ministro Magri é conhecido como ex-sindicalista Fernando Henrique é conhecido como um ministro acadêmico. Em sua opinião essa diferença entre os dois ministros é importante para a linguagem utilizada por eles? Explique.

R: _____

c) As palavras destacadas no texto se referem às qualidades dadas pelo autor do texto a cada ministro por causa da criação de sua nova palavra. Você percebeu alguma diferença? Qual?

R: _____

O Português da gente: a linguagem cabocla

Ediene Pena Ferreira⁵

*“se não é longe é bem ali, se é pavulagem, aplica aqui,
se eu estou cheio, eu tô até o tucupi, espanto é égua,
se é bom é pai-d’égua...”* Jana Figarella (Dialeto papa-xibé)

Uma das primeiras lições que aprendemos em um curso de Letras é a de que o homem é o único animal que, por meio da linguagem, é capaz de pensar no futuro, projetá-lo e até decidir sobre ele. Os outros animais também possuem códigos de comunicação, alguns até bem complexos, mas nada que se compare à eficiência da linguagem humana. A linguagem é, portanto, um poderoso instrumento de que dispomos para interagir, persuadir, manipular, conquistar, implantar e conservar ideologias. Somos seres de linguagem e esta é um importante fator de identificação social.

A linguagem humana se manifesta por meio das diferentes línguas do mundo. No Brasil, como sabemos, a língua oficial é a língua portuguesa, embora com esta convivam muitas outras línguas, as dos imigrantes e diversas línguas indígenas que ainda resistem. É importante lembrar que a língua portuguesa que aqui chegou, há mais de 500 anos, entrou em contato com várias línguas indígenas, em especial o tupi³, que servia como língua geral, uma vez que as tribos existentes no Brasil eram de etnias bem diferentes. Além das línguas indígenas, o português no Brasil misturou-se às línguas africanas, consequência da vinda de quatro milhões de africanos trazidos, pelos portugueses, como escravos, que abandonaram suas línguas maternas e passaram a utilizar a língua portuguesa. E o português abraçou-se, e cada região brasileira, devido à sua formação histórica e cultural, deu cor e sabor a esse português. O país continental, marcado por tantas diferenças, é também marcado pela diversidade linguística. E não adianta perguntar em qual região do Brasil se fala melhor o português, simplesmente porque não existe o melhor português, todas as manifestações linguísticas são válidas, são legítimas se atingirem seu propósito comunicativo. Essas manifestações linguísticas caracterizam o povo que as utilizam. ¹⁰

Santarém, a pérola do Tapajós, cantada em verso e prosa, localizada a oeste do estado do Pará, também é lembrada pela linguagem. Nós, santarenos, somos caboclos, porque fomos formados essencialmente pela mistura do ‘homem branco’ – o português – com os índios. Essa nossa formação deixou suas marcas na linguagem. Presentes no nosso cotidiano e nas histórias populares, como as registradas no livro Santarém Conta⁴, de onde retiramos as ocorrências que ilustram esse texto, essas marcas caracterizam o falar dessa terra abençoada por Nossa Senhora da Conceição. A presença portuguesa, forte em todo o Pará, explica usos arcaizantes de nossa língua, como os termos “ilharga⁵” e alevantar⁶ tão presentes na fala dos mais velhos e dos ribeirinhos. Para demonstrar espanto, surpresa, dizemos égua! Olha já! uuulha! Para negar, demonstrar dúvida ou descrença, dizemos mas quando! Se estamos

¹⁰ ²Pós-doutora em Linguística pelo ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional – Lisboa/PT); Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará; coordena os projetos de pesquisa Corpus de Textos Oraís do Português Santareno e História Social e Linguística do Português do Oeste Paraense.

³ O tupi foi a língua usada pelos jesuítas para catequizar os índios, e conviveu, durante muito tempo, com a língua portuguesa, entrando em decadência apenas no século XVIII com a proibição, feita por Marques de Pombal, de uso da língua indígena e a oficialização da língua portuguesa como idioma brasileiro.

desanimados ou deprimidos, estamos mofinos, e às vezes só um caribé dá jeito. Quando queremos demonstrar certeza ou opinião dizemos no duro⁷. Ao relatar um fato, se quisermos enfatizar a demora de algo ou passagem do tempo, dizemos e teve, teve, teve⁸. Se nos assustamos ou nos aborrecemos, dizemos Ah, possível⁹, como variação ah, possíva! Se em uma discussão argumentos foram apresentados, dizemos (porque) torna e (porque) deixa¹⁰. Santareno não simpatiza, santareno se dá¹¹. Se não tem certeza diz paresque. Se não tem sorte, está panema, e deve ser porque alguém jogou pissica¹². Se estamos no estágio inicial do sono, estamos na madorna¹³. Se estamos ociosos, estamos à ufa! Se estamos bastante saciados, dizemos que estamos até o tucupi. Para demonstrar aborrecimento, descontentamento ou menosprezo, dizemos axiii corno. Se algo deu errado, putitanga! Se desconfiamos que alguém está mentindo, dizemos tá (bom) cheiroso. Para repreender alguém, dizemos eras de ti, eras dessa. Se nos satisfazemos com o erro alheio, dizemos toma-te. Se nos custa entender algo, perguntamos mas como então? Nosso vocativo preferido é mana, ou manazinha. O que é pequeno aqui é gito, e se for estranho é marmota¹⁴.

¹¹ Santareno não é rijo nem esperto, é sagica. Não damos pancada, damos rimpada¹⁵. São tantas as expressões que não caberiam nestas páginas...

11 ⁴ SIMÕES, M.P.S.; GOLDBER, C. (orgs.) Santarém Conta. Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995.

⁵ Significa ao lado de. "Quando foi de manhã ele foi ver. Chegou lá, ele estava teso na ilhargá da ponte." (Boto chupador – Santarém Conta)

⁶ "Aí, se levantou, minha querida." (Onorato: cobra grande – Santarém Conta)

⁷ "Quando cheguei numa certa mediação, escutei um grito, ai, ai, ai, ai e vap, vap, vap (...). No duro ela está dando nele" (Curupira - Santarém Conta)

⁸ "Quando veio a noite, estavam tarrafeando e teve, teve, teve... Que quando ele deu, a canoa subiu em cima de um negócio" (A cobra grande – Santarém Conta)

⁹ "Quando foi ali, uma meia-noite, ele viu aquele barulho e disse: _ Ah, possível. Isso pode ser curupira." (A curupira – Santarém Conta)

¹⁰ Que é, o que não é, torna e deixa, apagaram a luz. (O boto do Traíra – Santarém Conta)

¹¹ Tinha uma velha, se deu com ele, aí, ensinava remédio pra ele. (Os pescadores e o boto – Santarém Conta)

¹² Pissica da velha Chica, faça com que ela erre – frase usada em disputas, para neutralizar o adversário.

¹³ Quando já estava querendo pegar a madorna, o bicho de novo... foi lá com ele, outra vez. (O boto do Traíra – Santarém Conta)

¹⁴ Porque onde tem muito ouro, muita riqueza, aparece esse tipo de marmota para amedrontar... (Fogo-fátuo – Santarém)

¹⁵ O curupira pegou ele e deu uma rimpada na terra e levantou. (A curupira - Santarém Conta)

¹⁶ Nos anos 20, em nossa cidade, era utilizado o termo santareense, para designar o indivíduo que nascia em Santarém, conforme atesta a pesquisa Estudo da morfologia derivacional em textos jornalísticos santarenos da primeira metade do século XX, desenvolvida por Maria Eduarda Chaibe, sob minha orientação.

Não podemos dizer que essas expressões sejam exclusivamente santarenas, pois também podem ser encontradas em outras cidades paraenses, caracterizando o chamado dialeto papa-chibé, ou até mesmo a linguagem do norte do Brasil. É claro que o Pará, devido à extensão territorial, também guarda diferenças linguísticas, os falantes do sul e sudeste do Pará, por exemplo, têm uma pronúncia bem diferente da nossa. O oeste do Pará guarda mais identidade com a capital, Belém. Nossa pronúncia é si-la-ba-da, falamos como se estivéssemos separando em sílabas, nós palatizamos o s e z no final de palavras, ou seja, nós chamamos. Para mais, dizemos maij, para rapaz, dizemos rapaij... a galinha é galhinha, Amazônia é Amazônhia. O nosso caboclo, pouco escolarizado, diz canua (canoa) e muitos acreditam no buto (boto). O mais interessante é saber que esse fenômeno – a troca do o pelo u, na linguagem científica chamado de alçamento de vogais tônicas, também acontece em Portugal insular, nas Ilhas Açorianas. A propósito, vale lembrar que os açorianos tiveram grande influência na nossa colonização. Não podemos, portanto, fugir da nossa história. Nossa linguagem é reflexo da nossa formação. Registrar e estudar a língua de um povo é também registrar sua história.

1-Tomando como referência o texto: O Português da gente: a linguagem cabocla responda:

a) O que significa ser caboclo?

R: _____

b) Por que no Pará usamos formas bem antigas da língua portuguesa como “ilharga”, por exemplo?

R: _____

c) Escolha e retire do texto pelo menos três expressões paraenses que você mais usa e ouve falar.

R: _____

d) Agora retire três expressões usadas no Pará, mas que você não usa e não ouviu falar.

R: _____

2- Como mostra o texto as diferenças no português paraense vão além do vocabulário (palavras ou expressões), pois também estão presentes na pronúncia.

a) Pronuncie as palavras “mais”, “rapaz”. Qual diferença você observou entre a escrita e a forma como você falou?

R: _____

b) (...) “Nós palatizamos o **s** e o **z** no final das palavras”. O que significa isso de acordo com o texto?

R: _____

c) Segundo o texto o que é o alçamento de vogais tônicas?

R: _____

d) Para “canoa” o caboclo diz “canua”. Cite outro exemplo que você já ouviu desse mesmo fenômeno.

R: _____

3- As expressões que marcam as variedades regionais no Brasil não constituem apenas elemento de importante identificação cultural, mas também apresentam

significados muito interessantes que devem ser conhecidos e valorizados. Com base no seu conhecimento sobre os falares do Pará atribua significados aos usos abaixo:

Olha já _____

Pissica _____

Pelejar _____

Pomba lesa _____

Levou farelo _____

Pavulagem _____

Pisa _____

Chibé _____

Curuba _____

Eu choroooo _____

Muito firme _____

Papa-chibé _____

Pitiú _____

4-Pesquise as linguagens paraenses em letras de música de nossa região. Destaque as palavras que você mais usa. Separe também aquelas palavras que você não conhece e tente atribuir-lhes um significado a partir do contexto em que foram empregadas. Socialize com a turma o que você encontrou a partir desta pesquisa.

APÊNDICE C – DIÁRIO DE BORDO

DIÁRIO DE BORDO 1

1-Você conhece a história da língua portuguesa? Qual língua originou a nossa?

R: _____

2-A língua da qual origina a língua portuguesa apresenta apenas uma forma de representação ou várias?

R: _____

3-O que você entende por variedades nas línguas?

R: _____

4- Você considera que domina bem a língua portuguesa? Por quê?

R: _____

5-Escreva abaixo o que você não sabia e aprendeu nesta aula sobre a língua que você fala e escreve.

DIÁRIO DE BORDO 2

1-Quantas línguas são faladas no Brasil? Além da língua portuguesa você conhece outras línguas usadas por aqui?

R: _____

2-Qual foi a primeira língua falada no Brasil? Por que não falamos essa língua?

R: _____

3-Muitos fatores ajudam a determinar a escolha de uma língua como oficial.

Comente em poucas palavras o que influenciou para que no Brasil o português se tornasse a língua nacional.

R: _____

4- Com suas palavras explique o que foi o bilinguismo ocorrido no Brasil no período colonial? E hoje em dia alguma língua ainda coexiste com a língua portuguesa.

R: _____

5- De acordo com o seu entendimento do texto “Brasil, um país de muitas línguas” e da aula responda:

a) O que são guerras linguísticas?

b) O que foi o crime idiomático? Você concorda que falar outro idioma seja considerado crime? Por quê?

6-Complete abaixo o resumo da aula de hoje sobre as línguas faladas no Brasil

a) Eu já sabia que a língua portuguesa _____

b) Mas não sabia que _____

DIÁRIO DE BORDO 3

1-Em sua opinião o que significa conhecer o funcionamento da língua portuguesa?

R: _____

2-Na língua portuguesa existem várias formas diferentes para dizer ou escrever o mesmo conteúdo linguístico. O que você costuma fazer quando uma pessoa fala ou escreve diferente do seu jeito?

R: _____

3-O que você entende pela expressão Variação linguística?

R: _____

4-Das variações linguísticas estudadas neste encontro quais você percebe com mais frequência no seu cotidiano?

R: _____

5-Em sua opinião a variação linguística impede a comunicação entre as pessoas?
Por quê?

R: _____

6- A variação linguística é parte da natureza da língua não devendo ser vista como um erro. Você já corrigiu alguém por usar a língua diferente de você? E você já foi corrigido? Como se sentiu?

R: _____

7-O que você entende por preconceito linguístico?

R: _____

DIÁRIO DE BORDO 4

1-Quais são as expressões linguísticas paraenses que você mais gosta de usar?

R: _____

2-Você já passou ou presenciou alguma situação em que uma pessoa tenha sofrido preconceito por causa do seu falar paraense? Relate brevemente.

R: _____

3- Quando você viaja ou está diante de pessoas que não são do Estado do Pará você se orgulha de seu modo de falar ou tenta não dar sinais de que é paraense? Por quê?

R: _____

4-Você se considera um caboclo no modo de falar? Por quê?

R: _____

5-Você já esteve em outras cidades do Pará? Se sim, percebeu alguma expressão diferente em relação ao jeito de falar dos itaitubenses? Cite.

R: _____

6-Cite um exemplo de expressão usada por pessoas mais velhas que tenha lhe chamado a atenção. Justifique qual a razão de sua surpresa.

R: _____

DIÁRIO DE BORDO 5

1-O que mais chamou sua atenção durante a entrevista com o feirante?

R: _____

2- Registre abaixo as palavras ou expressões que você considera como marcas linguísticas próprias do vocabulário dos feirantes durante a conversa com o cliente.

R: _____

3-Com relação à linguagem empregada pelos entrevistados o que você considerou mais interessante?

R: _____

4- A linguagem utilizada pelo feirante é parecida com a sua ou diferente? Por quê?

R: _____

5- Durante a entrevista você notou o uso de alguma palavra ou expressão que você não tem costume de usar e ouvir? Se sim, qual?

R: _____

6-Escreva abaixo o que você não sabia e aprendeu durante nossa roda de conversa

DIÁRIO DE BORDO 6

1-Você gostou de visitar os idosos no programa social da SEMDAS? Por quê?

R: _____

2-O que mais chamou sua atenção durante a entrevista com os idosos.

R: _____

3- Com relação à linguagem empregada pelos entrevistados o que você considerou mais interessante?

R: _____

4-Durante a entrevista você notou o uso de alguma palavra ou expressão que você não tem o costume de usar e ouvir? Se sim, qual?

R: _____

5- Você considera que houve diferença da linguagem do idoso se comparado com a linguagem do jovem? Por quê?

R: _____

6-Escreva abaixo o que você não sabia e aprendeu durante nossa roda de conversa sobre o programa social realizado pela SEMDAS com os idosos.

R: _____

DIÁRIO DE BORDO 7

1- Você já havia visitado à associação dos garimpeiros?

2- Qual o contato que você tinha ou tem com esse grupo?

3- Você considerou a linguagem dos garimpeiros diferente da sua? Porquê?

4- Considerou a linguagem deles incompreensível? Justifique.

5- Registre abaixo palavras que o garimpeiro utilizou que você não as conhecia?

6- Escreva abaixo o que você não conhecia e aprendeu durante nossa roda de conversa sobre à visita à associação dos garimpeiros.

DIÁRIO DE BORDO 8

1-Você já havia visitado o Museu? O que mais chamou sua atenção nesse lugar?

R: _____

2- Ao observar a linguagem utilizada em documentos antigos sobre a cidade de Itaituba o que você mais gostou? Registre as palavras ou expressões que você desconhecia.

R: _____

3-Você considera que a língua portuguesa utilizada nos jornais ou documentos antigos da cidade ainda é a mesma usada atualmente? Por quê?

R: _____

4- De tudo que você observou nos registros escritos no Museu Aracy Paraguassú qual (s) forma (s) da língua você acredita que seja (m) exemplo (s) de variação linguística? Justifique sua resposta

R: _____

5- Durante a entrevista com a coordenadora do museu você notou o uso de alguma palavra ou expressão que você não tem costume de usar e ouvir? Se sim, qual?

R: _____

6- Registre abaixo palavras ou expressões antigas observadas no Museu e ao lado delas coloque palavras ou expressões que você acredita que atualmente as substituiu preservando o mesmo significado

R: _____

7-Escreva abaixo o que você não sabia e aprendeu durante nossa roda de conversa sobre a visita ao Museu.

DIÁRIO DE BORDO 9

1-Você já tinha visitado a Câmara Municipal? O que mais surpreendeu você nesse lugar?

R: _____

2-Como você considera a linguagem empregada pelos vereadores: formal ou informal? Justifique sua resposta.

R: _____

3- Registre abaixo as expressões mais utilizadas pelas autoridades durante nossa visita

R: _____

4-Você acha que essas expressões são consideradas cultas? Por quê?

R: _____

5- Você observa o uso dessas expressões no cotidiano? Justifique.

R: _____

6-Escreva abaixo o que você aprendeu nesta visita.

R: _____

7-Transcreva o trecho que mais você gostou de gravar durante as exposições orais dos vereadores.

R: _____

DIÁRIO DE BORDO MINHA IMPRESSÃO

Depois de ter conhecido o fenômeno da variação e seus tipos nos encontros temáticos, de ter visitado lugares diferentes para entrevistar, gravar e transcrever usos da língua e de ter debatido sobre tudo que viu e ouviu durante as nossas rodas de conversas, escreva abaixo o que você pensa agora sobre:

a) Variação linguística

b) Preconceito linguístico

c) Pesquisar sobre os usos da língua portuguesa ouvindo os falantes

d) Manifestações de preconceito linguístico na escola

e) Sua participação no projeto sobre variação linguística

APÊNDICE D – ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIO

ATIVIDADE: VISITA À FEIRA DO AGRICULTOR

Informante: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

QUESTIONÁRIO

1-De que cidade você é? Há quanto tempo trabalha aqui?

R: _____

2- Você gosta do trabalho na feira? Por quê?

R: _____

3-Você já atendeu clientes de outras cidades? Como você soube que a pessoa não era de sua região?

R: _____

4-Quando um cliente não está convencido de levar o seu produto como você faz para ajudá-lo a decidir?

R: _____

5- Na feira existem muitos concorrentes, como você faz para se destacar e conquistar os clientes?

R: _____

6- Já presenciou ou foi envolvido em alguma confusão no seu ambiente de trabalho? Se sim, relate como foi.

R: _____

7- Você foi um (a) adolescente tranquilo ou deu trabalho para seus pais? Conte um fato que aconteceu no passado e que hoje você recorda com saudade.

R: _____

ATIVIDADE: ENTREVISTA COM IDOSO

Idade do informante: _____

Sexo: _____

Nível de escolaridade: _____

Profissão que desempenhava: _____

QUESTIONÁRIO

1-De que cidade você é?

R: _____

2-O que você mais gosta de fazer na rotina de casa, quando não vem para o programa social?

R: _____

3-Qual a comida que você mais gosta?

R: _____

4-Quando jovem você gostava de praticar algum esporte? Qual?

R: _____

5-O que você acha da linguagem do jovem atualmente? Houve mudança no português que você falava em relação ao que se fala hoje? Cite algumas palavras que você considera novas.

R: _____

6-Você já usou alguma palavra que um jovem não entendeu? Qual?

R: _____

7-Você considera que foi uma criança comportada? Conte uma história de sua infância que você lembra com saudade.

R: _____

ATIVIDADE: VISITA À ASSOCIAÇÃO DOS GARIMPEIROS

Idade do informante: _____

Sexo: _____

Nível de escolaridade: _____

Profissão que desempenhava: _____

QUESTIONÁRIO

1-De que cidade você é?

R: _____

2- Há quanto tempo trabalha e como é a vida no garimpo?

R: _____

3- Você gosta do trabalho no garimpo? Por quê?

R: _____

4- Você tem contato com garimpeiros de outras cidades? Como identificou que o garimpeiro era de outro lugar?

R: _____

5- Houve mudança no português que você falava em relação ao que se fala hoje? Cite algumas palavras que você considera novas e palavras que julga ser mais utilizada no seu grupo.

R: _____

6- Existe concorrência no garimpo?

R: _____

7-Você considera que foi uma criança comportada? Conte uma história de sua infância que você lembra com saudade.

R: _____

ATIVIDADE: VISITA AO MUSEU ARACY PARAGUASSÚ

Informante: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

QUESTIONÁRIO

1-Quando foi inaugurado o Museu Aracy Paraguassú? Qual era o objetivo de sua fundação?

R: _____

2- Há quanto tempo você trabalha no museu e qual é a função que exerce?

R: _____

3-Você considera que houve mudança na forma de usar a língua portuguesa nos jornais locais de antigamente em relação ao modo de escrever de hoje? Por quê?

R: _____

4-O museu é bastante visitado? Qual o perfil das pessoas que frequentam este espaço?

R: _____

5- Em sua opinião qual é a maior contribuição do museu para a cidade de Itaituba?

R: _____

6- Qual foi o maior desafio já enfrentado pelo museu desde sua fundação?

R: _____

7- Existe algum fato ou situação que tenha acontecido na história de Itaituba que você recorda com saudade? Se sim, relate-o.

ANEXOS

ANEXO A – SUMÁRIO LIVRO 1

Sumário



UNIDADE I

Convivência e liberdade, 9

Capítulo 1 — Convivência, 10

Texto visual — William Holman Hunt, <i>O despertar da consciência</i>	10
Texto 1 — Moacyr Scliar, <i>Os namorados da filha</i>	11
Oficina de produção — Crônica argumentativa	15
Fatos da língua — Revisão: período simples e período composto / A coordenação e a subordinação das orações	20
Construção da escrita — Palavras homônimas	25
Texto 2 — Rosely Sayão, <i>Educação de hoje adia fim da adolescência</i>	27
Oficina de produção — Artigo de opinião	31
Sentidos da linguagem	34
Texto 3 — Walcyr Carrasco, <i>A morcega</i>	35
Oficina de produção — Notícia	40
Fatos da língua — O período composto por coordenação: orações coordenadas	43

Capítulo 2 — Liberdade, 50

Texto 1 — Lya Luft, <i>Sobre pais e filhos</i>	50
Fatos da língua — Denotação e conotação	54
Poema — verso, estrofe, métrica, rima e ritmo	55
Oficina de produção — Poema	62
Variações linguísticas — Estrangeirismos	65
Texto 2 — Antonio Skármeta, <i>O carteiro e o poeta</i>	69
Oficina de produção — Resenha de filme	74
Fatos da língua — Figuras de linguagem	79
Oficina de projetos — Os jovens e suas tribos no século XXI	91
Programe-se	93



UNIDADE II

Meio ambiente, sociedade e preservação, 95

Capítulo 1 — Meio ambiente e sociedade, 96

Texto visual — Jan Havicksz Steen, <i>O jogo de boliche ante a estalagem</i>	96
Texto 1 — Leoleli Camargo, <i>Como o calor vai afetar o Brasil</i>	97

